

MEMORIAS
DE
JOSÉ GARIBALDI

VOLUME I. — SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA — 1860

The Project Gutenberg eBook of Memorias de José Garibaldi, volume 1

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Memorias de José Garibaldi, volume 1

Author: Giuseppe Garibaldi

Translator: Alexandre Dumas

Release date: August 18, 2016 [eBook #52847]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Júlio Reis, Leonor Silva and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>.

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK MEMORIAS
DE JOSÉ GARIBALDI, VOLUME 1 ***

Nota do transcritor.

Índice.

GARIBALDI.

MEMORIAS
DE
JOSÉ GARIBALDI

TRADUZIDAS DO MANUSCRIPTO ORIGINAL

POR
ALEXANDRE DUMAS

VOLUME I.—SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA—1860
EDICTOR A. P. C.
CHIADO, 83-85

MEMORIAS DE GARIBALDI



PROLOGO

Como todo o presente tem ligação com o passado é impossivel começar qualquer narração, ainda que seja a historia de um homem ou de um successo, sem lançar os olhos para esse mesmo passado.

Obrigados pelo character aventureiro do homem de que começamos hoje a publicar as memorias, seremos muitas vezes forçados a ir ao Piemonte, patria de Garibaldi. Os homens de acção politica, quando pertencem ao progresso, teem momentos de desalento, nos quaes como Anteo tem necessidade para recobrar novas forças de tocar n'essa terra patria que Bruto na sua fingida loucura beijava como a mãe commum. É pois mui importante fazer um estudo rapido dos acontecimentos que tiveram logar no Piemonte de 1820 a 1834, época em que começa esta historia.

As guerras da republica e as invasões do imperio tinham trazido á Sardenha dous homens que haviam partido para o exilio ainda jovens e voltavam velhos; eram dois irmãos, nos quaes terminava a posteridade masculina dos duques de Saboia: fallamos de Victor Manuel I e Carlos Felix.

Ambos reinaram.

O ramo mais novo da familia Saboia era representado pelo principe de Carignan, que em 1823 fez como granadeiro do exercito francez a campanha de Hespanha, tendo-se distinguido principalmente no Trocadéro.

Em 1840 n'uma audiencia que me concedeu mostrou-me o seu sabre de granadeiro, e as dragonas de lã encarnada que conservava como reliquias da mocidade.

Victor Manuel I subindo ao throno, que provavelmente não lhe fora dado senão com esta condição, havia promettido aos

soberanos seus aliados, o não fazer ao seu povo, fossem quaes fossem as circunstancias, em que se encontrasse a mais pequena concessão.

Mas o que era facil de prometter em 1815, era difficil de cumprir em 1821.

Desde 1820 os carbonarios haviam-se espalhado em toda a Italia. Em um livro que é mais uma historia do que um romance, no *José Balsamo* dissemos as origens do illuminismo e da franc-maçonaria.

Estes dois temiveis inimigos da realza de que a divisa era L. P. D. (*Lilia Pedibus Destrue*) tiveram uma grande parte na revolução franceza. Swedenborg, de quem os adeptos assassinaram Gustavo III, era mago. Quasi todos os jacobinos e grande numero de *cordeliers* eram maçons, Philippe-Egalité era do grande oriente. Napoleão tomou a maçonaria debaixo da sua protecção, mas protegendo-a, desvirtuou-a, desviando-a dos seus fins, torcendo-a á sua conveniencia e fazendo d'ella um instrumento de despotismo. Não foi esta a unica vez que se forjaram cadeias com espadas.

José Napoleão foi grão-mestre da ordem, o archi-chancellor Cambacères grão-mestre adjunto. A imperatriz Josephina estando em Strasbourg em 1805, presidiu á festa da adopção da loja dos franc-maçons de Paris. Por este mesmo tempo Eugenio Beauharnais era veneravel honorario da loja de Santo Eugenio de Paris, e tendo vindo mais tarde á Italia com a dignidade de vice-rei, o Grande Oriente de Milão o nomeou grão-mestre e soberano conservador do supremo conselho do gráo xxxii, isto é, concedeu-lhe a maior honra que segundo os estatutos da ordem se póde dar.

Bernardotte era maçon, seu filho o principe Oscar foi grão-mestre da loja sueca. Em differentes lojas de Paris foram successivamente iniciados: Alexandre, duque de Wurtemberg, o principe Bernardo de Saxe-Weimar, e até o embaixador persa Askeri-Khan. O presidente do senado, conde de Lacépède presidia ao grande Oriente de França de que eram officiaes os generaes Kellermann, Massena, Soult, os principes, os ministros e os marechaes, os officiaes, os magistrados, emfim todos os homens notaveis pela sua gloria ou consideraveis pela sua posição

ambicionavam a honra de serem maçons. As proprias mulheres quizeram ter as suas lojas maçônicas, nas quaes entraram M.^{mes} de Vaudemont, de Carignan, de Girardin, de Bosi, de Narbonne, e muitas outras pertencentes á alta aristocracia franceza. Uma unica foi recebida, não com o titulo de irmã, mas com o de irmão: foi a celebre Xaintrilles, a quem o primeiro consul tinha dado a patente de chefe de esquadra.^[1] Mas não era só em França que n'essa época florescia a maçonaria.

O rei da Suecia, em 1811 instituiu a ordem civil da maçonaria. Frederico Guilherme III da Prussia tinha, pelos fins do mez de julho de 1800 approved a constituição da grande loja de Berlin. O principe de Galles não cessou de governar a ordem em Inglaterra, senão quando em 1813 foi nomeado regente. Emfim no mez de fevereiro 1814, o rei da Hollanda, Frederico Guilherme, declarou-se protector da maçonaria, e permittiu que o principe real, seu filho acceitasse o titulo de veneravel honorario da loja de Guilherme Frederico de Amsterdam.

Depois da volta dos Bourbons á França o marechal Bournonville pediu a Luiz XVIII para collocar a maçonaria debaixo da protecção d'uma pessoa da familia real; mas como Luiz XVIII era dotado de excellente memoria, e não havia esquecido a parte que ella tinha tomado na catastrophe de 1793 recusou, dizendo que nunca consentiria que membro algum da familia real, formasse parte de qualquer sociedade secreta fosse ella qual fosse.

Na Italia a maçonaria cahiu com o dominio francez, mas em seu logar vieram os carbonarios, que mostravam querer continuar o seu pensamento libertador.

Duas outras seitas appareceram ao mesmo tempo.

Uma que se chamava a Congregação catholica apostolica romana, e a outra a Consistorial.

Os socios da Congregação tinham, como signal de reconhecimento, um cordelinho de seda amarella com cinco nós. Os pertencentes aos grãos inferiores não fallavam senão de actos de piedade e beneficencia. Dos segredos da seita, conhecidos unicamente pelos altos dignatarios, só se podia fallar quando se

achavam presentes dois associados; se por acaso um terceiro chegava, a conversação cessava immediatamente. A palavra de passe dos confrades era *éleutheria*, isto é, *liberdade*, a palavra secreta era *ode*, isto é, *independencia*.

Esta seita creada em França, entre os neo-catholicos, e a que pertenceram muitos dos nossos melhores e mais constantes republicanos, tinha atravessado os Alpes, chegado ao Piemonte e de lá á Lombardia. Mas aqui foram infelizes, pois obtiveram poucos adeptos, não tardando muito a extinguir-se, tendo os agentes de policia alcançado em Genova os diplomas que se entregavam aos adeptos assim como os estatutos e signaes de reconhecimento.

A consistorial era dirigida principalmente contra os austriacos. Á sua frente se achavam os principaes principes da Italia que não pertenciam á casa de Kabsbourg e era presidida pelo cardeal Gonsalvi. O unico principe que não foi excluido foi o duque de Modena. Logo que esta liga foi conhecida começaram as terriveis perseguições d'este principe contra os patriotas. É que elle queria obter da Austria o perdão da sua deserção, sendo necessario o sangue de Menotti seu companheiro na conspiração para o alcançar.

Os consistoriaes queriam tirar a Italia a Francisco II e dividil-a entre si.

Além de Roma e da Romania que elle guardava, o papa adquiria a Toscana. A ilha de Elba e as Marchés passavam para o poder do rei de Napoles; Parma, Pelazainge, e uma parte da Lombardia, com o titulo de rei ao duque de Modena; Massa, Carrara, e Luca ao rei da Sardenha. Emfim o imperador Alexandre da Russia que pela sua aversão á Austria protegia esta conspiração, ou recebia Ancona, Civita-Vecchia, ou Genova para poder ter um estabelecimento no Mediterraneo. Por esta fórma sem se consultar a vontade dos povos nem as demarcações territoriaes, dispunha-se de uma grande porção de almas, negando-se-lhe esse direito de escolha a que a ultima creatura nascida no solo europeu tem direito.

Por felicidade um unico de todos estes projectos, o dos carbonarios, parecia emanado de Deus e quasi a realizar-se.

Os carbonarios em quem unicamente havia esperança augmentavam consideravelmente nas Romanias. Haviam-se reunido á seita dos guelfos que tinham a sua séde em Ancona, e se apoiavam nos bonapartistas.

Luciano tinha sido elevado á dignidade de grão-mestre da ordem. Nas reuniões secretas mostrava-se a necessidade de tirar aos padres o poder que haviam alcançado; invocava-se o nome de Bruto e preparavam-se os animos á revolta.

Em a noute de 24 de junho teve logar a revolução, obtendo o funesto resultado que todas as primeiras tentativas d'este genero costumam alcançar. Toda a religião que deve ter apostolos, começa por ter martyres. Cinco carbonarios foram fuzilados, outros condemnados ás galés perpetuamente, e alguns julgados menos culpados foram encerrados por dez annos em uma fortaleza.

Então a seita tornando-se mais prudente mudou de nome, começando a chamar-se a Sociedade Latina. Nesta occasião a mesma sociedade conspirava na Lombardia, estendendo-se pelas outras provincias da Italia. No meio d'um baile dado pelo conde Porgia em Rovigo o governo austriaco fez prender muitas pessoas e declarou no dia seguinte criminoso d'alta traição todo o individuo que se filiasse nas lojas dos carbonarios.

Em Napoles foi aonde a rebellião appareceu com mais violencia. Cobetta affirma na sua historia que o numero dos carbonarios era de 642:000 e segundo um documento da chancellaria aulica de Vienna este numero ainda está muito abaixo da verdade. «Os carbonarios nas Duas Sicilias diz este documento contam mais de 800:000 adeptos, e não havendo policia nem vigilancia possivel para evitar tal alistamento seria loucura tentar anniquilal-os.»^[2]

Ao mesmo tempo que a rebellião tinha logar em Napoles, Riego, outro martyr que deixou um cantico de morte, tornado depois em canção de victoria, levantava no 1.º de janeiro de 1820 a bandeira da liberdade, e um decreto de Fernando VII annunciou que tendo-se manifestado a vontade do povo, estava prompto a jurar a constituição proclamada pelas côrtes geraes e extraordinarias de 1812.

As prisões abrindo-se deram um ministerio á Hespanha.

Fernando I de Napoles na sua qualidade de principe de Hespanha, devia, ficando rei absoluto, jurar obediencia á constituição hespanhola. Teve então logar uma grande rebelião na Calabria, em Capitanata e em Palermo. O governo napolitano fraco, indeciso e desconfiado decretou algumas refórmias insufficientes que não impediram o general Pepe de fazer uma revolução. Napoles teve então como 1798, um governo provisorio e uma camara de deputados.

Foi algum tempo depois que por sua vez rebentou a revolução piemonteza. Na manhã de 10 de março o capitão conde Palma dando o grito de «o rei e a constituição hespanhola» fez pegar em armas ao regimento de Genova.

No dia seguinte um governo provisorio estava estabelecido, e em nome do reino de Italia declarava a guerra á Austria.

D'este modo a revolução partindo d'Ancona tinha chegado a Napoles voltando a Turim. Tres volções se tinham aberto na Italia sem contar a Hespanha; agitando-se a Lombardia n'um triangulo de fogo.

O rei Victor Manuel havia promettido, como já dissemos, á santa alliança não fazer ao seu povo nenhuma concessão.

No dia seguinte para ficar fiel á sua palavra, o rei Victor Manuel abdicou em favor de seu irmão Carlos Felix que se achava então em Modena, e nomeou regente o principe de Carignan, que foi depois o rei Carlos Alberto.

Para todos os patriotas esta abdicação de um rei dedicado aos italianos em um principe dominado pela côrte de Austria era uma grande desgraça.

Santa Rosa um dos primeiros promotores da rebelião diz:

«A noute de 13 de março de 1821 foi bem fatal para minha patria. Foi n'essa noute que perdemos todas as nossas esperanças, foi n'essa noute que milhares de espadas erguidas para a defeza da patria se abaixaram. Com o rei Victor Manuel a patria estava no rei, ella se

personalisava n'esse coração leal, e nós fazendo esta revolução, dizíamos: «Coragem! O rei talvez um dia nos perdoe de o havermos feito senhor de seis milhões de italianos.»

Com Carlos Felix succedia exactamente o contrario. Estavam outra vez debaixo do jugo da Austria, e viam-se obrigados a começar de novo os seus trabalhos.

Comtudo toda a esperança ainda não estava perdida.

No dia 14 de março o principe de Carignan nomeado regente appareceu á janella, e no meio dos vivas calorosos do povo proclamou a constituição de Hespanha.

Como este facto devia ter no futuro grande importancia, como o principe Carlos Alberto devia um dia desmentir o principe de Carignan, é necessario não só citar o facto da constituição proclamada em alta voz, mas tambem dar uma cópia do edital que foi affixado nos muros de Turim.

Eis a traducção fiel:

«Nas circumstancias difficeis em que nos achamos é necessario sahir fóra dos limites que a nossa qualidade de regente nos impõe. O nosso respeito e submissão a sua magestade Carlos Felix, actual soberano, devia-nos obstar a que fizéssemos alguma alteração nas leis fundamentaes do estado, até que soubéssemos as intenções do nosso novo soberano, mas como as circumstancias imperiosas porque passamos são conhecidas por todos, e como queremos entregar ao novo rei um povo socegado e feliz e não despedaçado pela guerra civil, decidimos, ouvido o nosso conselho e na esperança de que sua magestade levado pelas mesmas considerações, revistirá a nossa deliberação da sua approvação soberana, que a constituição de Hespanha seja reconhecida como lei do estado, fazendo-se as alterações que o rei e a representação nacional entenderem.»

Eis o que os carbonarios tinham obtido cinco annos depois do seu estabelecimento em Italia: uma constituição em Hespanha, outra em Napoles, e outra no Piemonte.

Mas esta tendo sido a ultima em apparecer, foi a primeira a ser destruida.

Em logar de voltar a Genova ou a Milão, em logar de approvar as liberdades concedidas pelo principe de Carignan, o rei Carlos Felix publicou no dia 3 de abril seguinte o edito que vamos ler:

«Sendo o dever de todo o subdito fiel sujeitar-se da melhor vontade á ordem de cousas estabelecidas por Deus e pelo exercicio da soberana authoridade, declaro que emanando o nosso poder só de Deus, só a nós pertence escolher os meios que julgarmos mais convenientes para chegar a qualquer fim, e que em consequencia não teremos como subdito fiel aquelle que se atrever a murmurar contra as medidas que julgarmos necessario adoptar, ficando conhecidos só como vassallos fieis aquelles que se submetterem immediatamente, impondo esta submissão como condicção para voltarmos aos nossos estados.»

Ao mesmo tempo que o rei Carlos Felix publicava este edito modelo de cegueira e asneira, nomeava uma commissão militar encarregada de tomar conhecimento dos crimes de traição, rebellião e insubordinação que tinham sido commettidos.

Felizmente os principaes criminosos, isto é, aquelles de que os nomes são hoje os mais gloriosos do Piemonte, haviam tomado a fuga.

A commissão nomeada por Carlos Felix não perdeu o tempo. Em cinco mezes, cento e setenta e oito prisioneiros foram julgados. Setenta e tres foram condemnados á morte e ao fisco, e os outros á prisão e galés. Dos condemnados á morte sessenta eram contumazes e foram enforcados em effigie.

Julgamos conveniente dizer os nomes d'esses homens para que se conheçam aquelles que feriram esse poder estupidamente

absoluto que desde Tarquino não tem sabido abater senão as cabeças mais inteligentes e elevadas.

Eram os tenentes Pavia e Ansaldi, o medico Ratazzi, o engenheiro Appiani, o advogado Dossena, o advogado Lurri, o capitão Baroni, o conde Bianco, o coronel Regis, o major Santa-Rosa, o capitão Lesio, o coronel Caraglio, o major Collegno, o capitão Radice, o coronel Morozzo, o principe della Cisterna, o capitão Ferraso, o capitão Pachiarotte, o advogado Marochetti, o segundo tenente Auzzano, e o advogado Ravina.

Ao todo seis officiaes superiores, trinta officiaes subalternos, cinco medicos, dez advogados, e um principe, todos notaveis pela intelligencia e pelas qualidades moraes.

Dois tinham sido presos e executados.

Eram o tenente de carabineiros João Baptista Lanari e o capitão Jacome Garelli.

Um foi executado a 21 de julho, e o outro a 25 de agosto.

O principal criminoso era, sem duvida, Carlos Alberto, pois havia proclamado a constituição, não como dizem os seus partidarios, *salvo a aprovação de Carlos Felix*, mais n'estes termos que estão mui longe de serem reservados:

«*Nella fiducia che sua Maesta il re, nosso dál eistesse considerazioni* SARA PER RIVESTIRE *questa deliberazione della sua socrasia approvazione, la costituzione di Spagna* SARA PROMULGATA ET OSSERVATA COM LEGE DELLO STATO.»

Por isso assim que o principe de Carignan recebeu a carta que lhe participava a recusa do rei Carlos Felix, correu a Modena, mas o rei recusou recebê-lo e o duque mandou-o intimar para deixar os seus estados.

O principe de Carignan retirou-se para Florença para o lado do grão duque de Toscana.

Para Carlos Alberto não se tratava unicamente de um simples exilio, ou d'um desvalimento momentaneo, mas sim da perda do throno do Piemonte. Espalhou-se então que Carlos Felix legava a corôa ao duque de Modena, e este que não a havia alcançado na

conspiração dos principes italianos contra a Austria, esperava esta vez realizar a sua ardente ambição.

O principe de Carignan disse ao conde de la Maison-Fort, nosso ministro em Florença, qual era a sua posição, e este escreveu a Luiz XVIII relatando-lhe tudo.

Eis um fragmento da carta d'este ministro:

«Para despojar o principe de Carignan da sua herança é necessario chamar ao throno a duqueza de Modena, filha mais velha do rei Victor Manuel. Esta facilidade em affastar a nobre casa da Saboia de um throno por ella creado, esta ingratição, exemplo do seculo em que vivemos, não póde ser partilhada pelo chefe de uma casa alliada com a Saboia dezoito vezes. A França pois não póde seguir esta politica, porque tem ao menos o direito de exigir a completa independencia do soberano que possue a chave da Italia.»

Luiz XVIII foi de opinião do seu ministro, e escreveu ao principe offerecendo-lhe um refugio na cõrte de França. A conducta de Luiz XVIII era o mesmo que dizer—Não tem cousa alguma a receiar, tomo-o debaixo da minha protecção e não consentirei que outro seja rei do Piemonte.

E na verdade um rei que havia dado a carta ao seu povo, não podia criminar um principe por ter promettido uma constituição que não havia reconhecido.

Das tres constituições creadas pelos carbonarios, uma, a do Piemonte tinha sido logo anniquilada pelo rei Carlos Felix; a de Napoles havia sido destruida pela invasão austriaca, e a terceira, a unica existente ia desapparecer com a invasão franceza.

Era, pois, necessario ao principe de Carignan que havia proclamado a constituição hespanhola em Turim ir combater essa mesma constituição a Madrid.

Na realidade era uma posição difficil para o principe, mas a corôa do Piemonte tinha muitos attractivos para elle se occupar de bagatellas.

O principe de Carignan occultou a vergonha debaixo da barretina de granadeiro; fez a campanha de Hespanha e foi um dos vencedores de Trocadéro. D'esta sorte quando Carlos Felix falleceu, 27 de abril de 1851, o principe de Carignan subiu ao throno, com o nome de Carlos Alberto, tendo a vencer poucas difficuldades. A Austria que antes queria ver no throno o seu archi-duque de Modena, enfureceu-se e apresentou aos reis Carlos Alberto como um carbonario, e aos carbonarios como um traidor.

A Austria mentia.

Carlos Alberto não era carbonario: a proclamação em que concedia a constituição mostrava que a dava contra sua vontade.

Carlos Alberto não era um traidor, era um principe que ambicionando o titulo de rei, não havia feito compromissos pessoas. A vergonha de ir abolir á Hespanha a constituição que tinha proclamado em Turim, tinha desaparecido pela coragem do granadeiro: o soldado havia absolvido o principe.

D'esta sorte a sua acclamação foi saudada com alegria pelos patriotas italianos.

Del Pozzo escreveu-lhe de Londres aonde se achava refugiado:

«Os meios termos e as medidas incompletas na politica não servem para cousa alguma: o Piemonte quer um rei constitucional.»

Outro patriota que guardou o incognito, escreveu-lhe de Marselha:

«Colloque-se á frente da nação, escreva na sua bandeira —*União, liberdade e independencia*—declare se vingador e interprete dos direitos populares, trate de regenerar a Italia, livre-a dos seus inimigos, e cuidando no futuro dê o seu nome a um seculo, e seja o Napoleão da liberdade italiana.

«Atire á Austria com a luva o nome da Italia, e estou certo que com este escudo fará prodigios. Appelle para tudo o que ha de grande e generoso na Peninsula. Uma mocidade ardente e corajosa impellida pelas duas paixões que fazem

os heroes, o odio e a gloria, vive ha muito tempo com um só pensamento, e o seu mais ardente desejo é realisal-o.

«Chame essa mocidade ás armas, ponha as cidades e fortalezas debaixo da guarda dos cidadãos, e livre por este modo de todo e qualquer cuidado que não seja o vencer, reuna em volta de si todos aquelles que sendo notaveis pela intelligencia e pelo valor estejam isemptos de paixões infames. Inspire confiança ao povo, dissipe todas as duvidas sobre as suas intenções, chamando para o seu lado os homens livres. Senhor, digo-lhe a verdade: os verdadeiros patriotas hão-de avalial-o pelas suas acções, mas sejam ellas quaes forem, esteja seguro de que a posteridade verá em V. M. o primeiro dos homens ou o ultimo dos tyrannos.

«Escolha.»

O que na realidade torna os reis os escolhidos do Senhor é que só a elles se escrevem similhantes cartas. Se Carlos Alberto tivesse seguido os conselhos do seu mysterioso correspondente, teria sem duvida começado por Goita, mas talvez não tivesse finalisado por Novara.

Carlos Alberto despresou estes conselhos, e em lugar de entrar no largo caminho que se lhe apresentava, metteu-se em uma estrada tortuosa d'onde poucos teem saído incolumes.

Desde este momento o divorcio foi declarado entre o rei da Sardenha e a joven Italia. A joven Italia! Foi por esta epocha que pela primeira vez se pronunciaram estas tres palavras. De que se compunha ella então? De José Mazzini o infatigavel promotor da união italiana. José Mazzini apenas conhecido n'esta epocha por algumas publicações politicas vendo-se perseguido pela policia havia-se refugiado em Marselha aonde collocava a primeira pedra da sua grande empreza enviando com milhares de difficuldades para o Piemonte os exemplares da sua *Joven Italia*.

A nobreza e o clero piemontez que se haviam apoderado do espirito de Carlos Alberto, começaram a receiar pelo seu poder. Havia dois annos que se tinham estabelecido na côrte, e por isso conheciam qual elle era. Desconfiavam da politica duvidosa de

Carlos Alberto, e tinham medo que um dia lhe apparecesse, não alguma sombra de liberdade, mas sim uma idéa ambiciosa. Sabiam que Carlos Alberto n'essas noites de febre, como só os reis teem, sonhava com o throno da Italia.

Para alcançar esse throno seria necessario coadjuvar a revolução. O throno de Italia não estava á disposição dos reis, mas sim do povo.

Era necessario collocar uma barreira entre elle e os patriotas.

Um dia alguém disse:

É tempo de lhe fazer derramar algum sangue.

No mesmo dia Carlos Alberto foi prevenido de que no exercito uma grande conspiração se tramava com o fim de lhe tirar o throno.

Os factos foram desnaturados, os perigos exagerados. Attacaram todas as fibras do homem e do principe para lhe dar esse ressentimento mortal de que tinham necessidade esses homens que se intitulam os salvadores das monarchias.

Uma commissão criminal extraordinaria foi creada em Turim para dirigir todos os supplicios que tivessem logar no Piemonte.

Esta commissão decidiu que todos os accusados militares ou paisanos seriam sentenciados por ella. Foi a primeira violação do codigo penal.

Por esta occasião é que se deu o facto memoravel que vamos relatar.

Um official que se assentava como juiz no conselho de investigação fez algumas perguntas sobre principios de direito criminal a um jurisconsulto. Este respondeu-lhe que a primeira base de toda e qualquer lei, que a primeira regra de todo o codigo era:

«Que um conselho de investigação militar se devia declarar incompetente para julgar cidadãos.»

—Isso é impossivel, disse o official, porque o general ordenou que nos declarassemos competentes.

D'esta vez a base da lei, a regra do codigo foi a ordem do general.

O primeiro que manchou com o seu sangue o manto do novo rei, foi o cabo Tamburelli, que foi fuzilado pelas costas, por haver cometido o crime de lêr aos seus soldados a *Joven Italia*. O segundo foi o tenente Tolla culpado por ter tido em seu poder livros sediciosos, e conhecendo o author não o haver denunciado. Como Tamburelli foi fuzilado pelas costas. Era uma engenhosa invenção da magistratura piemonteza para assemelhar o supplicio do fuzilado ao da forca.

Já não era sufficiente matar, era preciso tambem deshonar. A de 15 de Junho foram tão bem fuzillados *pelas costas* o sargento Miglio, José Deglia e Antonio Gaortti.

Todos morreram com uma coragem admiravel.

Jacopo Rufini estava encerrado nas prisões da torre de Genova. Tentavam tirar-lhe as forças por todos os meios possiveis: falta de comida e de somno, sentia que se enfraquecia, não só physicamente, mas moralmente, por isso resolveu não esperar que o collocassem entre a morte e a vergonha, e receiando que chegado esse momento não tivesse forças para escapar á morte, arrancou uma lança de ferro da porta da prisão, afiou-a e degolou-se com ella.

Nas agonias da morte teve forças sufficientes para escrever na muralha com letras de sangue:

«Lego á Italia a minha vingança.»

Quando no dia seguinte entraram na prisão acharam-n'o morto.

Em Genova foram fuzilados Luciano Placenzo e Luiz Turfo.

Em Alexandria Domingos Ferrari, José Menardi, José Rigano, Assani Costa, Giovanni Marini e depois Andrea Vochieri.

Escreveremos algumas linhas sobre Andrea Vochieri, assim como fizemos de Jacopo Rufini.

Um condemnado d'Alexandria que escapou ás torturas de Fenestrelle, deixou nas suas memorias a narração da agonia de Andrea Vochieri:

«Tiraram-me, diz elle, fallando de si, os meus livros que se compunham de uma Biblia, de um livro de orações e de uma Historia dos Capuchos illustres do Piemonte. Depois pozeram-me ferros aos pés e conduziram-me a outra prisão mais humida mais escura e mais sordida que primeira. As janellas tinham duas ordens de grades e as portas cadêas dobradas. Esta prisão era proxima da do pobre Vochieri. Alguns buracos na parede permittiam-me ver tudo quanto ali se passava.

«Estava deitado em um miseravel banco com ferros aos pés, dois guardas collocados ao lado com a espada núa, e uma sentinella armada com uma espingarda se achava á porta. Reinava n'este medonho carcere um silencio sepulchral e os soldados pareciam mais consternados do que o proprio prisioneiro. Dois frades capuchos vinham com curtos intervallos vel-o e exhortal-o.

«Apesar da grande dôr que sentia em vêr aquelle martyr em similhante estado não podia deixar de o contemplar a todos os momentos. No fim de oito dias vieram buscal-o para o conduzir á morte.»

O que este prisioneiro não relata porque não o sabia, é que Vochieri foi levado ao supplicio pelo caminho mais longo, sendo obrigado a passar por defronte da casa aonde habitava sua irmã, sua esposa e seus filhos. Esperavam que vendo tudo o que elle tinha de mais cara no mundo perdesse a coragem e fizesse algumas revelações.

Vochieri sorriu tristemente:

—Esqueceram, disse elle, que ha no mundo uma coisa que adoro mais do que esposa, irmã e filhos... é a Italia. Viva a Italia!

Voltando-se então para os guardas que o iam fuzilar, e que eram condemnados das galés em lugar de soldados, disse esta unica palavra:

—Vamos!

Quinze minutos depois cahia atravessado por seis ballas.

Havia n'essa época em Niza um mancebo de vinte e seis annos que vendo correr este sangue fazia comsigo mesmo o juramento de consagrar toda a sua vida ao culto d'essa liberdade pela qual morriam tantos martyres.

Esse mancebo era GARIBALDI.

ALEXANDRE DUMAS.

MEMORIAS DE GARIBALDI

MEUS PAES

Nasci em Niza, a 22 de julho de 1807, não só na casa, mas no proprio quarto em que nasceu Masséna. O illustre marechal era, como ninguem ignora, filho de um padeiro. Nas lojas d'aquelle predio ainda hoje se conserva uma padaria.

Antes de fallar a meu respeito seja-me permittido dizer duas palavras de meus estimados paes de que o excellente character e profunda ternura tanta influencia tiveram na minha educação e disposições phycas.

Meu pae, Domingos Garibaldi, natural de Chiavari, era como meu avô marítimo. Vindo ao mundo o primeiro objecto que seus olhos viram foi o mar, e era no mar que devia passar quasi toda a sua vida. Estava bem longe de possuir os conhecimentos que são o apanagio dos homens da sua classe, e principalmente do nosso seculo. Não havia formado a sua educação em uma escola especial, mas sim nos navios de meu avô.

Mais tarde capitaneou uma embarcação com grande felicidade. Soffreu immensos incidentes uns felizes, outros desgraçados, e muitas vezes ouvi dizer que nos poderia ter deixado mais bens de fortuna do que nos legou.

Mas que importa isso! Meu pobre pae era livre de gastar como intendesse um dinheiro tão laboriosamente ganho, e eu não lhe sou menos reconhecido por esse facto. De mais ha uma coisa, de que estou intimamente convencido e é, de que todo o dinheiro que dispendeu n'este mundo o que gastou com a minha educação foi o que com mais prazer saín das suas algibeiras apesar dos grandes sacrificios que para isso era obrigado a fazer.

Não julguem por isto que a minha educação foi aristocratica. Meu pae não me mandou ensinar gymnastica, jogo d'armas ou equitação. A gymnastica apprendi-a trepando pelos cabos dos navios, e deixando-me escorregar pelas enxarcias; a esgrima defendendo a minha cabeça e tentando o melhor que podia quebrar a dos outros, e a equitação tomando os exemplos dos primeiros cavalleiros do mundo, isto é, dos Gauchos.

O unico exercicio corporal da minha mocidade, para o qual tambem não tive mestre, foi a natação. Não me lembro quando, e como aprendi a nadar, mas julgo que sempre o soube, pois desconfio que nasci amphibio. Assim não obstante o pouco prazer que tenho em me prodigalisar elogios, como sabem todos aquelles que me conhecem, não posso deixar de dizer que, sou um dos melhores nadadores existentes. Sendo conhecida a confiança que tenho em mim é escuzado dizer que nunca hesitei em me atirar á agua quando era necessario salvar um dos semelhantes.

Entretanto se meu pae não me mandou ensinar todos estes exercicios a culpa não foi sua, mas sim da epocha calamitosa porque atravessavamos. N'estes tempos desgraçados o clero era o senhor absoluto do Piemonte, e todos os seus esforços eram tornar os mancebos em frades inuteis e mandriões em lugar de cidadãos aptos para servirem a nossa desgraçada patria. O amor profundo que me consagrava meu pobre pae, até lhe fazia receiar que se eu recebesse alguma instrucção, isso me fosse funesto para o futuro.

Rosa Raymundo, minha mãe, era, digo-o com bastante orgulho, o modelo das mulheres. Todo o bom filho deve dizer o mesmo de sua mãe, mas nenhum o dirá com mais justiça do que eu.

Um dos remorsos de toda a minha vida, talvez o maior, foi e será o ter tornado desgraçados os seus ultimos dias! Só Deus sabe quanto ella soffreu com a minha vida aventureira, porque só Deus sabe o immenso amor que minha mãe me consagrava. Se em mim existe algum sentimento bom, confesso-o, e com bastante ufania, é a ella a quem o devo. O seu character angelico devia forçosamente deixar-me alguns vestigios. Não será á sua piedade pelos desgraçados, á sua compaixão pelos infelizes, que eu devo este

amor pela patria, amor que me mereceu a affeição e sympathia dos meus compatriotas?

Não sou supersticioso, mas devo dizer que nas circumstancias mais criticas da minha vida, quando o oceano rugindo erguia o meu navio como um pedaço de cortiça, quando as bombas assobiavam a meus ouvidos como o vento da tempestade, quando as ballas cahiam em volta de mim como a saraiva, via sempre minha pobre mãe ajoelhada aos pés do SENHOR orando pelo filho das suas entranhas. Se algumas vezes mostrei uma coragem de que muitos se admiraram, é porque estava convencido de que não me succederia desgraça alguma quando tão santa mulher, quando semelhante anjo orava por mim.

II

OS MEUS PRIMEIROS ANNOS

Os primeiros annos da minha mocidade foram passados, como são os de todas as creanças, isto é, rindo e chorando sem saber porque, estimando mais o prazer que o trabalho, os divertimentos que o estudo, e não aproveitando, como devia ter feito, os sacrificios que meus paes faziam por meu respeito. Cousa alguma extraordinaria aconteceu durante a minha infancia. Tinha um excellente coração, sendo este um bem emanado de Deus e de minha mãe. Escusado é dizer que os impulsos d'esse coração eram por mim immediatamente satisfeitos. Tive sempre grande compaixão por tudo o que era fraco e soffredor. Esta compaixão estendia-se até aos animaes, ou antes começava por elles. Lembra-me de que um dia apanhei um grillo e que levando-o para o meu quarto, ahi passei alguns momentos brincando com elle, até que com essa ineptia ou antes brutalidade da infancia lhe arranquei uma perna: a minha dôr foi tal, que passei muitas horas encerrado no meu quarto chorando amargamente.

Outra vez indo a Var á caça com um primo meu, parei ao pé d'um profundo fosso aonde as lavadeiras costumavam lavar a roupa e aonde n'aquelle momento se achava uma pobre mulher lavando a sua. Não sei como, mas esta desgraçada caiu no fosso. Apesar de ser mui novo—tinha então oito annos—atirei-me á agua conseguindo salvar-a. Conto este caso para provar quanto é natural em mim um sentimento que me leva a soccorrer o meu semelhante, e para se conhecer o pouco valor que tem o fazel-o.

Entre os professores que tive n'esta epocha da minha vida, contam-se o padre Giovanni e o senhor Arene, a quem eu conservo

um reconhecimento particular.

Com o primeiro aproveitei pouco, porque, como já disse, tinha mais disposição para brincar e vadear, do que para trabalhar. Resta-me sobre tudo o pesar de não haver estudado o inglez, como o teria podido fazer, porque sendo o padre Giovanni de casa e quasi de familia, as suas lições resentiam-se da muita familiaridade que entre nós existia. Todas as vezes que sou obrigado a tractar com inglezes, que não são poucas, este sentimento renova-se sempre. Ao segundo, optimo professor, é a quem devo o pouco que sei, mas o que mais lhe agradeço, e porque lhe serei eternamente grato, é haver-me ensinado a minha lingua materna pela constante leitura da historia romana.

A grave falta de não ensinar ás creanças a lingua e historia patria é frequentemente commettida em Italia, e principalmente em Niza, onde a proximidade de França influe muitissimo na educação. É pois a esta primeira leitura da nossa historia, e á persistencia com que meu irmão mais velho, Angelo, me recommendava o seu estudo, que eu devo o pouco que sei da sciencia historica e a facilidade de exprimir os meus pensamentos.

Termino este primeiro periodo da minha juventude narrando um facto que, apesar da sua pouca importancia dará uma idéa da minha disposição para a vida aventureira.

Fatigado de estudar, e soffrendo muito pela vida sedentaria que era obrigado a levar, propuz um dia a alguns dos meus companheiros que fugissemos para Genova. A proposta foi logo approvada e desatando um barco de pesca fizemo-nos de véla para o Oriente. Estavamos nas alturas de Monaco quando um pirata, mandado por meu excellente pae nos apanhou e entregou cheios de vergonha ás nossas familias. Um abbade que nos havia visto foi o denunciante. D'este facto é que provavelmente vem as poucas sympathias que sinto pelos abbades.

Os meus companheiros n'esta aventura eram, se bem me recordo, César Parodi, Rafael de Andreis e Celestino Dermond.

III

AS MINHAS PRIMEIRAS VIAGENS

«Oh! primavera, juventude do anno. Oh! juventude, primavera da vida!» disse Metastasio, eu ajuntarei: Como tudo se aformosea ao sol da juventude e da primavera!

Foi illuminado por esse bello sol que tu linda *Constanza*, primeiro navio em que sulquei os mares, me appareceste. Os teus robustos flancos, a tua elevada e ligeira mastreação, a tua espaçosa coberta, e até o busto de mulher que se patenteava soberbo na tua prôa, ficarão eternamente gravados na minha idéa! Como os teus marinheiros, verdadeiros typos dos nossos Ligurios, se inclinavam graciosamente sob os remos!

Com que alegria me dependurava na amurada para ouvir as suas canções populares.

Cantavam canções de amor; ninguém então lhe ensinava outras, e estas por mais insignificantes que fossem, enterneciam-me e arrebatavam-me. Se esses cantos tivessem sido pela patria, talvez me enlouquecessem! Quem lhe diria então que havia uma Italia? Quem lhe diria que tínhamos uma patria a vingar e a tornar livre?

Ninguém!

Fomos educados e crescemos como judeus, isto é, na crença de que a vida não tem senão um fim—fazer fortuna.

Em quanto olhava alegre para o navio em que ia embarcar, minha mãe preparava, chorando, a minha bagagem.

A minha vocação era a vida aventureira do mar. Meu pae fez todo o possivel para me tirar similhante idéa, a sua vontade era que eu seguisse, uma carreira pacifica e sem perigos; que fosse padre,

advogado ou medico. Mas a minha persistencia o fez desistir, e o seu amor cedeu á minha juvenil obstinação. Embarquei então na *Constanza* de que era capitão Angelo Pesante o mais atrevido marítimo que tenho conhecido. Se a nossa marinha tivesse tomado as proporções que se podiam esperar, o capitão Pesante teria direito ao commando de um dos nossos navios de guerra, e ninguem o teria excedido. Pesante nunca commandou uma esquadra, mas que se dirijam a elle, e em breve tempo já terá arranjado uma, desde as barcas até ás naus de tres pontos. Se elle algum dia obtivesse uma tal commissão, posso assegurar que haveria proveito e gloria para a patria.

Fiz a minha primeira viagem a Odessa. Estas viagens tornaram-se depois tão communs e faceis que é inutil descrevel-as.

A minha segunda viagem foi a Roma, mas na companhia de meu pae que tendo na minha primeira ausencia soffrido mortaes inquietações, se tinha resolvido visto eu não querer ceder da minha teima, a acompanhar-me.

Fizemos a viagem na sua tartana a *Santa Reparata*.

A Roma! Com que alegria eu partia! Já disse como pelos conselhos de meu irmão e pelos cuidados do meu digno professor havia estudado, a historia romana. Roma era para mim, admirador da antiguidade, a capital do mundo. É verdade que se achava destruida, mas as suas ruinas eram immensas, gigantescas e d'ellas sae a memoria de tudo quanto é bello e grandioso. Roma foi não só a capital do mundo, mas o berço d'essa religião santa que quebrou a cadêa dos escravos, que ennobreceu a humanidade, d'essa religião de que os primeiros apostolos foram os instituidores das nações, os emancipadores dos povos, mas de que infelizmente os successores degenerados teem sido o flagello da Italia, vendendo sua mãe, ou antes nossa mãe, aos estrangeiros! Não! não! a Roma que eu via nos sonhos da minha mocidade não era só a Roma do passado, mas tambem a do futuro, abrigando em seu seio a idéa regeneradora de um povo perseguido pela inveja das outras nações, porque nasceu grande e porque tem sempre marchado á frente dos povos, guiados por ella á civilisação.

Roma! quando penso na sua desgraça, no seu abatimento, no seu martyrio, parece-me superior a todo o mundo. Amava-a com todas as forças da minha alma, não só nos combates soberbos da sua grandeza durante tres seculos; mas até nos mais pequenos successos que eu recolhia no meu coração como um precioso deposito.

O meu amor em lugar de diminuir, tem augmentado com o desterro. Muitas vezes, no outro lado dos mares, a tres mil leguas de distancia, pedia ao SENHOR como uma graça especial o tornar a vê-la. Finalmente, Roma era para mim a Italia, porque eu não vejo a Italia senão na reunião dos seus membros dispersos, e Roma é para mim o symbolo da unidade italiana.

IV

AS MINHAS PRIMEIRAS AVENTURAS

Durante algum tempo naveguei na companhia de meu pae; depois fui a Cagliari no bergantim *Etna*, de que era capitão José Gervino.

N'esta viagem presenciei uma horrivel catastrophe que me deixou uma eterna recordação. Vindo de Cagliari, na altura do cabo Noli, navegavamos na companhia de alguns navios, entre os quaes se achava uma encantadora falua catalã. Depois de gosarmos dois ou tres dias de um bello tempo, começámos a sentir algumas rajadas d'esse vento a que os nossos marinheiros chamam *Libieno*, por que antes de chegar ao Mediterraneo passa pelo deserto de Lybia. Impellido por elle o mar não tardou a enfurecer-se, e tão furiosamente que nos arrastou para Vado.

A falua de que já fallei sustentou-se admiravelmente no começo da tormenta, e não duvido dizer que todos nós receiando que a tempestade augmentasse, desejavamos antes estar a bordo da falua, do que dos nossos navios. Infelizmente a desgraçada embarcação estava destinada a offerecer-nos um doloroso espectaculo: uma vaga horrivel a cobriu, e em bem poucos instantes todos aquelles desgraçados foram submergidos. A catastrophe tinha logar á nossa direita, e por isso nos era absolutamente impossivel soccorrel-os. Os outros navios que nos acompanhavam tambem se achavam na mesma impossibilidade. Nove pessoas da mesma familia morreram á nossa vista, sem lhe podermos prestar o mais leve soccorro. Algumas lagrimas appareceram nos olhos dos mais endurecidos dos nossos marinheiros, mas o perigo proprio era tal que ellas bem depressa seccaram. A tempestade abrandou, como

se estivesse satisfeita por haver immolado estas victimas; e chegamos a Vado sem incíidente.

De Vado parti para Genova, e de Genova voltei a Niza.

Então comecei uma serie de viagens ao Levante, durante as quaes fomos tres vezes tomados e roubados pelos piratas. Duas vezes o fomos na mesma viagem, o que tornou os segundos piratas mui furiosos, visto que não nos encontravam cousa alguma para roubar. Foi n'estes ataques que comecei a familiarisar-me com o perigo, e a vêr que sem ser Nelson, podia como elle perguntar:—O que é o medo?

Foi n'uma destas viagens, no bergantim *Cortese*, capitão Barlasemeria, que fiquei doente em Constantinopla. O navio foi obrigado a fazer-se de véla, e prolongando-se a minha doença mais do que eu tinha julgado, achei-me muito falto de recursos.

Como em todas as situações desgraçadas em que me tenho achado, sempre encontrei alguma alma caridosa que me soccorresse, nunca pensei muito na falta de dinheiro.

Entre essas almas caridosas encontrei uma que nunca esquecerei: é a excellente senhora Luiza Sauvaigo, de Niza, que me fez convencer de que as duas mulheres mais perfeitas do mundo, eram minha mãe e ella.

Luiza fazia a felicidade de um marido, excellente homem, e tratava com uma admiravel intelligencia da educação de seus filhos.

Porque razão fallei agora de Luiza? É porque escrevendo para satisfazer uma necessidade do coração, ella me dictou o que acabo de lançar ao papel.

A guerra então existente entre a Porta Ottomana e a Russia contribuiu a prolongar a minha estada na capital do imperio turco. Durante este tempo e ignorando ainda como poderia alcançar recursos para viver, fui admittido como preceptor em casa da viuva Timoni. Este emprego foi-me dado sob recommendação de M. Diego, doutor em medicina, e a quem dou aqui um voto de agradecimento pelo serviço que me prestou. Estava, pois, preceptor de tres meninos. Assim fiquei muitos mezes, até que a vontade de

navegar vindo de novo, me embarquei no bergantim *Notre-Dame-de-Grace*, de que tinha sido capitão Casanova.

Foi este o primeiro navio em que embarquei como capitão.

Não fatigarei o leitor fallando nas minhas viagens, em que nada de extraordinario me succedeu, direi unicamente que atormentado sempre por um profundo patriotismo, nunca cessei de perguntar noticias sobre a ressurreição de Italia, mas infelizmente até á idade de vinte e quatro annos todo o trabalho foi inutil.

Emfim, n'uma viagem a Taganrog veio a bordo do meu navio um patriota italiano, que me deu algumas noticias sob a maneira porque marchavam os negocios de Italia.

Havia alguma esperança para o nosso desgraçado paiz.

Christovão Colombo, não foi mais feliz, quando perdido no meio do Atlantico, e ameaçado pelos seus companheiros a quem havia pedido só tres dias, ouviu gritar: «Terra», do que eu quando ouvi pronunciar a palavra *patria*, e vi no horisonte o primeiro pharol preparado pela revolução franceza de 1830.

Havia então homens que se occupavam da redempção da Italia!

Em outra viagem, transportei no *Clorinde*, a Constantinopla alguns *Simoniacos*, conduzidos por Emilio Parrault.

Tinha ouvido fallar pouco na seita de «Saint-Simon»; sabia unicamente que estes homens eram os apostolos perseguidos de uma nova religião.

Vendo em Parrault um patriota italiano, dei-lhe parte de todos os meus pensamentos. Então durante essas noutes transparentes do Oriente, que, como diz Chateaubriand, não são as trevas, mas unicamente a ausencia do dia, debaixo d'esse ceu marchetado de estrellas, sobre esse mar de que a brisa parecia cheia de inspirações generosas, discutimos, não só as mesquinhas questões de nacionalidade nas quaes havia pensado muito, questões restrictas á Italia, e a cada provincia—mas até a grande questão da humanidade.

Este apostolo provou-me que o homem que defende a sua patria, ou que ataca a dos outros, é no primeiro caso um soldado

piedoso; injusto no segundo,—mas o homem que tornando-se cosmopolita, adopta a todas por patria e vae offerer a sua espada e o seu sangue ao povo que luta contra a tyrannia, é mais que um soldado—é um heroe.

Teve então logar no meu espirito uma mudança repentina. Pareceu-me vêr em um navio não o vehiculo encarregado de transportar mercadorias entre os diversos paizes, mas o mensageiro do SENHOR. Havia partido avido de emoções, e curioso por vêr cousas novas, e a mim mesmo perguntava se esta idéa irresistivel que me perseguia não tinha horisontes mais dilatados e por descobrir. Via esses horisontes atravez o longiquo véo do futuro.

V

OS ACONTECIMENTOS DE S. JULIÃO

O navio em que desta vez voltei do Oriente destinava-se a Marselha.

Chegando a esta cidade soube da revolução suffocada no Piemonte e dos fuzilamentos de Chambéry, Alexandria e Genova.

Em Marselha travei relações intimas com Covi, que me apresentou a Mazzini.

Então estava longe de suspeitar a grande communidade de principios que um dia me uniria a Mazzini. Ninguém conhecia ainda o persistente e obstinado pensador, que nem a propria ingratitude tem feito desistir da grande obra que empreendeu. Quando soube da morte de Vocchieri, Mazzini tinha dado um verdadeiro grito de guerra.

Escreveu na sua *Joven Italia*: «Italianos, é tempo de nos juntarmos, se queremos ficar dignos do nosso nome; e derramar o nosso sangue amalgamando-o com o dos martyres piemontezes.»

Mas em França, em 1833, não se diziam impunemente d'estas cousas. Algum tempo depois de lhe haver sido apresentado, e de lhe ter dito que podia contar comigo, Mazzini, o eterno proscripto, era obrigado a deixar a França e a retirar-se a Genova.

N'esta occasião o partido republicano parecia completamente morto na França. Era um anno apenas decorrido: estavamos a 5 de junho,—alguns mezes depois do processo dos combatentes do claustro Saint-Merry.

Mazzini havia escolhido este momento para fazer uma nova tentativa.

Os patriotas tinham respondido que estavam promptos, mas pediam um chefe.

Pensaram em Romarino, ainda coberto de louros por causa das suas luctas na Polonia.

Mazzini não approvava esta escolha, o seu espirito activo e profundo prevenia-o contra os grandes nomes; mas a maioria queria Romarino, e então Mazzini cedeu.

Chamado a Genova, Romarino acceitou o commando da expedição. Na primeira conferencia com Mazzini foi convencionado que duas columnas republicanas se deviam dirigir ao Piemonte, uma pela Saboia outra por Genova.

Romarino recebeu quarenta mil francos para fazer face ás primeiras despesas, e partiu com um secretario de Mazzini que ia encarregado de o vigiar.^[3]

Todos estes acontecimentos tiveram lugar em setembro de 1833; a expedição devia ter lugar em outubro.

Mas Romarino conduziu tudo de tal modo que a expedição não estava prompta senão em janeiro de 1834.

Mazzini não obstante todas as tergiversancias do general tinha-se mostrado firme.

Em fim a 31 de janeiro, Ramorino collocado na ultima extremidade por Mazzini reuniu-se a elle em Genova, com dois outros generaes e um ajudante de campo.

A conferencia foi triste, e mal annunciada por pessimos agouros. Mazzini propoz que se occupasse militarmente a villa de S. Julião, onde se achavam reunidos os patriotas saboyanos e os republicanos francezes, que haviam adherido ao movimento.

Era em S. Julião que se devia levantar o grito de rebellião.

Ramorino era da opinião de Mazzini. As duas columnas deviam pôr-se em marcha no mesmo dia: uma partiria de Caronge, e a outra de Nyon, devendo esta atravessar o lago para se reunir á primeira na estrada de S. Julião.

Ramorino ficava com o commando da primeira columna: a segunda estava debaixo das ordens de Graboky.

O governo genovez receioso de se indispor, por um lado com a França, por outro com o Piemonte, viu com maus olhos este movimento. Quiz oppor-se á partida da columna de Caronge commandada por Romarino, mas o povo sublevou-se, e o governo foi forçado a deixal-a marchar.

Não succedeu o mesmo com a que devia partir de Nyon.

Dous barcos se haviam feito de véla, levando um soldados, e o outro armas.

Mandaram em sua perseguição um navio de guerra a vapor, que trouxe as armas e aprisionou os soldados.

Ramorino não vendo chegar a tropa que se lhe devia juntar, em lugar de proseguir na sua marcha sobre S. Julião, começou a costear o lago.

Muito tempo se passou sem saber aonde iam. Não se conheciam as intenções do general: o frio era intenso, e os caminhos estavam em um estado deploravel.

Exceptuando alguns polacos, a columna era composta de voluntarios italianos, impacientes pela hora do combate, mas que cançavam facilmente pela extensão e difficuldade do caminho.

A bandeira italiana atravessou algumas pobres villas, nenhuma voz amiga a saudou, não encontrando por toda a parte senão curiosos ou indifferentes.

Fatigado pelos seus largos trabalhos, Mazzini que tinha trocado a penna pela espingarda, seguia a columna: soffrendo uma febre ardente, arrastava-se por aquelles asperos caminhos com a dôr escripta na fronte.

Já por varias vezes tinha perguntado a Ramorino quaes eram as suas intenções, e que caminho seguia.

As respostas do general nunca o haviam satisfeito.

Chegaram a Carra e detiveram-se para ahi passar a noite; Mazzini e Ramorino achavam-se na mesma camara.

Ramorino estava embrulhado na sua capa; Mazzini fixava sobre elle o seu olhar sombrio desconfiado.

—Não é seguindo este caminho, disse elle com a sua voz sonora, tornada mais vibrante pela febre, que temos a esperança de encontrar o inimigo. Devemos ir ao seu encontro, e se a victoria é impossivel, provemos ao menos á Italia que sabemos morrer.

—Não nos faltará nem o tempo, nem a occasião, respondeu o general, para affrontar perigos inuteis: considero como um crime o expôr inutilmente a flôr da mocidade italiana.

—Não ha religião sem martyres, respondeu Mazzini, fundemos a nossa, ainda que seja com o nosso sangue.

Mal acabava de pronunciar estas palavras, que o estrondo da fuzilaria se ouviu.

Ramorino deu um salto. Mazzini pegou n'uma carabina, agradecendo a Deus o ter-lhe feito encontrar o inimigo. Mas este era o ultimo esforço da sua energia: a febre devorava-o; os seus companheiros correndo de noite pareciam-lhe fantasmas, a fronte escaldava-lhe, e a terra tremia-lhe debaixo dos pés. Depois de alguns minutos de afflicção caíu desmaiado.

Quando voltou a si achou-se na Suissa, aonde os seus companheiros o tinham conduzido com grande trabalho: a fuzilaria de Carra tinha sido um rebate falso.

Ramorino declarou então que tudo estava perdido: recusou-se a ir mais longe e ordenou a retirada.

Durante este tempo uma columna de cem homens, da qual faziam parte um certo numero de republicanos francezes, partiu para Grenoble, e atravessou a fronteira da Saboya.

O perfeito francez preveniu as auctoridades sardas: os republicanos foram attacados de noute e de improviso, ao pé das grutas de Cobellos, e dispersos depois d'um combate que durou uma hora.

N'este combate os soldados sardos fizeram dois prisioneiros. Angelo Volantieri e José Borrel: conduzidos voluntariamente a Chamberg e condemnados á morte, foram fuzilados na mesma terra aonde ainda estava fumegante o sangue de Elfico Tolla.

Por este modo terminou aquella expedição.

VI

O DEUS DOS BONS

Tinha também a minha parte a cumprir no movimento que devia ter tido lugar, e havia-a aceiteado sem discutir.

Havia entrado no serviço do estado como marinheiro de primeira classe da fragata *Eurydice*. A minha missão era alcançar proselytos para a nossa causa, e para conseguir este fim tinha feito tudo quanto me era possível.

Dado o caso que o nosso movimento tivesse bom resultado, devia com os meus companheiros apoderar-me da fragata e pô-la á disposição dos republicanos.

Não havia querido, impellido pelo ardor que sentia, limitar-me a este papel. Tinha ouvido dizer que um movimento teria lugar em Genova, devendo por esta ocasião apoderarem-se do quartel dos gendarmes situado na praça de Sarzana. Deixei aos meus companheiros o cuidado de se assenhorearem do navio, e proximo da hora em que devia rebentar a rebelião de Genova deitei uma canôa ao mar e desembarquei na alfandega, gastando poucos momentos a chegar á praça de Sarzana, onde, como já disse, estava situado o quartel.

Esperei quasi uma hora, mas nenhum indício de rebelião appareceu. Bem depressa ouvi dizer que tudo estava perdido, havendo-se posto os republicanos em fuga: dizendo-se também que varias prisões haviam sido feitas.

Como não me tinha engajado na marinha sarda senão para ajudar o movimento republicano, julguei inutil voltar a bordo do *Eurydice*, começando a pensar nos meios de me pôr em fuga.

No momento em que fazia estas reflexões, alguma tropa prevenida sem duvida do projecto de nos apoderarmos do quartel, começou a guarnecer a praça.

Vi então que não havia tempo a perder. Refugiei-me em casa de uma vendedeira de fructa e confessei-lhe a situação em que me achava.

A excellente mulher não fez nenhuma reflexão e escondeu-me nos quartos interiores do seu estabelecimento. No dia seguinte procurou-me um fato completo de camponez, e pelas oito horas da noite sahi, como se andasse passeando, de Genova pela porta da Lanterne, começando então essa vida de exilio, luto e perseguição, que, segundo todas as probabilidades, ainda não finalisou.

Estavamos a 5 de fevereiro de 1834.

Abandonando os caminhos batidos e trilhados dirigi-me por atalhos para as montanhas. Tinha bastantes jardins que atravessar, e muitos muros que saltar. Felizmente estava familiarisado com estes exercicios, e depois de uma hora de gymnastica achava-me fóra do ultimo jardim.

Encaminhado-me para Cassiopea, ganhei as montanhas de Sestri, e no fim de dez dias, ou antes de dez noites; cheguei a Niza, dirigindo-me logo a casa de minha tia, na praça da Victoria, a fim de que ella prevenindo minha mãe lhe tirasse todos os cuidados.

Descancei um dia, e na noite seguinte parti acompanhado por dois amigos, José Jaun, e Engelo Gostavini.

Chegados ao Var, achamol-o innundado pelas chuvas, mas para um nadador como eu, não era isto um obstaculo. Atravessei-o metade a nado, metade a vau.

Os meus dois amigos haviam ficado na outra margem. Disse-lhe adeus.

Estava salvo, ou quasi, como se vae vêr.

N'esta esperança dirigi-me a um corpo de guardas da alfandega; disse-lhe quem era, e qual o motivo porque havia deixado Genova.

Os guardas disseram-me que era seu prisioneiro, até nova ordem, e que a iam mandar pedir a Paris.

Julgando que acharia facilmente ocasião de fugir, não fiz nenhuma resistencia, e deixei-me conduzir a Grasse, e de Grasse a Draguignan.

Em Draguignan metteram-me em um quarto do primeiro andar, cuja janella sem grades, dava para um jardim.

Aproximei-me d'ella como se quizesse vêr o jardim: da janella ao chão havia a altura de quinze pés. Dei um salto, e em quanto os guardas, menos ligeiros e estimando mais as pernas do que eu estimava as minhas, saíam pela escada; ganhei-lhe muita dianteira embrenhando-me nas montanhas.

Não conhecia o caminho, mas era marinheiro, e lendo no ceo, n'esse grande livro, aonde estava habituado a lêr, orientei-me e dirigi-me a Marselha. No dia seguinte de tarde cheguei a uma villa de que nunca soube o nome, porque nem tive tempo para o perguntar.

Entrei n'uma estalagem. Um mancebo e uma mulher ainda joven estavam á mesa esperando pela ceia.

Pedi alguma cousa de comer: desde a vespera que não havia tomado nenhum alimento.

O dono da hospedaria convidou-me para ceiar na sua companhia e de sua mulher. Acceitei.

A comida era boa, o vinho do paiz agradável, e o fogo excellente. Senti então um d'esses momentos de bem estar e felicidade, como só se experimentam depois de se haver passado um perigo, e quando se julga não haver mais nada a receiar.

O dono da hospedaria felicitou-me pelo meu bom appetite, e pelo meu rosto alegre e prasenteiro.

Disse-lhe que o meu appetite não tinha nada de extraordinario, porque não tinha comido havia dezoito horas e que o achar-me alegre e satisfeito era por haver escapado talvez á morte no meu paiz—e em França á prisão.

Tendo-me adiantado tanto, não podia fazer segredo do resto. O estalajadeiro e sua mulher pareciam-me tão boas pessoas que lhe contei tudo.

Então, com grande espanto meu, o estalajadeiro ficou pensativo.

—Que tem? lhe perguntei.

—É que depois da confissão que acaba de fazer, respondeu elle, não tenho remedio senão prendel-o.

Dei uma grande gargalhada porque não tomei este dito ao serio, e demais se o fosse eramos um contra um, e não havia no mundo um unico homem que eu temesse.

—Bem, disse eu, mas como julgo que não tem muita pressa, peço-lhe que me deixe ceiar com todo o descanso, pois temos muito tempo depois do *dessert*. E continuei comendo sem mostrar a mais leve inquietação.

Infelizmente vi bem depressa que se o estalajadeiro tivesse necessidade de ajudantes para realizar os seus projectos, esses ajudantes não lhe faltavam.

A sua estalagem era o lugar aonde toda a mocidade da villa se reunia ás noutes para beber, fumar, e fallar da politica.

A sociedade do costume começava a reunir-se, e bem depressa estavam na estalagem mais de doze mancebos, jogando as cartas, bebendo e fumando.

O estalajadeiro não tornou a fallar na minha prisão, mas tambem não me perdia de vista.

É verdade que não tendo eu a mais pequena mala, não tinha cousa alguma que lhe assegurasse o pagamento da minha despesa.

Como tinha na algibeira alguns escudos, fiz barulho com elles, o que pareceu socegar o meu homem.

No momento em que um dos bebedores acabava, no meio dos applausos geraes, de cantar uma canção, ergui o copo que tinha na mão:

—Agora pertence-me, disse eu:

E comecei a cantar o *Deus dos bons*.

Se não tivesse outra vocação teria podido fazer-me cantor, porque tenho uma voz de tenor que cultivada alcançaria uma certa

extensão.

Os versos de Beranger, a franquesa com que eram cantados, a fraternidade do estribilho, a popularidade do poeta, arrebataram todo o auditório.

Fizeram-me repetir dois ou tres couplets e abraçando-me todos quando acabei, gritaram—Viva Beranger! Viva a França! Viva a Italia!

Depois de haver obtido tal successo era escusado pensar em prender-me; o estalajadeiro conheceu isso porque nunca mais me fallou de tal, ignorando eu por isso se elle fallava seriamente ou se zombava.

Passou-se a noite a cantar, jogar e a beber; e ao romper do dia todos os meus companheiros da noite se offereceram para me acompanhar, honra que acceitei sem difficuldade: caminhámos juntos seis milhas.

Com toda a certeza Beranger morreu sem saber o grande serviço que me prestou.

VII

ENTRO AO SERVIÇO DA REPUBLICA DO RIO GRANDE

Cheguei a Marselha sem incidente, vinte dias depois de ter deixado Genova.

Engano-me, um incidente, que li no *Povo Soberano*, me succedeu.

Estava condenado á morte.

Era a primeira vez que tinha a honra de ver o meu nome impresso em um jornal.

Como desde então era perigoso continuar a usar d'elle, comecei a chamar-me Pane.

Fiquei alguns mezes occioso em Marselha, aproveitando-me da hospitalidade do meu amigo José Paris.

Passado algum tempo consegui ser admittido como segundo commandante no navio *Union*, capitão Gozan.

No domingo seguinte achando-me pelas cinco horas da tarde á janella com o capitão, seguia com a vista um collegial em ferias que se divertia no caes de Santo André a saltar de uma barca para outra, até que faltando-lhe um pé caíu ao mar.

Estava vestido á *domingueira*, mas apesar d'isso, ouvindo os gritos dados pela desgraçada creança arrojéi-me á agua completamente vestido. Duas vezes mergulhei inutilmente, mas á terceira fui mais feliz porque o agarrei por debaixo dos braços, conseguindo trazel-o sem diffculdade até á praia. Uma grande

quantidade de povo ahi estava reunida, sendo eu recebido no meio dos seus applausos e bravos.

Era um rapaz de quatorze annos que se chamava José Bambau. As lagrimas de alegria e as benções de sua mãe pagaram-me largamente do banho que tinha tomado.

Como o salvei debaixo do nome de José Pane, é provavel que se é ainda vivo, nunca soubesse o verdadeiro nome de seu salvador.

Fiz na *Union* a minha terceira viagem a Odessa, depois á volta embarquei-me em uma fragata do bey de Tunis. Deixei-a no porto de Goletta, voltando a Marselha em um brigue turco. Quando cheguei a esta cidade encontrei-a quasi no mesmo estado que M. de Belzunce a viu em 1720 quando ali grassava a febre negra.

O cholera fazia então estragos horriveis.

Na cidade só existiam os medicos e as irmãs da caridade, quasi todo o resto da população havia desertado e viviam nas quintas dos arrebalde. Marselha tinha o aspecto d'um vasto cemiterio.

Os medicos pediam os benevolos. É assim, como se sabe, que são chamados nos hospitaes os enfermeiros voluntarios.

Offereci-me ao mesmo tempo que um rapaz de Trieste que voltou de Tunis comigo. Estabelecemo-nos no hospital, e ahi partilhavamos as vigalias.

Este serviço durou quinze dias. No fim d'este tempo, como o cholera diminuiu de intensidade e achava uma occasião favoravel de ver novos paizes, embarquei-me, como segundo no brigue *Nantonnier*, de Nantes, capitão Beauregard, que se achava proximo a partir para o Rio de Janeiro.

Muitos dos meus amigos me teem dito que antes de tudo sou poeta.

Se para ser poeta é necessario escrever a *Iliada*, a *Divina Comedia*, as *Meditações de Lamartine*, ou os *Orientaes*, de Victor Hugo, eu não sou poeta: mas se para o ser é necessario passar horas e horas a procurar nas aguas asuladas e profundas do mar os mysterios da vegetação submarina, se é necessario ficar em extase

diante da bahia do Rio de Janeiro, de Napoles ou de Constantinopla, se é preciso pensar no amor filial, nas recordações infantis, ou n'um amor juvenil no meio das ballas e bombas, sem pensar que esse sonho ha-de acabar pela cabeça ou por um braço quebrado—então sou poeta.

Recordo-me que um dia, durante a ultima guerra, não dormindo havia quarenta horas, e morto de cansasso costeava Urbano e os seus doze mil homens com os meus quarenta bersaglieri, os meus quarenta cavalleiros e um milhar de homens armados na sua maioria pessimamente, seguia por um pequeno atalho do outro lado do monte Orfano com o coronel Turr e cinco ou seis homens, quando parei repentinamente, esquecendo a fadiga e o perigo para ouvir um rouxinol.

Era uma noite magnifica. Sonhava ouvindo este amigo de infancia, que um orvalho benefico e regenerador chovia em torno de mim. Os que me rodeavam julgaram ou que hesitava no caminho a seguir, ou que ouvia ao longe troar os canhões, ou os passos da cavallaria inimiga. Não! Escutava um rouxinol que ha mais de dez annos, póde ser, eu não tinha ouvido. Este extase durou não até que os que me rodeavam me tivessem repetido duas ou tres vezes «General, ahi está o inimigo» mas até que este rompendo o fogo fizesse desaparecer o meu encanto.

Quando depois de ter costeados os rochedos graniticos que occultam a todas as vistas o porto, que os indios na sua linguagem expressiva chamam Nelheroky, quer dizer, agua occulta, quando depois de haver passado a estrada que conduz á nova bahia socegada como um lago; quando na margem occidental d'esta bahia, vi elevar-se a cidade chamada *Paus d'Assucar*, immenso rochedo conico que serve não de pharol, mas de balisa aos navegantes, quando appareceu em volta de mim essa natureza luxuriante de que a Africa e a Asia só me tinham dado uma fraca idéa, fiquei maravilhado do espectaculo esplendido que meus olhos contemplavam.

Foi no Rio de Janeiro que a minha boa estrella fez com que eu encontrasse a coisa mais rara do mundo, isto é, um amigo.

Não tive necessidade de o procurar, não tivemos necessidade de nos estudar, para nos conhecermos, encontramos-nos, trocamos um olhar e nada mais; depois um sorriso, um aperto de mão, e Rossetti e eu eramos dous irmãos.

Mais tarde terei ocasião de dizer o que valia esta nobre alma; e não obstante, eu, o seu maior amigo, seu irmão, o seu companheiro por tanto tempo inseparavel, morrerei, póde ser, sem ter ocasião de plantar uma cruz no ponto ignorado da terra aonde repousam os restos deste generoso e valente cidadão.

Depois de termos passado algum tempo na *ociosidade*—Chamo ociosidade o estarmos Rossetti e eu, seguindo um modo de vida para que não tínhamos disposição alguma—o acaso fez com que travássemos relações com Zambecarri, secretario de Bento Gonçalves, presidente da republica do Rio Grande, que se achava então em guerra com o Brasil. Ambos estavam prisioneiros de guerra em Santa Cruz n'uma fortaleza que se eleva á direita á entrada do porto d'onde chamam os navios á falla. Zambecarri, filho do famoso areonauta perdido n'uma viagem á Syria e de que nunca mais se ouviu fallar, apresentou-me ao presidente que me deu a carta para poder piratear os navios brasileiros.

Algum tempo depois Bento Gonçalves e Zambecarri fugiram a nado chegando livres de todo o perigo ao Rio Grande.

VIII

CORSARIO

Armámos em guerra o *Mazzini*, pequeno navio de trinta toneladas, e fizemo-nos ao mar com dezeseis companheiros de aventuras. Finalmente eramos livres, navegavamos debaixo de um pavilhão republicano; emfim eramos *corsarios*.

Com dezeseis homens de equipagem e um navio eramos capazes de declarar a guerra a um imperio.

Sahindo do porto dirigi-me para as ilhas Marica, situadas a cinco ou seis milhas da embocadura da barra. As nossas armas e munições estavam occultas debaixo das carnes salgadas e da mandioca, unico alimento dos negros.

Naveguei para a maior d'estas ilhas, que possui um ancoradouro, lancei a ancora, saltei em terra e subi ao monte mais elevado.

Ahi estendi os braços com um sentimento de felicidade e orgulho inexplicavel, dando um grito semelhante ao da aguia quando paira no mais alto dos ares.

O Oceano pertencia-me e eu tomava posse do meu imperio.

A occasião de o exercer não se fez esperar.

Em quanto estava como um passaro do mar, debruçado sobre o meu observatorio, vi uma galeota navegando com o pavilhão brasileiro.

Mandei apromptar tudo para nos fazermos immediatamente ao mar, e desci á praia.

Navegámos direitos á galeota que não julgava por certo correr tão grande perigo a tres milhas da barra do Rio de Janeiro.

Abordando-a fizemo-nos conhecer, e intimámos o capitão para se render imediatamente. Para sua justiça é necessario dizer que não fizeram a mais pequena resistencia. Em poucos momentos estavamos a seu bordo. Vi então dirigir-se-me um passageiro portuguez, que trazia na mão uma caixa. Abriu-a, e mostrou-a cheia de diamantes, que me offereceu em troca da vida.

Fechei a caixa e entreguei-lh'a, dizendo-lhe que a sua vida não corria perigo algum, e que por consequencia, podia guardar os seus diamantes para melhor occasião.

Não tínhamos tempo a perder, estavamos quasi debaixo do fogo das baterias do porto. Transportámos as armas e munições para bordo da galeota e affundámos o *Mazzini* que como se vê, tinha tido uma curta, mas gloriosa existencia.

A galeota pertencia a um rico negociante austriaco que habitava a ilha Grande, situada á direita sahindo do porto, a quinze milhas de terra, e estava carregada de café que era enviado á Europa.

O navio era para mim, por todos os motivos, uma excellente presa, porque pertencia a um austriaco a quem eu tinha feito a guerra na Europa, e a um negociante brasileiro domiciliado no Brasil a quem eu fazia a guerra na America.

Dei á galeota o nome de *Farropilha*, derivado de *Farrapos*, nome que no imperio do Brasil se dá aos habitantes das republicas da America do Sul, assim como Filippe II chamava *mendigos de terra ou de mar*, aos revoltosos dos Paizes Baixos.

Até então a galeota chamava-se *Luiza*.

O nome que lhe havia dado calhava perfeitamente. Os meus companheiros não eram Rossettis, e devo confessar, que a figura de alguns d'elles, não era satisfatoria; isto explica a rapida entrega da galeota e o terror do portuguez que me offereceu os seus diamantes.

Durante todo o tempo que fui corsario dei ordem á minha gente para a vida, honra e fortuna dos passageiros ser respeitada... ir dizer debaixo de pena de morte, mas não devo dizer tal, porque não tendo até hoje ninguém infringindo as minhas ordens, não tenho tido ninguém que punir.

Depois de concluidos os nossos primeiros arranjos dirigi-me para o Rio da Prata, e para dar o exemplo de respeito que eu queria se tivesse no futuro pela vida, liberdade e bens dos passageiros, quando cheguei á altura da ilha de Santa Catharina, um pouco abaixo do cabo Itapoya, mandei deitar ao mar a lancha do navio e entregando tudo quanto pertencia aos passageiros e alguns mantimentos os fiz embarcar deixando-os livres de se dirigirem para onde quizessem.

Cinco pretos escravos da galeota e a quem eu havia dado a liberdade engajaram-se como marinheiros.

Quando chegámos ao Rio da Prata, ancorámos em Maldonato pertencente á republica oriental de Uruguay.

Fomos admiravelmente recebidos pela população e mesmo pelas auctoridades, o que me pareceu de excellente agouro. Rossetti partiu pois tranquilamente para Montevideo afim de ahi vender o nosso café e apurar algum dinheiro.

Nós ficámos em Maldonato,—quer dizer á entrada d'esse magnifico rio que na sua embocadura tem trinta leguas de largo—durante oito dias que se passaram em festas continuas, que infelizmente estiveram para acabar tragicamente. Oribe, que, na sua qualidade de chefe da republica de Montevideo não reconhecia as outras republicas, deu ordem ao governador de Montevideo para me prender e apoderar-se da galeota. Felizmente o governador de Maldonato era um excellente homem que em lugar de executar a ordem que recebeu, o que não lhe teria sido difficil pela pouca ou nenhuma desconfiança que eu tinha, mandou-me prevenir para que levantasse ancora e partisse para o meu destino, se é que o tinha.

Prometti partir na mesma noite, mas antes tinha um negocio pessoal a tractar em terra.

Tinha vendido, para comprar viveres, a um negociante de Montevideo algumas saccas de café e algumas bijouterias, pertencentes ao nosso austriaco. Mas ou porque o meu comprador fosse máu pagador, ou porque tendo ouvido dizer que eu talvez fosse preso, julgasse que poderia passar sem me pagar, ainda não me tinha sido possivel receber o meu dinheiro. Sendo pois obrigado

a partir n'aquella mesma noute, e querendo entrar de posse do que me pertencia antes de deixar Maldonato, não tinha tempo a perder.

Por conseguinte ás nove horas da noute mandei apparelhar, e mettendo um par de pistolas na cintura, embrulhei-me na minha capa e dirigi-me tranquillamente para casa do negociante.

Fazia um luar magnifico. Pouco distante da casa do meu homem vi-o á porta tomando o fresco, elle tambem me viu e reconheceu, porque me fez signal de me affastar, indicando-me por este modo que a minha vida corria risco.

Fiz que não via, fui direito a elle, e por toda a explicação apresentei-lhe uma pistola aos peitos:

—O meu dinheiro, lhe disse eu.

Quiz responder-me, mas quando lhe repeti pela terceira vez «o meu dinheiro» fez-me entrar em sua casa, pagando-me logo os dois mil patações que me devia.

Metti de novo a pistola no cinturão, puz o sacco do dinheiro debaixo do braço, e voltei ao meu navio sem me ter acontecido o menor incidente.

Ás onze horas da noute levantámos ancora.

IX

O RIO DA PRATA

Ao romper do dia, com grande admiração nossa, estávamos no meio dos cachopos das Pedras Negras.

Como me achava em tal situação é que eu não poderia explicar. Não havia dormido um minuto, não tinha deixado de olhar um momento para a costa, consultando a todos os instantes a bussola, dirigindo-me pelas suas indicações, e apesar d'isso achava-me no perigo que queria evitar.

Não havia momento a perder: o perigo era enorme: estávamos cercados por todos os lados de cachopos. Saltei para a verga do traquete, e d'ahi mandei orçar sobre bombordo, e em quanto se executava esta manobra foi arrebatada pelo vento a nossa pequena gavia.

Do lugar onde me achava dominava o navio e os recifes, podendo por isso indicar o caminho que era necessario fazer seguir á galeota, que do seu lado parecendo um ente animado, e conhecedora do perigo em que estávamos, obedecia com toda a docilidade ao leme. No fim de uma hora, durante a qual estivemos entre a vida e a morte, e em que vi empallidecer os meus mais valentes marinheiros, estávamos salvos.

Depois de passado o perigo, quiz conhecer qual o motivo porque havia sido lançado no meio d'esses terriveis cachopos, tão conhecidos dos navegantes, tão bem indicados nas cartas maritimas, e a tres milhas dos quaes julgava estar quando me achava no meio d'elles.

Consultei a bussola: continuava a divagar: teria pois naufragado, se por infelicidade, amanhecendo, não tivesse conhecido o perigo:

Em pouco tempo tudo me foi explicado.

Quando saí do navio para pedir os dois mil patações ao meu comprador do café, tinha mandado pôr no tambadilho os sabres e fuzís, para estar prevenido no caso de algum ataque: executando a minha ordem, os marinheiros tinham collocado as armas ao pé da bitácola.

Esta massa de ferro tinha attrahido a si a agulha, que como se sabe, tem iman nas duas extremidades. Mandeí pois tirar as armas, e a bussola continuou a andar regularmente.

Proseguimos a nossa viagem chegando a Jesus-Maria, que do outro lado de Montevideo está quasi na mesma distancia que Maldonato.

A unica novidade que ali nos succedeu, foi acabarem-se completamente os viveres, por isso que não tínhamos tido tempo de os comprar antes da nossa partida. Como não nos era possivel desembarcar, pelas ordens dadas, era necessario lançar mão de algum expediente para arranjar-mos comestiveis.

Começámos a bordejar, sem comtudo nos affastarmos da costa.

Uma manhã descobri na distancia de quasi quatro milhas uma casa, que pelo seu aspecto me pareceu uma herdade. Mandeí ancorar o mais perto possivel da praia, e como não tinha escaler, porque, como já disse, havia dado o meu aos individuos que tinham desembarcado em Santa Catharina, arranjei uma jangada com uma mesa e alguns tonneis, e armado com um croque, embarquei n'esta embarcação de novo gosto com um unico marinheiro, que sem ser meu parente tinha comtudo o nome de Garibaldi: o seu pronome era Mauricio.

O navio estava seguro por duas amarras, em consequencia dos ventos pampeiros que eram mui violentos.

Eis-me pois no meio dos recifes não navegando, mas sim dançando em cima de uma mesa, arriscado a todos os momentos a ser submergido. Depois de termos praticado maravilhosos trabalhos de equilibrio, conseguimos encalhar na praia. Deixei Mauricio encarregado de guardar a jangada, e desembarquei.

X

AS PLANÍCIES ORIENTAES

O espectáculo que então se me offereceu á vista, e que admirava pela primeira vez, teria, para ser dignamente descripto, necessidade da penna de um poeta ou do pincel de um pintor. Via ondular na minha frente como as vagas de um mar solidificado os immensos horisontes das—planícies orientaes—assim chamadas porque estão no lado oriental do rio Uruguay, que vae lançar-se no rio da Prata, defronte de Buenos-Ayres, abaixo de Colonia. Era, posso jural-o, um espectáculo cheio de novidade para um homem chegado do outro lado do Atlantico, e sobre tudo para um italiano, nascido em um paiz em que é difficultoso vêr um palmo de terra sem encontrar uma casa ou alguma obra dos homens.

Ali pelo contrario existia unicamente a obra de Deus, tal como havia sahido das suas mãos no dia da criação.

Era uma vasta, uma immensa campina, e o seu aspecto que é o de um tapete de verdura e flores, não muda senão nas margens do ribeiro Arroga, onde se elevam balanceando ao vento encantadores grupos de arvores com folhas luxuriantes.

Os cavallos, os bois, as gazellas, as avestruzes são, á falta de creaturas humanas os habitantes d'essas immensas solidões, que só são atravessadas pelos gauchos, esses centauros do novo mundo, como para dar a entender a essas turbas de animaes selvagens que Deus lhe deu um senhor... Mas esse senhor, como o veem passar os touros, as avestruzes, as gazellas! É a quem protestará primeiro contra a sua supposta dominação: o touro pelos seus mugidos, a avestruz e a gazella pela fuga.

Esta vista fez-me pensar na patria, onde quando passa o austriaco que os opprime, os homens, essas creaturas creadas á imagem de Deus, cumprimentam-no e se curvam, não ousando dar os mesmos signaes de independencia que os animaes selvagens dão á vista do gaucho.

SENHOR, até quando permittireis tão grande aviltamento da vossa creatura!?

Deixemos o velho mundo, tão triste e aviltado, e voltemos ao novo, tão joven, e tão cheio de esperanças!

Como é bello o cavallo das planicies orientaes, com os seus jarretes estendidos, com as ventas fumantes, com os seus labios que nunca sentiram a friesa do aço! Como respiram livremente debaixo do contacto da sua clina e juba, os seus flancos que nunca foram apertados pelo joelho dos cavalleiros, nem ensanguentados pelas suas esporas! Como é soberbo quando reune, chamando pelos seus rinchos a sua horda de eguas dispersas e que verdadeiro sultão do deserto, evita, fugindo em sua companhia, a presença dominadora do homem!

Oh! maravilha da natureza! Milagre da criação! Como heide exprimir a emoção que á vossa vista experimentou esse corsario de vinte e cinco annos, que pela primeira vez estendia os braços para a immensidade.

Mas como esse corsario estava a pé, nem o touro nem o cavallo o reconheciam por um homem. Nos desertos da America o cavallo é um complemento do homem, e sem o saber, o ultimo dos animaes. Primeiramente pararam estupefactos pela minha vista, mas bem depressa desprezando sem duvida a minha fraqueza, aproximaram-se de mim a tal ponto que sentia o rosto humedecido pela sua respiração. Ninguém deve ter receio do cavallo, animal nobre e generoso; mas todos devem desconfiar do touro, animal dissimulado e traiçoeiro. As gazellas e avestruzes depois de terem, como os cavallos e touros, mas mais circumspectamente, feito o seu reconhecimento, partiram rapidas como a flecha, e chegando ao alto d'um montezinho voltaram-se para verem se eram perseguidas.

N'este tempo, isto é, pelos fins de 1834 e principios de 1835, esta parte do terreno oriental estava ainda virgem de toda a guerra;

eis o motivo porque ali se encontrava tanta quantidade de animais selvagens.

XI

A POETISA

Continuei dirigindo-me para uma *estancia*.^[4] Ahi encontrei só a mulher do *capataz*.^[5] Como não podia vender-me ou dar um boi sem consentimento de seu marido, era necessario esperar a sua volta. Demais era tarde e antes do dia seguinte não se podia conduzir o animal até ao mar.

Ha momentos na vida de que a recordação ao mesmo tempo que elles se affastam continúa vivendo e augmentando na nossa memoria e tão bem que sejam quaes forem os outros successos da nossa existencia, essa recordação só se apaga com a morte. Era destino meu encontrar no meio d'este deserto, esposa de um homem quasi selvagem uma mulher de uma educação cultivada, uma poetiza sabendo pelo coração Dante, Petrarcha e Tasso.

Depois de ter esgotado toda a minha sciencia na lingua hespanhola, fiquei agradavelmente surprehendido, ouvindo-a responder-me em italiano, convidando-me graciosamente a assentar-me, em quanto seu marido não chegava. No meio da nossa conversação, a minha encantadora hospedeira, perguntou-me se eu conhecia as poesias de Quintana, e ouvindo a minha resposta negativa, fez-me presente de um volume d'essas poesias, dizendo-me que m'o dava para apprender por sua causa o hespanhol. Perguntei-lhe então se era poetisa.

—Ha alguém, me respondeu, que diante d'esta natureza não seja poeta?

E sem se fazer rogar recitou-me muitos trechos de poesias suas em que achei muito sentimento e uma grande harmonia. Teria passado toda a noite a escutal-a sem me lembrar de Mauricio que

me esperava guardando a meza-jangada, mas a entrada do marido fez cessar o lado poetico para me chamar ao fim material da minha visita. Disse-lhe o que queria e foi combinado que no dia seguinte me venderia e levaria á praia um boi.

Ao romper do dia despedi-me da minha bella poetisa e fui ter com Mauricio. O pobre diabo tinha passado a noite o melhor que poude, mettido entre os quatro toneis, e muito inquieto por meu respeito, receiando que eu tivesse sido devorado pelos tigres, muito communs n'esta parte da America e menos inoffensivos que os cavallos e os touros.

No fim de alguns momentos appareceu o capataz trazendo um boi ao laço. Em poucos momentos o animal foi morto e esquartejado, tal é a habilidade que os homens do sul teem para estas obras de sangue.

Faltava transportar o boi, cortado em pedaços e leval-o para o navio, isto é, a mil passos de distancia, pelo menos, tendo de atravessar os cachopos onde se despedaçavam as ondas furiosas.

Mauricio e eu démos começo á nossa empreza.

Já sabem como era construida a jangada que nos devia conduzir a bordo: uma meza com um tonel amarrado a cada pé, um pau no centro, que vindo do navio, tinha servido para suspender os nossos vestidos, e que voltando devia conduzir os viveres sustentando-os ao de cima da agua.

Deitámos a jangada ao mar, pozemo-nos em cima, e Mauricio com uma vara na mão, e eu com um croque, começámos a manobrar tendo agua até aos joelhos, porque o peso que a jangada levava era excessivo.

A nossa manobra executou-se com grandes applausos do americano e da tripulação da galeota, que fazia ardentes votos, póde ser, não pela nossa salvação, mas sim pela da carne que conduziámos. A nossa viagem ao principio foi feliz, mas chegamos a uma linha de cachopos que nos era necessario atravessar, achámo-nos por duas vezes quasi submergidos.

Felizmente atravessamo-la sem novidade.

Mas livres dos cachopos, estavamos em perigo mais imminente.

Não encontravamos o fundo com os nossos croques, e por conseguinte era impossivel dirigir a embarcação. Alem d'isso a corrente tornando-se mais violenta, á medida que avançamos no rio, arrojava-nos para longe da galeota.

Pareceu-me chegado o momento de atravessar o Atlantico parando só em Santa Helena ou no Cabo da Boa Esperança.

Os nossos companheiros, se nos quizessem apanhar, não tinham senão o recurso de largarem as velas. Foi o que fizeram, e como o vento estava de terra a galeota bem depressa nos alcançou.

Passando junto de nós os nossos companheiros, lançaram-nos um cabo. Amarramos com elle a jangada ao navio, e depois de termos içado todos os viveres é que Mauricio e eu subimos. Em seguida içámos a meza que foi reintregada no seu logar na casa do jantar, não tardando muito a exercer as suas funcções habituaes.

Vendo o appetite com que os nossos companheiros atacaram a carne, que com tanto trabalho tinhamos alcançado, consideramos-nos sufficientemente recompensados das nossas fadigas.

Alguns dias depois comprei por trinta escudos a canoa d'um navio que cruzava n'estas paragens.

Estivemos ainda este dia á vista do pico de Jesus Maria.

XII

O COMBATE

Tinhamos passado a noite ancorados, quasi seis milhas, ao meio dia do pico de Jesus Maria, em frente dos barrancos de S. Gregorio. Uma pequena brisa do norte começava a apparecer quando vimos vir do lado de Montevideo duas barcas que julgámos serem amigas; mas como não tinham o pavilhão encarnado, signal convenciado entre nós, julguei prudente o fazer-me de vela em quanto os esperava. Além d'isso mandei pôr no tombadilho os mosquetes e sabres.

Esta precaução, como se vae vêr não foi inutil. A primeira barca continuava a avançar unicamente com tres homens á vista; chegada ao alcance do porta-voz, o que nos parecia o chefe disse que nos rendessemos e ao mesmo tempo o convez da barca encheu-se de homens armados que sem nos dar o tempo de responder á sua intimação começaram o fogo. Dei o grito de «Ás armas» e agarrei n'um fuzil, depois respondendo a este cumprimento conforme podia, e como estavamos com todo o pano mandei.—Ás vélas de diante.

Não sentindo a galeota obedecer ao leme com a docilidade costumada, voltei-me e vi que a primeira descarga tinha morto o marinheiro que n'aquella occasião ia ao leme, e que era um dos nossos valentes. Chamava-se Florentino e tinha nascido em uma das nossas ilhas.

Não havia tempo a perder. O combate estava travado com todo o furor. O lanchão, é o nome que dão á qualidade dos barcos com que combatiamos, o lanchão tinha-nos abordado pela direita e alguns

dos seus marinheiros haviam já saltado no nosso barco, mas por felicidade alguns golpes de fuzil e sabre nos livraram d'elles.

Depois de ter coadjuvado os meus companheiros a repellir esta abordagem agarrei no leme que se achava sem governo por causa da morte de Florentino. Infelizmente no momento em que o agarrava para executar uma manobra uma balla atravessou-me o pescoço ferindo-me entre a orelha e a carotida, fazendo-me cahir sem conhecimento.

O resto do combate que durou uma hora, foi sustentado por Luiz Carniglia, piloto, e por Pascoal Sodola, Giovani Lamberti, Mauricio Garibaldi e dous maltezes. Os italianos fizeram prodigios de valor, mas os estrangeiros e os cinco negros fugiram para o porão. Emfim o inimigo fatigado de nossa defeza e tendo uma dezena de homens fóra de combate fugiu, em quanto que nós tendo apparecido algum vento continuámos a subir o rio.

Ainda que tivesse tornado a mim, fiquei completamente inerte e inutil durante o resto do combate.

Confesso, as primeiras impressões que senti abrindo os olhos, foram deliciosas. Podia dizer que havia sido morto e que tinha resuscitado, tanto o meu desmaio foi profundo. Entretanto esse sentimento de bem estar foi bem depressa abafado pelo conhecimento da situação em que nos achavamos. Ferido mortalmente, não tendo a bordo quem possuisse o menor conhecimento geographico, mandei buscar a carta, e com muita difficuldade pois, me achava com a vista coberta com um véo que me parecia o da morte, indiquei com o dedo Santa Fé no Rio Parana. Só Mauricio é que uma unica vez tinha feito uma viagem ao rio da Prata; para todos nós eram pois completamente estranhas aquellas paragens. Os marinheiros aterrados—os italianos, devo dizel-o, não partilhavam estes sentimentos ou pelo menos sabiam occultal-os—e receiando serem presos e considerados como piratas, desertaram na primeira occasião que se lhe apresentou. Em quanto esperavam por este momento, em cada barco, em cada canoa, em cada tronco d'arvore fluctuante viam um navio inimigo enviado em sua perseguição.

O cadaver do nosso desgraçado camarada foi deitado ao mar, com as cerimoniaes costumadas n'estas occasiões, por que durante muitos dias não podemos desembarcar em parte alguma.

Este genero de enterramento não era muito do meu agrado, e sentia por elle uma grande repugnancia, talvez por me julgar proximo a ter igual sorte. Confessei esta aversão a Luiz Carniglia.

No momento em que lhe fazia esta confissão vieram-me á lembrança estes versos de Foscolo:

«Uma pedra, um unico signal que difference os meus ossos d'aquelles que a morte semea todos os dias na terra e no Oceano.»

O meu pobre amigo chorava promettendo não me deixar lançar á agua. Quem sabe se apesar do seu desejo teria podido executar a sua promessa. O meu cadaver serviria então para matar a fome a algum lobo marinho, ou caiman. Não tornaria a vêr a Italia, não me teria batido por ella, que era a minha unica esperanza!

Quem diria ao meu caro Luiz que antes d'um anno era eu que o veria rolando pelos cachopos, desapparecer no mar, e que procuraria debalde o seu cadaver, para cumprir a promessa que elle me havia feito, de o sepultar na terra e collocar na sua ultima morada uma cruz que o recommendasse á oração dos viandantes. Pobre Luiz! durante a minha longa e cruel enfermidade fostes tu que tivestes sempre por mim um carinho paternal.

XIII

LUIZ CARNIGLIA

Vou dizer algumas palavras sobre o meu pobre amigo Luiz. E porque é um simples marinheiro não lhe hei-de dedicar algumas linhas? Porque elle não é... Oh! posso assegurar-o, a sua alma era bastante nobre para sustentar em todas as circumstancias a honra italiana: nobre para affrontar todas as tormentas, nobre enfim para me proteger, e para cuidar de mim, como se fosse seu filho! Quando estava deitado no meu leito de agonia, abandonado por todos, e delirava com o delirio da morte, era Luiz que sentado á cabeceira do meu leito com a dedicação e paciencia de um anjo não se affastava de mim um instante senão para ir chorar e occultar as suas lagrimas. Os seus ossos espalhados no Oceano mereciam um monumento onde o proscripto reconhecido podesse um dia dizer as suas virtudes aos seus concidadãos, devolvendo-lhe as lagrimas piedosas que me consagrou.

Luiz Carniglia era de Deiva, pequeno paiz do Levante. Não havia recebido instrucção litteraria, mas suppria esta falta por um maravilhoso intendimento. Privado de todos os conhecimentos nauticos que são necessarios aos pilotos, governava os navios até Gualeguay com a sagacidade e felicidade de um piloto consumado. No combate que acabo de referir, foi a elle que principalmente devemos o não ter cahido nas mãos do inimigo: armado de um machado estava sempre no lugar onde havia maior perigo sendo por este modo o terror dos assaltantes. De uma estatura elevada e mui robusta reunia uma grande agilidade a um extraordinario valor. Dotado de uma grande bondade nas cousas da vida, possuia o raro dom de se fazer amar por todos. Infelizmente todos os melhores filhos da nossa desgraçada patria teem morrido como este em terra

estrangeira esquecidos e sem ter quem derrame uma lagrima por
elles!

XIV

PRISIONEIRO

Fiquei desanove dias recebendo unicamente os cuidados de Luiz Carniglia.

No fim d'este tempo chegámos a Gualeguay.

Tinhamos encontrado na embocadura do Ibiqui, um navio commandado por D. Lucas Tantalo, excellente homem que teve toda a sorte de cuidados por mim prestando-me o que julgava ser-me util na minha posição.

Acceitámos os seus presentes com grande prazer, porque não tínhamos a bordo senão café que era o nosso unico alimento. Davam-me pois café a todos os momentos sem se importarem se isso era ou não conveniente para a minha doença. Comecei por ter uma febre assustadora acompanhada por uma grande difficuldade de engolir fosse o que fosse, o que não admirava, porque a balla atravessando-me o pescoço de lado a lado tinha passado entre as vertebraes cervicaes e a pharynge. Decorridos oito dias n'este estado afflictivo, a febre havia diminuido, sentindo grandes melhoras.

D. Lucas tinha feito mais: partindo, deu-me cartas de recommendação para Gualeguay,—fazendo o mesmo a um seu passageiro chamado Arraigada, biscainho, que se achava estabelecido na America—e particularmente para o governador da provincia d'Entre-Rios, D. Paschal Echague, a quem por ter de fazer uma viagem, deixou o seu proprio medico, D. Romão Delarea, joven argentino, de muito merito, que examinando a minha ferida, e tendo sentido a balla do lado opposto áquelle por que tinha entrado, fez a extracção com toda a habilidade, tratando-me durante algumas

semanas, isto é até ao meu completo restabelecimento, com os cuidados mais affectuosos e desinteressados.

Fiquei seis mezes em Guleguay em casa de D. Jacintho Andreas, que teve, bem como a sua familia, por mim os maiores cuidados.

Infelizmente estava quasi prisioneiro. Não obstante a boa vontade do governador Echague, e o interesse que por mim tinha a população de Guleguay, era obrigado a esperar a resolução do dictador de Buenos-Ayres que não decidia cousa alguma.

O dictador de Buenos-Ayres era n'esta occasião Rosas, de quem tratando de Montevideo, terei occasião de fallar mais de vagar.

Curado da minha ferida, comecei a dar alguns passeios, que por ordem da authoridade eram mui limitados. Em troca do meu navio confiscado davam-me um escudo por dia, o que na realidade era muito para um paiz em que sendo tudo mui barato quasi se não gasta dinheiro: mas tudo isto não valia a minha liberdade.

Provavelmente esta despeza d'um escudo por dia parecia muito elevada ao governador, porque em differentes occasiões me foram feitas offertas de se me favorecer a fuga, mas as pessoas que me faziam essas offertas, eram, sem o saberem, agentes provocadores! Diziam-me que o governo veria a minha fuga sem grande pesar. Não era pois necessario fazer grande violencia para que eu adoptasse uma resolução de que ja havia formado o projecto. O governador depois da partida de D. Paschoal, era um certo Leonardo Millan, que não me havia até áquella época mostrado nem interesse, nem odio, não tendo pois o mais pequeno motivo para me queixar d'elle.

Resolvi então fugir, começando logo os meus preparativos, afim de estar prompto na primeira occasião que se me apresentasse. Uma noute de tempestade dirigi-me para casa d'um excellente homem que costumava de quando em quando ir visitar, e que habitava a tres milhas de Guleguay.

Dei-lhe parte da minha resolução, pedindo-lhe que me procurasse um guia e cavallos, esperando chegar a uma «estancia» pertencente a um inglez, situada na margem esquerda do Parana,

onde eu provavelmente encontraria algum barco que me transportasse incognito a Buenos-Ayres ou Montevideo. O guia e os cavallos foram arrançados, e começámos a andar por meio dos campos para não sermos descobertos. Tínhamos que caminhar cincoenta e quatro milhas, podendo vencer perfeitamente este espaço em meia noute.

Quando rompeu o dia estávamos á vista de Ibiqui, na distancia de meia milha do rio. O guia disse-me então que parasse ali em quanto elle ia saber que caminho devíamos seguir.

Fiquei pois só.

Apeei-me, amarrei as redeas do cavallo ao tronco de uma arvore e deitei-me, esperando assim durante duas ou tres horas, até que vendo que o meu guia não apparecia, levantei-me resolvido a ir pessoalmente informar-me, quando repentinamente ouvi por detraz de mim um tiro. Voltei-me e vi um destacamento de cavallaria que me perseguia de sabre em punho. Estavam já entre o meu cavallo e eu, era pois impossivel defender-me ou fugir.

Entreguei-me.

XV

A APOLEAÇÃO

Ligaram-me as mãos atrás das costas, pozeram-me a cavallo, e depois ligaram-me também os pés como o haviam feito ás mãos, sujeitando-os á cilha do animal.

Foi n'este estado que cheguei a Gualeguay, onde, como se vae vêr, me esperava um peor tratamento.

Ainda hoje, e já são passados bastantes annos, estremeço quando penso n'esta circumstancia da minha vida.

Conduzido á presença de Leonardo Millan fui intimado por elle para denunciar quem me havia fornecido os meios de effectuar a minha fuga. É escusado dizer que não fiz tal confissão, pois declarei que só eu a tinha arranjado e executado. Então como me achava ligado e Leonardo não tinha cousa alguma a temer, aproximou-se de mim e começou a bater-me nas faces com o chicote. Depois renovou as suas perguntas, não sendo mais feliz que da primeira vez.

Mandou-me conduzir á prisão, e disse em voz baixa algumas palavras ao ouvido d'um dos guardas.

Estas palavras eram a ordem de me applicar a tortura.

Chegando á camara que me estava destinada, os guardas deixaram-me as mãos ligadas atrás das costas, collocaram-me nos pulsos uma nova corda, e passaram a outra extremidade a uma trave, suspendendo-me a quatro ou cinco pés do chão.

Então Leonardo entrou na prisão e perguntou-me de novo se estava resolvido a dizer a verdade.

A unica vingança que podia tomar era cuspir-lhe no rosto, e assim o fiz.

—Quando o prisioneiro, disse elle retirando-se, quizer declarar quem foram os seus cúmplices, mandem-me chamar, e depois de fazer a confissão podem pol-o no chão.

Depois sahiu.

Fiquei duas horas n'esta horrivel posição. O peso do meu corpo sobrecarregava nos meus punhos ensanguentados e nos meus hombros deslocados.

Parecia-me estar sobre brasas.

A todos os momentos pedia agua, e os meus guardas mais humanos que o meu carrasco davam-me, mas ella não me matava a sede devoradora que soffria. Pode-se fazer uma idéa dos meus padecimentos, lendo as torturas que se inflingiam aos prisioneiros na idade media. No fim de duas horas os meus guardas tendo piedade do meu estado, ou julgando-me morto desceram-me.

Cahi no chão sem movimento.

Era uma massa inerte, sem outro sentimento que o de uma profunda e muda dôr—era quasi um cadaver.

N'este estado sem eu saber o que faziam de mim metteram-me nos cepos.

Tinha andado com as mãos e pés ligados atravez de pantanos cincoenta milhas. Os mosquitos numerosos e enraivecidos n'esta estação tinham-me tornado o rosto e as mãos n'uma grande chaga. Havia soffrido durante duas horas horriveis torturas, e quando tornei a mim achei-me ligado a um assassino.

Ainda que não tivesse dito uma unica palavra, no meio dos meus atrozes soffrimentos, D. Jacintho Andreas tinha sido preso. Os habitantes do paiz estavam cheios de espanto.

Em quanto a mim senão fossem os cuidados de uma mulher que foi para mim um anjo de caridade teria succumbido a tão atrozes soffrimentos. Despresando todo o perigo, vinha ver-me todos os dias, trazendo-me o que eu necessitava.

Chamava-se Allemand.

Poucos dias depois o governador vendo que eram inuteis todas as tentativas que fazia para me obrigar a fallar, e convencido que eu morreria antes de denunciar um dos meus amigos, não querendo provavelmente tomar sobre si a responsabilidade da minha morte mandou-me para a capital da provincia Bagada. Fiquei dois mezes na prisão no fim dos quaes o governador me mandou dizer que me era permitido sahir livremente da provincia. Ainda que eu tenho opiniões oppostas a Echague e que por mais de uma vez, depois d'esse dia, tenha combatido contra elle não devo occultar as obrigações de que lhe sou devedor e ambicionava hoje ter occasião de lhe provar todo o reconhecimento que lhe consagro pelos serviços que me prestou.

Mais tarde o acaso fez cahir nas minhas mãos os chefes militares da provincia de Gualeguay e todos foram postos em liberdade sem se lhe fazer a menor offensa, nem a elles nem ás suas propriedades.

Em quanto a Leonardo Millan nunca o quiz vêr com receio que a sua presença, fazendo-me recordar do que havia soffrido me obrigasse a praticar alguma acção indigna de mim.

XVI

VIAGEM NA PROVINCIA DO RIO GRANDE

Em Bajada embarquei n'um bergantim italiano, capitão Ventura. Este marítimo homem recommendavel a todos os respeitos, tratou-me sempre com a maior generosidade e cavalheirismo. Conduziu-me á embocadura do Iguassu, affluente do Parana, ahi passei para bordo de um barco, capitaneado por Pascoal Carbone, que se destinava a Montevideo.

Estava então em maré de ventura; Carbone obsequiou-me tambem admiravelmente.

A fortuna, assim como as infelicidades vem sempre em grandes porções; estas haviam finalisado para mim; aquellas começavam a affluir sem interrupção.

A minha proscipção continuava em Montevideo. A resistencia que empregára contra os lanchões e a perda que lhes haviamos causado era para isso pretexto plausivel. Fui então obrigado a esconder-me em casa de Pazante aonde me conservei por espaço de um mez.

Comtudo a minha reclusão tornava-se supportavel, por que era suavizada pelas visitas de muitos compatriotas, que em tempo de prosperidade e de paz tinham vindo estabelecer-se no paiz e exerciam para com os amigos do velho mundo a mais generosa hospitalidade. A guerra, e sobretudo o cerco de Montevideo veio mudar a posição da maior parte d'elles e de feliz que era tornou-l'ha não só má, porém pessima. Pobres homens! bastantes vezes os deplorei, e desgraçadamente não podia fazer mais do que lamental-os!

Passado um mez, era tempo de seguirmos viagem; parti com Rossetti para o Rio Grande; a nossa jornada devia ser e foi feita a cavallo, o que me deu muito prazer. Viajavamos á *escotero*.

Darei uma pequena explicação sobre esta maneira de viajar, que pela sua rapidez deixa bem longe a posta por mais ligeira que ella seja.

Sejam dois, tres ou quatro os viajantes, vão acompanhados por vinte cavallos habituados a seguir os que vão montados; quando depois alguns dos cavalleiros vê que o seu cavallo está fatigado, apeia-se, passa o selim e os arreios para um dos que vem livres, e segue a galope tres ou quatro leguas; depois toma outro, e assim successivamente os vae mudando até chegar ao seu destino; os cavallos cançados, mesmo tendo de seguir os outros, recuperam forças, porque vão livres de selim e do cavalleiro.

O pouco tempo que os cavalleiros gastam n'estas mudas, os cavallos o aproveitam para comerem alguma herva e beberem agua, se por acaso a encontram; as verdadeiras rações são duas vezes ao dia, pela manhã e á noite.

D'este modo chegámos a Piratini, séde do governo do Rio Grande; a capital da provincia é Porto Allegre, porém como estava occupada pelos imperiaes, o governo republicano estabelecera-se em Piratini.

Piratini é realmente um dos mais bellos paizes do mundo; divide-se em duas regiões; uma de planicies e a outra montanhosa.

As planicies verdadeiramente tropicaes produzem a banana, a cana d'assucar, e a laranja. Junto aos troncos das suas arvores, e por entre as plantas arrasta-se a serpente cascavel, a serpente negra, e a serpente coral; ali, como na India, vê-se saltar o tigre, o jaguar, a puma, e o leão inoffensivo, de dimensões eguaes a qualquer dos enormes cães do monte de S. Bernardo.

A região montanhosa é temperada como o meu bello clima de Niza; colhe-se o bom pecego, a pera, a ameixa, e toda a qualidade de fructos da Europa, encontram-se as magnificas florestas, das quaes nenhuma pena seria capaz de fazer exacta descripção, com os seus pinheiros direitos como os mastros dos navios, e d'altura de

duzentos pés, e dos quaes talvez cinco ou seis homens não podessem abraçar o tronco. Á sombra d'esses pinheiros vegetam os taquares, canas gigantescas que chegam a oitenta pés d'altura, e das quaes na base não excedem a grossura do corpo d'um homem; existe tambem ali a *barba de pau*, litteralmente dita a barba das arvores, que entrelaçando-se multiplicadamente fórma espeços bosques; nas vastas planicies chamadas campestres estendem-se cidades inteiras, como Cima da Serra, Vaccaria, Lages; não tres cidades, mas tres provincias; população caucasiana, de origem portugueza, e essencialmente hospitaleira.

O viajante não tem precisão de dizer nem de pedir coisa alguma; entra em qualquer habitação, vae direito á camara dos hospedes; os criados apparecem, sem que sejam chamados, descalçam-o e lavam-lhe os pés. Fica ali por quanto tempo quer, e quando lhe appetitece retira-se sem despedir-se nem agradecer; e apesar d'esta descortesia, outro que venha depois d'elle não é recebido com menos agrado.

É a juventude da natureza, o erguer da humanidade.

XVII

A LAGOA DOS PATOS

Chegando a Piratini, fui magnificamente recebido pelo governo da republica. Bento Gonçalves—verdadeiro cavalleiro andante do seculo de Carlos-Magno, irmão, pelo coração, dos Oliveiros e dos Roldões vigoroso, agil e leal como elles, verdadeiro centauro, manejando um cavallo como ainda não vi manejar senão ao general Netto—modelo completo para um cavalleiro—estava ausente e em marcha com uma brigada de cavallaria, para atacar Silva Tanaris, chefe imperial, que tendo atravessado o canal de S. Gonçalo, infestava esta parte da provincia Piratini, séde do governo republicano, e pequena villa encantadora pela sua posição e cabeça de districto do mesmo nome, guarnecida por uma população bellicosa e essencialmente dedicada á causa da liberdade.

Na ausencia d'aquelle general, foi o ministro da fazenda quem me fez as honras da cidade.

Agora uma palavra respectivamente ao Rio Grande, o qual, por este nome, poderia suppor-se situado ao longo de um grande rio, ou um rio propriamente dito.

O Rio Grande é o Lago dos Patos, e terá trinta leguas de extensão. Além de alguns baixos muito fundos, dos quaes mais tarde fallaremos, é em toda essa extensão bastante profundo e povoado por caimans; sendo formado por cinco rios, os quaes vindo terminar na extremidade do norte, apresentam a disposição de cinco dedos da mão, da qual a palma é o fim do lago.

Ha um ponto d'onde se descobrem perfeitamente esses cinco rios, e que por essa razão se chamava *Viamão*—Vi a mão.

Viamão mudara, porém de nome, e chamava-se *Settembrina* em commemoração de haver sido em setembro proclamada a republica.

Achava-me em Piratini sem ter em que me occupar; pedi então para fazer parte da columna de operações, que se dirigia sobre S. Gonçalo, e era commandada pelo presidente da republica.

Foi então que pela primeira vez vi aquelle valente, gosando alguns dias a sua intimidade. Era realmente o filho querido da natureza—que lhe havia prodigalisado tudo o que torna o homem um verdadeiro heroe.—Bento Gonçalves teria então sessenta annos. Alto, esvelto, montava a cavallo, como já disse, com um garbo e agilidade admiraveis. N'aquella posição ninguém o julgaria com mais de vinte e cinco annos.—Valente e feliz, não teria hesitado um momento, como um cavalleiro de Arioste, em atacar um gigante: tivesse elle a estatura de Polyphemo ou a armadura de Ferragus.

Fôra um dos primeiros a levantar o grito de guerra, não com vistas de ambição pessoal, mas como qualquer outro belligerante filho d'aquelle povo. Na campanha passava como o mais infimo habitante das campinas; isto é, com a carne assada e agua pura.—No dia em que nos encontrámos pela primeira vez, convidou-me para o seu banquete frugal; e conversámos com tanta familiaridade como se fôssemos companheiros de infancia e eguaes em posição. Com taes dotes naturaes e adquiridos, Bento Gonçalves era o idolo de seus concidadãos; porém cousa estranha, foi quasi sempre infeliz nas empresas guerreiras; o que me faz acreditar que o acaso é superior ao genio para os successos da guerra, e para a fortuna dos heroes.

Acompanhei a columna até Camodos,—passagem do canal de S. Gonçalo que liga a lagôa dos Patos a Meryn.

Silva Tanaris havia-se retirado precipitadamente, logo que soube da aproximação de uma columna do exercito republicano.

Não podendo alcançal-o, o presidente retrocedeu. Fiz outro tanto, tomando o caminho de Piratini.

N'esta occasião recebemos noticia da batalha de Rio Pardo, na qual o exercito imperial fôra completamente destroçado pelos republicanos.

XVIII

ARMAMENTO DE LANCHÕES EM CAMACUA

Fui encarregado do armamento de dois lanchões que existiam nas aguas do Camacua, rio que corre quasi paralelo e a pouca distancia do canal de S. Gonçalo, e que como este vae desaguar no lago dos *Patos*.

Reuni alguns marinheiros vindos de Montevideo a outros que achei no Piratini, completando ao todo uns trinta homens de diversas nações. Infelizmente para elle tambem ali se achava o meu caro Luiz Carniglia. Tinhamos um outro recruta francez de estatura colossal, bertão, por nascimento, a que chamavamos João-Grande, e outro por nome Francisco, verdadeiro corsario, e digno *irmão da costa*.

Chegando a Camacua, encontrámos ahi o americano John Griggs, que habitando n'uma herdade pertencente a Bento Gonçalves estava encarregado de vigiar o acabamento de dois *sloops*.

Fui nomeado chefe d'essa frota ainda em construcção, com o posto de capitão-tenente. Era curioso aquelle methodo de construcção que fazia honra á bem conhecida persistencia dos americanos. Ia procurar-se á madeira a uma parte e o ferro a outra; dois ou tres carpinteiros cortavam e aparelhavam aquella, um mulato forjava o ferro. Foi assim que se fabricaram os dois *sloops*, desde os pregos até aos circulos de ferro dos mastros.

No fim de dois mezes a esquadilha estava prompta. Cada um dos vasos foi armado com duas peças de bronze; quarenta negros ou mulatos foram aggregados aos trinta europeus, formando d'esse modo duas equipagens que comprehendiam setenta homens.

O lote dos lanchões seria um de dezoito, outro de doze a quinze tonelladas.

Tomei o commando do mais forte a que puzemos o nome de *Rio-Pardo*.

John Griggs foi encarregado do segundo, que se chamou—O *Republicano*.

Rossetti tinha ficado em Piratini, incumbido da redacção do jornal *O Povo*.

Começaram então as nossas correrias pelo lago dos Patos. Passaram-se alguns dias sem fazermos mais do que prezas insignificantes.

Os imperiaes tinham, para fazer frente aos nossos dois *sloops*, de vinte e oito tonelladas, trinta navios de guerra e um barco a vapor.

Porém nós tínhamos a nosso favor os baixios das aguas.

O lago não era navegavel para os grandes barcos, se não n'uma especie de canal que seguia ao longo da sua margem do oriente.

No lado opposto succedia o contrario, porque o solo era cortado em declive, e nós mesmos viamo-nos ás vezes encalhados antes de tocar na margem.

Os bancos d'areia estendiam-se pela lagôa á semelhança dos dentes de um pente, e só havia de bom que esses dentes eram bastante affastados uns dos outros.

Quando eramos forçados a encalhar, e os canhões dos navios de guerra ou do vapor nos incommodavam, dizia:

—Ávante, meus patos, saltemos á agua.

E os meus patos cahiam n'agua, e á força de braços erguiam o lanchão, transportando-o para o outro lado do banco de areia.

No meio de todos estes pequenos acontecimentos tomámos um barco ricamente carregado que foi conduzido immediatamente para a costa occidental do lago, junto a Camacua, aonde o queimamos depois de havermos tirado tudo o que era aproveitavel.

Foi esta a primeira preza que fizemos, mas que valeu bem o trabalho; e alegrou a nossa marinha. Todos tiveram a sua parte nos despojos, e com um fundo reservado mandei fazer uniformes para todos os meus bravos.

Os imperiaes, que até ali nos haviam desprezado, não perdendo ocasião de escarnecer-nos, começaram a comprehender qual era a nossa importancia no lago, e trataram de empregar grande numero de navios para protegerem o seu commercio.

A vida que passavamos era laboriosa e cercada de perigos, em razão da superioridade numerica dos inimigos; mas ao mesmo tempo essa vida era encantadora, pittoresca, e muito em harmonia com o meu character. Não eramos unicamente maritimos, seriamos tambem cavalleiros no caso de necessidade. No momento de perigo encontraríamos quantos cavallos quizessemos, e formariamos um esquadrão se não elegante, ao menos temivel.

Nas margens da lagôa encontravam-se estancias que, pela aproximação da guerra, tinham sido abandonadas pelos proprietarios, aonde achamos muita abundancia de gado cavallar e o necessario para o seu sustento; por outro lado nas herdades existiam terrenos cultivados, aonde colhiamos abundancia de trigo, batata doce, e muitas vezes excellentes laranjas; que são as melhores de toda a America do Sul.

A gente que me acompanhava verdadeira tropa cosmopolita era composta de homens de todas as côres e de todas as nações. Tratava-os com uma bondade, de que talvez parecessem pouco dignos, porém posso affirmar uma coisa: é que nunca tive motivo de arrepender-me d'essa bondade—todos obedeciam á minha primeira ordem e nunca me fatigaram, nem me vi na necessidade de os punir.

XIX

A ESTANCIA DA BARRA

Sobre o Camacua, aonde tínhamos o nosso pequeno arsenal, e d'onde sahira a frota republicana, habitavam occupando uma grande extensão de terreno as familias dos irmãos de Bento Gonçalves, assim como outros parentes mais affastados; innumeraveis rebanhos se apascentavam n'esta magnifica planicie que a guerra havia respeitado, porque se achava ao abrigo do seu poder destruidor.

As producções agricolas achavam-se ali agglomeradas em tanta abundancia, como não tenho idéa de vêr em parte alguma da Europa.

Já disse em outra parte que em nenhum lugar do mundo se encontra hospitalidade mais franca e cordeal do que n'este paiz; e foi o que nós achámos em todas as familias, nas quaes existia por nós a mais decidida sympathia.

As estancias que por estarem mais proximas ao rio, e por esperarmos ser ahi mais bem recebidos, procuravamos de preferencia para nos hospedarmos, eram as de D. Anna e D. Antonia, irmãs do presidente. Aquella situada á margem do Camacua, e esta nas do Arroyo Grande.

Não sei se por effeito da minha imaginação, ou por um privilegio dos meus vinte e seis annos, tudo ali era encantador aos meus olhos, e posso assegurar que nenhuma época da minha vida está como esta tão ligada ao meu pensamento, e nada se me apresenta mais fascinador do que este periodo que recordo com prazer.

A casa de D. Anna era para mim um verdadeiro paraíso; posto que já não fosse joven, esta bella senhora conservava comtudo um

caracter alegre.

Tinha em sua companhia uma familia inteira, emigrada de Pelotas, cidade da provincia, da qual era chefe o doutor Paulo Ferreira; tres meninas que rivalisavam nos encantos, eram o perfeito ornamento d'este delicioso recinto. Uma d'essas jovens, Manuela, era a senhora absoluta do meu coração: sem esperança de poder possuil-a, ainda assim não podia deixar de a amar. Era desposada de um dos filhos de Bento Gonçalves.

Em um momento de perigo tive occasião de conhecer que não era totalmente indifferente á dama dos meus pensamentos; e a certeza que obtive da sua sympathia serviu a minorar o desgosto de nunca dever pertencer-me.

Geralmente as mulheres do Rio Grande são bellas, e os meus homens tornaram-se facilmente escravos d'essas bellezas; porém conscienciosamente affirmo que nenhum d'elles tinha pelo seu idolo um culto tão puro e desinteressado como eu por Manuela. Portanto, todas as vezes que um vento contrario, uma borrasca ou uma expedição nos levava ao Arroyo Grande ou a Camacua, era para nós dia de festa; o pequeno bosque de Firiva, que indica a entrada para aquella, ou o pomar das laranjeiras que occulta o caminho para a ultima, eram sempre saudados por uma triplicada salva de *hourras*, que mostravam a força do nosso entusiasmo amoroso.

Um dia, depois de havermos puchado para terra as nossas embarcações, descançavamos na estancia de D. Antonia, irmã do presidente, a pouca distancia de uma d'essas choupanas, aonde salgam e defumam a carne, ás quaes dão no paiz o nome de *galpon de chargueada*, quando me vieram dizer que o coronel João Pedro de Abreu, appellidado *Mouringue*, isto é, Foinha, em consequencia de ser muito astucioso, havia desembarcado a duas ou tres leguas de distancia, com setenta homens de cavallaria e oitenta de infantaria.

Havia probabilidade para acreditar esta noticia, porque depois da tomada do barco que haviamos queimado depois de nos assenhorearmos do mais precioso que elle tinha, sabiamos que Mouringue jurara tirar uma boa vingança.

Esta noticia encheu-me de alegria.

Os homens commandados pelo coronel Mouringue eram mercenarios allemães ou austriacos aos quaes ainda eu não estava enfastiado de fazer pagar a divida que todo o bom italiano tem contrahido com os seus irmãos da Europa.

Eramos sessenta ao todo; porém eu conhecia bem esses sessenta homens, e com elles era capaz de fazer frente não só a cento e cincoenta austriacos, mas a trezentos.

Tratei de destacar espias para todos os lados e fiquei com uns cincoenta homens junto a mim.

Os dez ou doze que enviara a explorar terreno, voltaram, e disseram a uma voz:

—Não vimos cousa alguma,

Havia então um denso nevoeiro, e foi protegido por elle que o inimigo poudé subtrahir-se ás suas pesquisas.

Resolvi não confiar unicamente na intelligencia humana, e quiz interrogar tambem o instincto dos animaes.

Ordinariamente, quando qualquer expedição d'este genero se aproxima, e homens d'outros sitios vem preparar uma emboscada junto a alguma estancia, os animaes que sentem ruido estranho, dão signaes de inquietação, e quem tacitamente os interroga, raras vezes se engana.

Os cavallo espalhados pela minha gente, começaram a andar mui socegados em torno da estancia, manifestando assim que nada de novo se passava nas proximidades.

Portanto acreditando que não havia surpresa a temer, ordenei á minha gente que arrumasse as armas, todavia carregadas, e as munições nos cabides que mandara construir dentro da arribana, e dei-lhes o exemplo de segurança, começando a almoçar, e convidando-os a fazer outro tanto.

Por costume, nunca se faziam rogar para este convite.

Graças a Deus, tambem nunca as munições de bocca nos faltavam.

Terminado o almoço, mandei cada um a tratar da sua occupação.

Toda a minha gente trabalhava do mesmo modo que comia; isto é, sempre com boa vontade: não se fazendo rogar: uns foram para os lanchões que estavam sobre a praia, afim de tratarem de algum arranjo de que elles carecessem, outros dirigiram-se á forja, estes a buscar madeira para queimar, e aquelles finalmente para a pesca.

Fiquei eu só e o mestre cosinheiro, que havia estabelecido a sua cosinha á luz do dia, em frente da arribana, e ahi vigiava as nossas marmitas.

Quanto a mim, saboreava voluptuosamente o meu *mate*, especie de chá do Paraguay, que se toma de uma cabaça com o auxilio de um canudo de vidro ou de pau.

Comtudo, não duvidava que o coronel Fuinha, sendo natural do paiz, tivesse com a sua astucia illudido a vigilancia da minha tropa, não causando a sua presença sobresalto aos animaes, e que estaria talvez com os seus cento e cincoenta austriacos deitado em algum bosque a quinhentos ou seiscentos passos de nós.

Repentinamente, com grande admiração minha, ouvi por detraz de mim, tocar a carregar.

Voltei-me.

Infanteria e cavallaria carregavam ao gallope; cada cavalleiro trazia um homem na garupa. Os que não tinham cavallos corriam a pé agarrados ás crinas. Dei um salto e achei-me no *galpon*; fui seguido pelo cosinheiro mas o inimigo estava tão proximo de nós que no momento em que eu transpunha o liminar da porta, senti o chapéu atravessado por uma lança.

Ja disse que os fuzis estavam carregados na grade da mangedoura. Tinha sessenta.

Agarrei em um e descarreguei-o, depois um segundo, e um terceiro, com tanta rapidez, que não se poderia julgar que me achava só, e com tanta felicidade que tres homens cahiram.

Tres outros tiros se succederam aos primeiros, e como atirava ao grupo, todos eram funestos.

Se o inimigo, tivesse a idéa de assaltar o *galpon* estaria tudo acabado, mas o cosinheiro tinha-se-me unido e fazia tambem fogo,

de modo que o coronel Fuinha, apesar de toda a sua esperteza, julgou que todos nós estávamos reunidos.

Por consequencia retirou-se para uns cem passos de distancia do alpendre, e começou a fazer alguns tiros de quando em quando.

Foi o que me salvou.

Como o cosinheiro não era bom atirador, e na nossa situação cada tiro perdido era uma falta irreparavel, disse-lhe que se entertesse em carregar os fuzis que eu os iria descarregando.

Estava intimamente convencido de que a minha gente, suspeitando já que o inimigo tinha desembarcado, e ouvindo o estrondo da fuzilaria, comprehenderia tudo e viria em meu auxilio.

Não me enganava.

O meu bravo Luiz Carniglia foi o primeiro que appareceu atravez as nuvens de fumo que existiam entre o *galpon* e a tropa inimiga que fazia um fogo infernal.

Depois d'elle appareceram Ignacio Bilbao, biscainho, e um italiano chamado Lourenço. N'um momento estavam a meu lado, e começaram a imitar-me o melhor que puderam; depois chegaram Eduardo Mutru, Nascimento Raphael e Procopio—estes dois ultimos eram negros—e Francisco da Silva. Queria em logar de escrever no papel, gravar no bronze os nomes d'estes valentes companheiros, que no numero de treze se me reuniram combatendo durante cinco horas cincoenta inimigos.

O inimigo tinha-se apoderado de todas as casas e barracas que nos rodeavam, fazendo-nos d'ahi um fogo terrivel. Alguns dos seus soldados haviam subido aos telhados de que tiraram as telhas, disparando-nos tiros pelos buracos e lançando-nos fachinas accesas. Mas em quanto uns apagavam as fachinas, e outros respondiam á fuzillaria, dois ou tres caíram mortos pelo mesmo buraco que haviam feito. Tinhamos praticado com as nossas bayonetas algumas setteiras na muralha do *galpon*, e por ahi faziamos fogo quasi cobertos.

Pelas tres horas o negro Procopio deu um tiro que teve um exito feliz: quebrou um braço ao coronel Moringue. No mesmo momento o

coronel tocou a retirada, e partiu levando os feridos, mas deixando quinze mortos no campo da batalha.

Dos meus companheiros tive cinco feridos e tres mortos. Custou-me pois oito homens esta refrega, que foi uma das mais serias em que me tenho achado.

Estes combates eram tanto mais funestos para nós que não tínhamos nem medico nem cirurgião. As feridas ligeiras eram pensadas com agua fresca, renovando-se este medicamento o maior numero de vezes possivel.

Rossetti, que por acaso se achava com os seus companheiros em Camacua, não se nos pôde reunir, com grande pesar seu. Sendo perseguidos e não tendo armas, foram obrigados uns a passar o rio a nado, outros a entranharem-se na floresta: um unico foi descoberto e morto.

Este combate tão perigoso e que teve tão feliz resultado, deu uma grande confiança aos meus homens e aos habitantes d'este lado do paiz, expostos ha muito tempo ás excursões d'este inimigo aventureiro e intrepido.

Moringue foi na realidade o chefe mais habilitado que tiveram os imperiaes. Era muito apto para estas empresas, e devo dizer que sempre se tinha conduzido com uma finura que lhe teria merecido o appellido de *Fuinha*, se já o não tivesse.

Nascido no paiz, que como já disse, conhecia perfeitamente, e dotado de uma astucia e intrepidez a toda a prova, causou graves prejuizos aos republicanos, e o imperio do Brazil deve-lhe sem duvida alguma a melhor parte na submissão d'esta corajosa provincia.

Celebrámos a nossa victoria. D. Antonia deu em nossa honra uma festa na sua estancia, distante doze milhas do *galpon*, em que tinha tido logar o combate.

Foi n'esta festa que eu soube que uma linda menina, constando-lhe o perigo que eu corria, havia impallidecido e perguntado com toda a anciedade noticias minhas. Esta noticia foi mais agradavel para mim, do que a victoria sanguinolenta que poucos momentos antes tinha ganho. Como me achava soberbo e feliz por lhe

pertencer, ainda que não fosse senão pelo pensamento. Devia pertencer a outro, mas a sorte havia-me destinado essa flor do Brasil, que eternamente chorarei. Não era só nos prazeres e alegrias que a encontrava sempre a meu lado, foi na adversidade que eu conhecia o quanto valia o nobre coração da mãe de meus filhos.

Annita! cara Annita!

XX

EXPEDIÇÃO A SANTA CATHARINA

Depois d'este successo nada de importante nos succedeu no lago dos Patos.

Começámos a construcção de dois novos lanchões. Os elementos primarios tinham-se achado na preza antecedente, e em quanto á sua confecção eramos coadjuvados valorosamente pelos habitantes da visinhança.

Tinham-se apenas acabado e armado os dois novos navios de guerra, quando fomos avisados para nos juntarmos ao exercito republicano que então sitiava Porto-Alegre, capital da provincia. O exercito e nós não fizemos cousa alguma em quanto estivemos n'esta parte do lago.

Não obstante este cerco era dirigido por Bento Manuel em quem todos reconheciam um grande merito como soldado, como general e como organisador. Foi este que depois trahindo os republicanos se passou aos imperiaes.

Pensava-se então na expedição de Santa Catharina. Fui convidado para tomar parte n'ella, debaixo das ordens do general Canavarro.

Havia no cumprimento d'este projecto uma grande difficuldade que era o sahirnos da lagôa, visto que a embocadura estava guardada pelos imperiaes.

Na margem meridional estava a cidade fortificada do Rio Grande do Sul, e na margem septentrional S. José do Norte, cidade mais pequena, mas fortificada tambem. Estas duas praças, bem como Porto Alegre, achavam-se em poder dos imperiaes tornando-se por

isso senhores da entrada e saída do lago. Possuíam, é verdade, unicamente estas duas praças, mas ellas eram bastante importantes pela sua posição.

Para homens como os que tinha debaixo das minhas ordens não havia comtudo coisa alguma impossivel.

Formei então o seguinte plano de guerra. Os dous mais pequenos lanchões ficavam na lagôa, sendo seu chefe o excellente marítimo Zeferino d'Ultra. Eu com os outros dous lanchões tendo debaixo das minhas ordens Griggs e os melhores dos nossos aventureiros acompanharia a expedição operando por mar em quanto o general Canavarro operava por terra.

Era um bello plano, mas era mui difficil pela sua execução.

Propuz então que se construíssem duas carretas d'um tamanho e solidez necessaria para collocar em cada uma d'ellas um lanchão, devendo-se atrelar a cada carreta o numero de cavallos e bois sufficientes para as poderem puchar.

A minha proposta foi adoptada, e fui encarregado de lhe dar execução.

Pensando então maduramente n'este projecto fiz-lhe as seguintes modificações.

Mandei construir por um habil carpinteiro chamado Abreu oito enormes rodas de uma solidez a toda a prova para poderem sustentar o extraordinario peso que devia supportar.

N'uma das extremidades do lago—a que é opposta ao Rio Grande do Sul—isto é, ao noroeste, existe no fundo de um barranco um pequeno ribeiro que corre do lago dos Patos ao lago Tramandai, ao qual tratavamos de transportar os dous lanchões.

Fiz descer a este barranco um dos nossos carros, depois levantámos o lanchão até que aquelle estivesse em cima do carro. Cem bois mansos foram atrelados, e vi então com grande satisfação o maior dos nossos lanchões caminhar como se fosse uma penna.

O segundo carro desceu por sua vez, e como no primeiro obtivemos um exito feliz.

Os habitantes gosaram então d'um espectáculo curioso e desusado, isto é, verem dois navios em cima de duas carretas, e puxados por duzentos bois, atravessarem cincoenta e quatro milhas, isto é, dezoito leguas, sem a menor difficuldade, sem o mais pequeno incidente.

Chegados á margem do lago Tramandai os lanchões foram deitados ao mar do mesmo modo porque tinham sido embarcados. Necessitavam de alguns pequenos reparos, que no fim de tres dias estavam concluidos.

O lago Tramandai é formado por aguas que tem a sua fonte nos montes d'Epinasso, e finalisa-o no Atlantico. É pouco fundo, pois nas maiores enchentes só tem quatro ou cinco pés d'agua. N'esta parte da costa reinam sempre grandes tempestades.

O estrondo que o mar faz batendo n'estes rochedos, que os marinheiros chamam cavallos, por causa da espuma que fazem voar em roda d'elles, ouve-se a muitas milhas de distancia, e muitas vezes é tomado pelo rumor da tormenta.

XXI

PARTIDA E NAUFRAGIO

Promptos a partir esperámos pela maré cheia, sahindo ás quatro horas da tarde.

Foi n'esta occasião que soubemos apreciar o bem que nos resultava da pratica que tinhamos de navegar entre os rochedos. Não obstante esta pratica, não sei hoje dizer porque audaciosa ou antes porque habil manobra chegámos a tirar os nossos navios d'entre os rochedos, ainda que tivéssemos, como já disse, escolhido a maré cheia. O fundo necessario para navegarmos faltava-nos por toda a parte, foi pois só ao cair da noite que os nossos esforços obtiveram um resultado feliz conseguindo deitar ancora no Oceano.

Julgo conveniente dizer que os nossos navios foram os primeiros que sahiram do lago Tramandai.

Ás oito horas da noite levantámos ancora e começámos a nossa viagem.

No dia seguinte pelas tres horas da tarde tinhamos naufragado na embocadura do Aserigua, rio que tem a sua nascente na serra Espinasso, e que se lança ao mar na provincia de Santa Catharina, entre as torres e Santa Maura.

De trinta homens da equipagem, dezeseis affogaram-se.

Direi em duas palavras como aconteceu esta terrivel catastrophe.

No momento da nossa partida, o vento do meio dia começava a apparecer. Corriamos parallellos á costa. O *Rio Pardo* tinha, como já disse, trinta homens de equipagem, uma peça de doze, uma grande porção de caixas, e outros objectos de toda a especie, que tinhamos

levado por precaução, por não sabermos o tempo que estaríamos no mar, e a que praia chegaríamos, e qual seriam as circumstancias em que estaria essa praia no momento em que nos dirigíamos para um paiz inimigo.

O lanchão achava-se pois mui subcarregado, e as vagas cobrindo-o de minuto em minuto, ameaçavam submergil-o. Resolvi então aproximar-me da costa e tomar terra na parte que me pareceu accessivel; mas o mar que ia sempre crescendo, não nos deixou escolher a posição que nos convinha, e uma vaga enorme nos arremeçou para a costa.

Estava n'essa occasião na parte mais elevada do mastro do traquete, d'onde esperava descobrir uma passagem atravez os rochedos. O lanchão inclinou-se sobre o estribordo e eu fui lançado a trinta pés de distancia.

Ainda que estivesse n'uma posição perigosa, a confiança que tinha nas minhas forças como nadador, fez com que não pensasse um unico momento na morte, e tendo comigo alguns companheiros, que não eram marinheiros, e que momentos antes tinha visto deitados no tombadilho e mui enjoados; em logar de nadar para a costa, comecei a reunir uma parte dos objectos, que pela sua ligeireza promettiam conservar-se á superficie, e comecei a empurrar-os para o navio gritando aos meus homens que se lançassem ao mar e que apanhassem alguns d'aquelles objectos, tratando de ganhar a costa que se achava na distancia de uma milha. O navio tinha-se afundado, mas a mastreação conservava-o com os seus flancos de bombordo fóra de agua.

O primeiro que eu vi agarrado ás enxarcias foi Eduardo Mutru um dos meus melhores amigos: atirei-lhe um fragmento da escotilha recommendando-lhe que o não alargasse.

Este estando quasi salvo, lancei os olhos para o navio.

Vi então o meu caro e corajoso Luiz Carniglia. Estava ao leme no momento da catastrophe, e havia ficado agarrado á popa do navio. Infelizmente estava n'esta occasião vestido com uma jaqueta de uma enorme roda. Não havia tido tempo de a tirar, não podendo por isso nadar em quanto a tivesse vestida. Vendo que me dirigia para elle começou a gritar.

—Agarra-te bem, lhe respondi, que já te dou soccorro.

Subindo ao navio como o teria podido fazer um gato, cheguei ate junto d'elle; agarrei-me com uma mão a uma borda, e com a outra tirando da algibeira uma faca que infelizmente cortava pessimamente, comecei a rasgar as costas da jaleca. Tinha quasi finalisado esta minha ardua tarefa, e Carniglia estava quasi salvo, quando um golpe de mar horrivel, envolvendo-nos fez em pedaços o navio e lançou ao mar os homens que ainda se conservavam a bordo.

Carniglia foi tambem precipitado e não tornou a apparecer.

Lançado ao fundo do mar como um projectil, voltei á superficie todo aturdido, mas tendo uma unica idéa—a de soccorrer ao meu charo Luiz. Comecei a nadar em volta da carcassa do navio chamando-o em altos gritos, mas elle não me respondeu. Esse bom amigo que já me tinha salvo a vida, tinha morrido sem eu o poder soccorrer.

No momento em que abandonava a esperança de salvar Carniglia, lancei os olhos em volta de mim. Por uma graça especial de Deus, n'este momento de agonia para todo o mundo, não pensei um unico momento em mim tratando unicamente dos outros.

Vi então os meus companheiros nadando para a praia, separados uns dos outros segundo a sua agilidade ou força. Alcancei-os em um momento e animando-os com os meus gritos, passei-lhe adiante, sendo um dos primeiros a atravessar os rochedos, cortando para isso vagas tão altas como montanhas.

Puz pé em terra. Mas a dôr por perder o meu pobre Carniglia, deixando-me indifferente sobre a minha propria sorte, dava-lhe uma força invencivel.

Apenas tinha posto pé em terra que me voltei movido por uma derradeira esperança.

Póde ser, ir vêr Luiz.

Interroguei todas essas figuras assustadas, mas todas me davam a mesma resposta. Já não me restava esperança alguma.

Vi então Eduardo Mutru, que depois de Carniglia era quem eu estimava mais, e a quem tinha passado um fragmento da escotilha recommendando-lhe que se agarrasse com toda a força. A violencia das vagas tinha-lhe, sem duvida, tirado este apoio. Ainda nadava, mas pela convulsão dos seus movimentos indicava a extremidade a que se achava reduzido. Já disse como o amava, era pois o segundo irmão que ia perder no mesmo dia. Não quiz em um momento perder tudo o que mais presava no mundo. Lancei ao mar os restos do navio que me tinham servido para ajudar a ganhar a praia, e lancei-me de novo ao mar, indo novamente affrontar um perigo ao qual tinha poucos momentos antes escapado. No fim d'um minuto só algumas braças me separavam de Eduardo.

—Coragem... Coragem, lhe disse eu.

Vã esperança, vãos esforços! No momento em que encaminhava para elle o pedaço de madeira salvadora desapareceu.

Dei um grito, e mergulhei. Depois não encontrando o meu pobre amigo julguei que teria vindo á superficie. Voltei tambem: Ninguém! Mergulhei de novo e de novo voltei ao cimo d'agua. Dei gritos desesperados, mas tudo foi em vão. Eduardo Mutru tinha tambem sido engolido por esse Oceano que elle não tinha tido receio de atravessar para, unindo-se-me, servir a causa dos povos.

Ainda um martyr da liberdade italiana que não teve um tumulto, uma cruz!

Os cadaveres dos dezeseis afogados que nós contamos n'este desastre, fieis companheiros das minhas aventuras, foram arremeçados pelas vagas a mais de trinta milhas de distancia para o norte. Procurei então entre os quatorze que haviam escapado e que n'este momento estavam na praia, um rosto amigo, uma figura italiana.

Nenhuma!

Os seis italianos que me acompanhavam estavam mortos. Carniglia, Mutru, Staderini, Nadonne e Giovanni... Não me recordo do nome do sexto.

Peço perdão á patria por o haver esquecido, bem sei que escrevo estas memorias doze annos depois d'estes successos

terem logar, bem sei que muitos acontecimentos tão terríveis como o que acabo de descrever, tem tido logar na minha vida; bem sei que vi cair uma nação, e que tentei defender uma cidade; bem sei que perseguido, exilado, e tratado como um animal feroz, depuz no tumulto a mulher a quem amava mais que a propria vida, bem sei que depois de fechado o seu tumulto fui obrigado a fugir como os condemnados de Dante; bem sei que não tenho um asylo, e que do extremo d'Africa onde me acho, olho para essa Europa que me repelle como um bandido, apesar de não ter tido até hoje senão um pensamento, um amor—a patria; sei tudo isto, mas não obstante devia-me lembrar d'esse nome.

E comtudo não o sei!!

Tanger, março de 1857.—G. G.

XXII

JOÃO GRIGGS

Os melhores nadadores tinham succumbido! Sem duvida confiando na sua habilidade, não se tinham querido apoderar dos restos do navio, esperando suster-se na agua sem este soccorro, em quanto que ao contrario, entre os que via sãos e salvos estavam alguns americanos que em muitas occasiões tinha visto embarçados, por terem de atravessar um pequeno rio de dez a doze pés de largo.

Parecia-me isto estranho, e comtudo era a verdade.

O mundo era para mim um deserto.

Assentei-me na praia, e encostando a cabeça ás mãos julguei que ia chorar.

No meio da minha atonia ouvi um gemido.

Lembrei-me então que não obstante serem-me esses homens desconhecidos, visto que eu era seu chefe no combate e no naufragio, devia tambem sel-o na desgraça.

Ergui a cabeça.

—Que tem, perguntei, e quem se queixa?

Duas ou tres vozes me responderam:

—Tenho frio.

Eu que até então não tinha pensado em tal, comecei tambem a senti-lo.

Levantei-me e enchei-me. Alguns dos meus companheiros estavam já assentados ou deitados para nunca mais se levantarem.

Chamei em meu auxilio os mais vigorosos, e obriguei os que se achavam tolhidos a erguerem-se. Peguei-lhe por uma mão, e disse aos que ainda não haviam perdido totalmente as forças que fizessem outro tanto, gritando:

—Corramos!

E dei ao mesmo tempo o exemplo.

No principio sentimos uma grande difficuldade, ou para melhor dizer, uma grande dôr por sermos obrigados a fazer mover os nossos membros tolhidos pelo frio, mas em pouco tempo começámos a sentir algum calor.

Entregámo-nos durante uma hora a este exercicio. No fim d'este espaço, o nosso sangue aquecendo tinha recommçado a sua circulação.

Estavamos então perto do rio Aserigue. Dirigimo-nos pela sua margem direita, e a quatro milhas encontrámos uma estancia, e n'ella a hospitalidade que existe sempre em todas as casas americanas.

O nosso segundo lanchão, commandado por Griggs, chamado o *Seival*, um pouco maior que o *Rio Pardo*, mas de construcção differente, póde lutar contra a tempestade, seguindo a sua viagem.

É necessario dizer que Griggs era um excellente maritimo.

Não sei se ámanhã serei obrigado a deixar o asylo, onde me acho actualmente. Não sei pois se mais tarde terei occasião de dizer d'este excellente e valeroso mancebo tudo o que penso d'elle, vou pois, aproveitando esta occasião, pagar o tributo que devo á sua memoria.

Pobre Griggs! tenho apenas dito duas palavras a seu respeito, e comtudo onde encontrei eu um homem mais corajoso e com melhor character? Nascido d'uma familia rica, tinha vindo offerecer o seu ouro, a sua intelligencia, e o seu sangue á republica nascente, dando-lhe tudo quanto havia offerecido. Um dia chegou uma carta d'um dos seus parentes da America do Norte, convidando-o a ir receber uma herança enorme. Mas Griggs já havia recebido a mais bella herança que se póde dar a um homem de convicção e fé,—a

corôa do martyrio. Tinha morrido defendendo um povo desgraçado, mas generoso e valente.

E eu que tinha visto tantas mortes gloriosas, vi o corpo do meu infeliz amigo cortado em dois como o tronco de um carvalho pela hacha do lenhador. Um tiro de metralha o tinha ferido na distancia de vinte passos, no dia em que com um dos meus companheiros, largando o fogo á esquadrilha, por ordem do general Canavarro, subi ao navio de Griggs que acabava de ser litteralmente fulminado pela esquadra inimiga.

Oh! liberdade! liberdade! que rainha da terra se póde encher de orgulho por ter um cortejo de heroes como tu tens no ceu!!

XXIII

SANTA CATHARINA

Felizmente a parte da provincia de Santa Catharina onde haviamos naufragado, tinha-se tambem revoltado contra o imperador, logo que souberam da aproximação das tropas republicanas. Em logar pois de encontrar inimigos, achamos alliados, em logar de sermos combatidos fomos festejados, e obtivemos em um momento todos os meios de transporte de que aquelles pobres habitantes podiam dispôr.

O capitão Balduino offereceu-me o seu cavallo, e pozemo-nos immediatamente em marcha para alcançar a guarda avançada do general Canavarro, commandada pelo coronel Teixeira, que se dirigia a toda a pressa sobre o lago de Santa Catharina, esperando surprehendel-o.^[6]

Devo confessar que não tivemos grande difficuldade em nos apoderarmos da pequena cidade que precede o lago e que por isso tem o seu nome. A guarnição fugiu precipitadamente, e tres pequenos navios de guerra renderam-se depois de um fraco combate. Passei então com os meus naufragos para bordo da goleta *Itaparika*, que estava armada com sete canhões.

Durante os primeiros dias d'esta occupação, a fortuna parecia ter feito um pacto com os republicanos. Não temendo uma invasão tão repentina da nossa parte, de quem só tinham noticias de quando em quando, os imperiaes tinham mandado guarnecer aquella povoação com soldados, armas e munições. Mas estas cahiram em nosso poder, porque chegaram depois de estarmos senhores da cidade.

Os habitantes tratavam-nos como irmãos e libertadores, titulo que infelizmente não soubemos justificar em quanto estivemos

n'esta povoação amiga.

Canavarro estabeleceu o seu quartel general em Santa Catharina, chamada pelos republicanos *Giuliana*, por que tinham ali entrado no mez de julho. O general permittiu a creação de um governo provincial de que foi presidente um sacerdote veneravel, que exercia um grande prestigio no povo. Rossetti com o titulo de secretario do governo era verdadeiramente a sua alma. Rossetti estava talhado para todos os empregos!

Tudo marchava ás mil maravilhas. O coronel Teixeira com a sua columna avançada tinha perseguido o inimigo até o encerrar na capital da provincia, apoderando-se de quasi todo o paiz. Por toda a parte eramos recebidos com os braços abertos, e todos os dias se nos juntavam desertores imperiaes.

O general Canavarro traçava magnificos planos. Rude na apparencia, excellente no fundo, tinha o costume de dizer que do lago de Santa Catharina sahiria a hydra que devoraria o imperio, e talvez tivesse razão se houvessem olhado para esta expedição com mais juizo e attenção. Infelizmente as nossas maneiras orgulhosas para com os habitantes e a insufficiencia dos meios que tinhamos á nossa disposição fizeram perder o fructo d'esta brilhante campanha.

XXIV

UMA MULHER

Nunca havia pensado no casamento, visto que me considerava incapaz de ser um bom marido por causa da minha grande independencia de character e decidida paixão pelas aventuras. Ter mulher e filhos parecia humanamente impossivel ao homem que consagrou a sua vida a um principio de que o successo, por mais completo que seja, não póde deixar nunca o socego necessario a um chefe de familia. O destino havia decidido o contrario: depois da morte de Luiz, Eduardo e dos meus outros amigos, achava-me n'um isolamento completo, parecendo-me existir só no mundo.

Não me havia ficado um só d'esses amigos de que o coração tem necessidade como a vida de alimento. Os que tinham escapado, eram como já disse, estrangeiros. Eram sem duvida dotados de um excellente coração, mas conhecia-os á pouco tempo para ter com elles grande intimidade. N'esse espaço enorme que aquella terrivel catastrophe tinha feito em volta de mim, sentia a necessidade d'uma alma que me amasse, porque sem essa alma, a existencia era-me insuportavel, quasi impossivel. Havia, é verdade, encontrado Rossetti, isto é, um irmão; mas Rossetti obrigado pelos deveres do seu emprego não podia viver comigo, vendo-o apenas uma vez por semana. Tinha pois necessidade d'alguem que me amasse. A amizade é fructo do tempo, e é por isso necessario muitos annos para amadurecer, em quanto que o amor é como o relampago, filho muitas vezes da tempestade. Mas que importava! Não sou eu dos que preferem as tempestades á bonança e socego d'alma.

Era pois uma mulher que se me tornava necessaria, só uma mulher me podia curar, uma mulher quer diser, o unico refugio, um anjo consolador, a estrella da tempestade. A mulher é uma divindade que nunca se implora em vão, especialmente quando se é desgraçado.

Era com este incessante pensamento que, do meu camarote a bordo do *Itarapika*, voltava sem cessar o meu olhar para a terra. D'ahi descobria formosas meninas occupadas em differentes trabalhos domesticos. Uma d'ellas, principalmente, attraia-me a attenção. Mandaram-me desembarcar e immediatamente me encaminhei para a casa sobre que ha tanto tempo se fixava o meu olhar. O coração batia-me apressado, mas tinha formado uma d'essas resoluções que uma vez tomadas, nunca mais enfraquecem.—Um homem convidou-me a entrar,—teria-o feito ainda mesmo que elle o prohibisse—tinha-o visto uma vez—vi sua filha e disse-lhe: «Virgem pertences-me!» Havia por estas simples palavras creado um laço que só a morte podia quebrar.—Tinha encontrado um thesouro prohibido, mas de tal preço!... Se houve uma falta commettida, a responsabilidade só a mim pertence; se foi uma falta, unirem-se dois corações, despedaçando a alma de um innocente.

Mas ella está morta e elle vingado—Onde conheci a grandeza da minha falta?—Na embocadura do Cridam no dia em que esperando disputal-a á morte, lhe apertava convulsivamente o pulso para contar as suas ultimas pulsações, absorvendo o seu alento fugitivo..... Beijava os seus labios muribundos, e apertava nos meus braços um cadaver chorando lagrimas de desesperação.^[7]

XXV

O CRUZEIRO

O general tinha determinado que eu sahisse com tres navios armados para atacar as bandeiras imperiaes que crusavam na costa do Brasil. Preparei-me para cumprir esta ardua tarefa, reunindo todos os elementos necessarios ao meu armamento. Os meus tres navios eram o *Rio Pardo*, commandado por mim—a *Cassapara*, por Griggs, ambos goletas e o *Seival* commandado pelo italiano Lourenço. A embocadura do lago estava bloqueada pelos navios de guerra imperiaes, mas apesar d'isso sahimos de noute e sem ser incommodados.—Annita, então companhia de toda a minha vida, e por consequencia, de todos os meus perigos, tinha querido acompanhar-me.

Chegados á altura de Santos, encontrámos uma corveta imperial, que durante dois dias, nos deu caça inutilmente. No segundo dia aproximamo-nos da ilha do *Abrigo* onde tomámos duas sumacas carregadas de arroz. Continuámos o cruzeiro e fizemos mais algumas prezas. Oito dias depois da nossa partida dirigi-me para o lago.

Não sei porque, tinha um sinistro presentimento do que ali se passava, visto que antes da nossa partida já um certo descontentamento se manifestava contra nós. Estava além d'isso prevenido da aproximação d'um corpo consideravel de tropas, commandadas pelo general Andréa a quem a pacificação do Pará, tinha dado uma grande reputação.

Na altura da ilha de Santa Catharina, quando voltavamos, encontrámos um patacho de guerra brasileiro.—Tinha unicamente comigo dous navios o *Rio Pardo* e o *Seival*, porque a *Cassapara*

havia muitos dias que se tinha separado de nós por causa d'um grande nevoeiro. Quando descobrimos o navio inimigo estava na nossa prôa, por isso não havia meio de o evitar. Navegámos então direitos a elle e o atacámol-o resolutamente. Começámos o fogo e o inimigo respondeu-nos, mas este combate teve um exito mediocre por causa do muito mar.—O seu resultado foi a perda de algumas das nossas presas, porque os seus commandantes assustados pela superioridade do inimigo baixaram os pavilhões.—Outros deram á costa.

Uma só das nossas presas foi salva. Era capitaneada por Ignacio Bilbáo, o nosso bravo biscainho que o conduzio a Imbituba, que então se achava em nosso poder. O *Seival* tendo a peça desmontada e fazendo agua, tomou o mesmo caminho, e eu fui obrigado a segui-los por que estava com mui poucas forças para andar só no mar.

Entrámos em Imbituba, impellidos pelo nordeste. Com este vento era-nos impossivel entrar no lago e com certeza os navios imperiaes estacionados em Santa Catharina, informados pelo *Andorinha*, assim se chamava o navio de guerra com que tínhamos combatido, não tardariam a vir atacar-nos; era pois necessario prepararmo-nos para o combate. O canhão desmontado do *Seival* foi içado n'um promontorio que fechava a bahia do lado do levante, e ahi construimos uma bateria coberta com cestões.

Com effeito no dia seguinte ao apparecer da aurora vimos tres navios dirigindo-se para nós. O *Rio Pardo*, começou então um combate mui desigual, porque os imperiaes nos eram mui superiores em numero.

Havia querido desembarcar Annita, mas ella não tinha consentido, e como do fundo da minha alma admirava a sua coragem e me achava orgulhoso pelo seu valor, cedi aos seus rogos.

O inimigo favorecido na sua manobra pelo vento que então fazia, manteve-se á véla canhoneando-nos furiosamente. Podia d'esta maneira aproveitar todos os seus canhões dirigindo todo o seu fogo contra a nossa goleta. Nós, pelo nosso lado, combatiamos com a mais obstinada resolução e como estavamos tão perto que nos

podíamos servir das nossas clavinas; as perdas eram de parte a parte importantes. As nossas comtudo eram mais numerosas em razão da inferioridade numerica, e a coberta ja se achava cheia de mortos e feridos. Apesar de tudo isto, apesar do flanco do nosso navio estar crivado de ballas, da nossa mastreação ter avaria, estavamos resolvidos a não ceder deixando-nos matar até ao ultimo. É verdade que eramos conservados n'esta resolução pela vista da amazona brasileira que estava a bordo. Annita, que, como ja disse, não havia querido desembarcar, tinha tambem tomado parte no combate, e com a clavina na mão coadjuva-nos admiravelmente. Eramos tambem, devo dizel-o, perfeitamente sustentados pelo bravo Manuel Rodrigues, commandante da nossa bateria de terra.

O inimigo estava mui encarniçado especialmente contra a goleta. Muitas vezes durante este combate, aproximou-se tanto que julguei hia abordal-a, o que me dava muito prazer, porque estavamos preparados para tudo.

No fim de cinco horas de uma lucta terrivel, o inimigo, com grande admiração nossa, retirou-se. Soubemos depois que a morte do capitão da *Bella-Americana* tinha sido a causa.

Tive durante este combate uma das mais vivas e crueis emoções da minha vida. Annita achava-se de sabre em punho em cima do tombadilho animando os meus homens. Repentinamente uma balla a derribou e a dous dos meus camaradas. Corri para ella, julgando não encontrar mais que um cadaver, mas Annita levantou-se sã e salva; os dous homens estavam mortos; supliquei-lhe então que descesse para a camara.

—Sim, vou descer, me disse ella, mas é para enxutar os poltrões que lá se foram esconder.

E bem depressa tornou a apparecer trazendo adiante de si dous ou tres marinheiros envergonhados por serem menos bravos que uma mulher.

Passámos o resto do dia a sepultar os mortos e a reparar as avarias, que não eram pequenas, causadas á goleta pelo fogo do inimigo. No dia seguinte os imperiaes não appareceram, porque sem duvida se preparavam para algum novo ataque; vendo isto

embarcámos o nosso canhão e levantando ancora pela noite, dirigimo-nos para o lago.

Quando o inimigo deu pela nossa partida, começou a perseguir-nos, mas só no dia seguinte é que nos poudes enviar algumas ballas que não nos causaram prejuizo algum. Entrámos, pois, sem outro incidente no lago onde fomos festejados pelos nossos que se admiravam de termos escapado a um inimigo tão superior em numero.

XXVI

SAQUE DE IMERUI

Outros acontecimentos nos esperavam no lago.

Como o inimigo continuava a avançar por terra, e em tal numero que era loucura o tentar resistir-lhe, e como por outro lado as nossas tolices e brutalidades nos tinham indisposto com os habitantes de Santa Catharina que estavam promptos a revoltarem-se e a reunirem-se aos imperiaes, tendo-se já rebellado a cidade de Imerui, situada na extremidade do lago, foi-me determinado pelo general Canavarro que fosse castigar este desgraçado paiz, pelo ferro e pelo fogo: vi-me obrigado obedecer a esta ordem.

Como os habitantes e a guarnição tinham feito preparativos de defeza pelo lado do mar, desembarquei então a tres milhas de distancia, e assaltei-os, no momento em que menos o esperavam, pelo lado da montanha. Surprehendida e batida a guarnição, foi posta em fuga, achando-nos senhores da cidade.

Desejo não só para mim, para todos os individuos, o não receber uma ordem igual á que eu tinha recebido, e que era por tal modo terminante, que não havia meio de a illudir. Ainda que existam longas e prolixas relações de acontecimentos iguaes, julgo impossivel que a mais terrivel se aproxima da verdade. Deus me perdôe! mas não tenho em toda a minha vida, successo que me deixasse tão amargas recordações como o saque de Imerui. Ninguém póde fazer idéa do que soffri para alcançar que, deixando livre a pilhagem, não se attentasse contra a vida de pessoa alguma, limitando a destruição ás coisas inanimadas, alcancei o que pertendia, mas emquanto ás propriedades foi impossivel evitar a desordem. Nem a authoridade de commandante, nem os castigos

poderam alcançar coisa alguma. Cheguei a ameaçar-os com a volta do inimigo.

Espalhei o boato de que elle tendo recebido reforços vinha atacar-nos; mas tudo foi inutil, e na verdade, se o inimigo tornasse atraz achando-nos assim debandados teria-nos, sem muita difficuldade, anniquillado. Infelizmente, a cidade ainda que pequena, tinha muitos armazens cheios de vinho e licôres, de modo, que exceptuando-me, porque não bebo senão agua, e alguns officiaes que consegui conservar ao pé de mim, tudo se achava embriagado. Além d'isso os meus soldados eram na sua maioria recrutas, homens que eu apenas conhecia, e por conseguinte indisciplinados. Cincoenta soldados determinados atacando-nos de improviso teria-nos desbaratado. Emfim á força de ameaças e esforços consegui reembarcar estes animaes selvagens.

Conduziram a bordo alguns viveres e objectos salvos da pilhagem, destinados á divisão e voltamos ao lago.

Durante este tempo o coronel Teixeira com a sua vanguarda retirava-se diante do inimigo que avançava rapido e vigoroso.

Quando chegámos ao lago, começavam a conduzir as bagagens á margem direita, e bem depressa os soldados deviam segui-las.

XXVII

NOVOS COMBATES

Tive muito que fazer no dia em que se effectuou a passagem da divisão para a margem meridional, porque, se o exercito era pouco numeroso as bagagens pareciam não ter fim.—Na parte mais estreita do rio a corrente redobrava de violencia.—Trabalhámos pois desde o nascer do sol até ao meio dia para fazer passar a divisão.

Pelo meio dia começou a apparecer a flotilha inimiga, composta de vinte e duas vélas. Combinavam os seus movimentos com a tropa de terra, e traziam a bordo além de equipagem grande numero de soldados. Subi á montanha mais proxima para observar o inimigo, e vi immediatamente que o seu plano era reunir as suas forças á entrada do lago. Dei logo parte ao general Canavarro que no mesmo momento deu as ordens convenientes, mas não obstante essas ordens os nossos homens não chegaram a tempo de defender a entrada do lago. Uma bateria que havíamos construido na embocadura do lago e que era dirigida pelo bravo Capotto resistiu fracamente, pois não tinha senão peças de pequeno calibre, e alem d'isso mal servidas por artilheiros inhabeis. Os nossos tres pequenos navios estavam reduzidos á metade da equipagem, porque a outra metade tendo sido mandada para terra para coadjuvar a passagem das tropas, não se nos juntou, deixando-nos sós para combater um tão temivel inimigo.

Durante este tempo o inimigo ajudado pelo vento e mare vinha para nós com toda a força. Dirigi-me então a toda a pressa para o meu posto a bordo do *Rio Pardo*, onde já a minha corajosa Annita tinha começado o combate, apontando e dando ella mesmo fogo á

peça de que se tinha encarregado, animando com a voz e o exemplo os meus companheiros um pouco atemorizados.

O combate foi horrível e mais mortífero que se poderia julgar. Tive poucos mortos, porque, como já disse, metade da equipagem estava em terra, mas dos seis officiaes que estavam nos tres navios só eu escapei são e salvo.

Todas as nossas peças estavam desmontadas, mas o combate continuou á clavina e não cessámos de atirar em quanto o inimigo passou por diante de nós. Durante o combate Annita ficou sempre ao meu lado, no posto mais perigoso, não querendo nem desembarcar nem aproveitar-se de nenhum alívio, e despresando mesmo o inclinar-se como faz o homem mais bravo, quando vê a mecha aproximar-se do canhão inimigo.

Soffrendo mil cuidados por a vêr exposta a tantos perigos, julguei encontrar um meio de affastar.

Ordenei-lhe, foi necessario uma ordem, para me obedecer que fosse pedir reforço ao general dando-lhe a minha palavra de que se me enviasse esse reforço entraria no lago perseguindo os imperiaes e tratando-os de tal maneira que elles não pensariam em desembarcar, embora tivesse que largar o fogo á sua flotilha. Obriguei Annita a prometter-me que ficaria em terra enviando-me a resposta por um homem seguro; mas com bastante pesar meu foi Annita, que trouxe a resposta do general:

«Não tinha soldados para me mandar, e ordenava-me que não largasse o fogo á esquadra inimiga, mas que viesse para a terra salvando as armas e munições.»

Obedeci. Então debaixo de um fogo que não cessou um momento, conseguimos fazer transportar a terra as armas e munições. Foi Annita quem á falta de officiaes dirigiu esta operação em quanto eu passando de um navio a outro collocava no lugar mais inflamavel de cada um d'elles, o fogo que o devia devorar.

Foi uma missão terrível que me fez passar uma triplece revista de mortos e feridos. Era um verdadeiro açougue de carne humana; andava-se por cima de montões de cadaveres. O commandante do *Itaparika* João Henriques de la Laguna estava deitado no meio de

dous terços da sua equipagem com uma balla que lhe tinha feito no meio do peito um buraco por onde podia entrar perfeitamente um braço. O pobre João Griggs tinha, como já disse, o corpo separado em dois por um tiro de metralha. Fiquei suffocado, com a vista de semelhante espectáculo, e perguntei a mim mesmo como poderia ter escapado.

N'um momento uma nuvem de fumo envolveu os nossos navios e os nossos bravos tiveram ao menos uma sepultura digna d'elles.

Em quanto tinha cumprido a minha obra de destruição, Annita pela sua parte havia cumprido a sua de salvação. Para transportar á praia todas as nossas armas e munições fez talvez vinte viagens ao navio passando constantemente debaixo do fogo do inimigo. Andava n'um pequeno barco com dois remadores, e os pobres diabos curvavam-se o mais possível, para evitar as ballas.

Annita pelo contrario na pôpa, no meio da metralha, estava direita e socegada como uma estatua de Pallas, e Deus que me cobria com uma das suas mãos, estendia-lhe tambem essa protecção.

Era noite fechada quando tendo reunido todos os marinheiros que haviam escapado, me juntei com a nossa divisão, e nos retirámos para o Rio Grande seguindo o mesmo caminho que alguns mezes antes tinhamos atravessado com o coração cheio de esperança e procedidos pela victoria.

XXVIII

A CAVALLO

No meio das peripecias da minha aventureira existencia, tenho tido sempre horas bem agradaveis, e ainda que esta em que me achava não parecesse á primeira vista fazer parte das que me tem deixado uma grata lembrança, foi ao menos cheia de emoções.

Á testa de alguns homens, resto de tantos combatentes, que tinham com justa razão merecido o titulo de bravos, caminhava a cavallo, orgulhoso dos vivos, orgulhoso dos mortos, e quasi orgulhoso de mim mesmo. Ao meu lado hia a rainha da minha alma, a mulher digna de toda a admiração. Estava lançado n'uma carreira mais attrahente do que a de marinha: que me importava pois, como o philosopho grego, não possuir senão o que tinha comigo? Que me importava servir uma republica pobre, que não pagava a ninguem, e de que ainda que fosse rica, eu não teria acceitado cousa alguma? Não tinha ao lado um sabre, uma clavina passada atravez do arção do meu cavallo? Não tinha perto de mim Annita, o meu thesouro, character tão ardente como o meu pela liberdade dos povos? Não encarava ella os combates como um divertimento, como uma simples distracção? O futuro sorria-me sempre afortunado, e quanto mais se me apresentavam selvagens e desertas as solidões americanas, mais deliciosas e bellas me pareciam.

Continuámos a retirar para as Torres, limite das duas provincias onde estabelecemos o nosso acampamento. O inimigo contentou-se em retomar o lago, não nos perseguindo.

A divisão Cunha que vinha da provincia de S. Paulo, juntando-se com a divisão Andrea, dirigiam-se para *Cimo da Serra*, provincia da montanha pertencente ao Rio Grande.

Os montanhezes nossos amigos, pediram soccorro ao general Canavarro, que mandou em seu auxilio uma expedição ás ordens do coronel Teixeira. Fizemos parte d'esta expedição. Recebidos pelos serraminhos, commandados pelo coronel Aranha, batemos completamente o inimigo em Santa Victoria. Cunha affogou-se no rio Pelatos e a maior parte das suas tropas ficou prisioneira.

Esta victoria poz debaixo do dominio da republica as duas provincias de Vaccaria e das Lages, e nós entramos em triumpho na principal povoação d'esta ultima.

A noticia da invasão imperial tinha feito acordar o partido brasileiro, e Mello, chefe inimigo, tinha enviado a esta provincia o seu corpo de cavallaria, composto quasi de quinhentos homens.

O general Bento Manoel, encarregado de o atacar não o tinha podido fazer por causa da sua retirada, contentando-se em enviar o coronel Portinko em perseguição de Mello que se dirigia sobre S. Paulo.

A posição que occupavamos e as nossas forças, permittia-nos não só oppor-nos á passagem de Mello, mas tambem de o anniquillar. Mas a fortuna não o quiz: o coronel Teixeira incerto se o inimigo vinha por Vaccaria ou por Coritibani, dividiu a sua tropa em dois corpos, enviando o coronel Aranha a Vaccaria com a melhor cavallaria, em quanto que nós com a infantaria e só com alguns soldados de cavallaria, tirados quasi todos dos prisioneiros inimigos, nos dirigimos para Coritibani. Foi este o caminho que tomou o inimigo.

Esta divisão das nossas forças foi-nos fatal: a recente victoria, o character ardente do nosso chefe, e as noticias que tinhamos do inimigo fizeram com que o desprezassemos mais do que merecia.

Em tres dias de marcha chegámos a Coritibani, e acampámos a pouca distancia de Maromba por onde julgavamos que deviam passar os imperiaes. Collocamos um posto na praia e sentinellas nos sitios que julgamos convenientes, e ficamos mui descansados.

Em quanto a mim, o habito que tinha d'estas guerras fez com que, como se costuma dizer, dormisse com um olho aberto e outro fechado.

Pela meia noite o posto que se achava na praia, foi atacado e com tanta furia que os nossos soldados tiveram apenas tempo de fugir trocando alguns tiros com o inimigo.

Quando senti o primeiro tiro puz-me logo a pé dando o grito de «Ás armas.» Em poucos minutos todos estavamos promptos para o combate. Algum tempo depois de nascer o dia o inimigo appareceu, e tendo passado o rio parou a alguma distancia formado em batalha. Vendo o numero superior do inimigo o coronel Teixeira deveria ter expedido correios para chamar em seu auxilio a segunda divisão, mas Teixeira temendo que elle se retirasse sem ter occasião de combater, lançou-se no combate importando-se pouco da sua inferioridade numerica e da posição vantajosa que o inimigo occupava.

Este aproveitando-se das irregularidades do terreno tinha estabelecido a sua linha de batalha n'uma collina mui elevada, diante da qual existia um vale profundo obstruido por muitos abrolhos tinha além d'isso embuscado nos seus flancos alguns pelotões. Teixeira ordenou o ataque que começou com todo o vigor. O inimigo então fingiu retirar-se. Os nossos soldados começaram a perseguil-os sem cessar a fazillaria, mas repentinamente foram atacados pelos pelotões embuscados que elles não tinham visto e que tomando-os pelos flancos os obrigaram a passar o vale em desordem. Perdemos n'este combate um dos nossos melhores officiaes, Manoel N..... que era mui estimado pelo chefe. A nossa linha, bem depressa organizada de novo atacou o inimigo com tal impetuosidade, que foi posto em retirada.

O numero de mortos e feridos de parte a parte foi pouco numeroso, porque as tropas que tomaram parte no combate foram diminutas.

O inimigo retirou-se com precipitação e nós fomos em sua perseguição com grande encarniçamento. Infelizmente como tinhamos pouca cavallaria não podémos perseguir a sua que fugia a todo a galope. Aproximando-se do *Passo de Maromba* o chefe da nossa vanguarda o major Jacintho participou ao coronel que o inimigo fazia passar em uma grande desordem o rio aos seus bois e cavallos, o que provava de que elle queria continuar a retirar-se.

Teixeira não hesitou um momento; ordenou ao nosso pequeno esquadrão que mettesse a galope, recommendando-me que o seguisse o mais de perto possível com a minha infantaria.

A retirada do inimigo não era comtudo senão uma astucia, e infelizmente esta astucia teve para nós terriveis resultados. Por causa das irregularidades do terreno e pela precipitação com que o tinha atravessado o inimigo achou-se fóra da nossa vista e chegando ao rio, havia, como nos tinha participado o major Jacintho, passado para a outra banda os bois e cavallos, mas os soldados tinham ficado occultos por detraz de collinas que os escondiam completamente á nossa vista.

Tomadas estas precauções e tendo deixado um pelotão para sustentar a sua linha de atiradores, os imperiaes, sabendo da nossa imprudencia em deixar a infantaria na retaguarda, fizeram uma contra-marcha e repentinamente os seus esquadrões appareceram no cimo de um valle.

O nosso pelotão que perseguia o inimigo na sua fuga simulada, foi o primeiro a conhecer o laço, mas infelizmente não teve tempo para o evitar. Atacado pelos flancos foi completamente destroçado. Os tres outros esquadrões de cavallaria tiveram a mesma sorte, não obstante a coragem e resolução de Teixeira e de alguns de nossos officiaes do Rio Grande: em alguns momentos a nossa cavallaria estava espalhada em todas as direcções.

Os soldados de cavallaria eram, como já disse, na sua maioria, prisioneiros de Santa Victoria, e tinhamos feito mal em contar tanto com elles, porque na realidade não podiam ser muito affeiçãoados á nossa causa, e além d'isso sendo soldados novos vindos da provincia, estavam pouco acostumados a andar a cavallo. Assim logo que teve logar o primeiro choque, fugiram.

Montado n'um excellente cavallo, depois de ter excitado a minha infantaria a marchar o mais rapidamente possível, tinha-lhe tomado a frente e chegado ao alto de uma collina, d'ahi vi o triste resultado d'este combate.

Os meus infantes fizeram todo o possível para chegar a tempo, mas tudo foi em vão. Do alto da eminencia onde me achava julguei que era muito tarde para que elles nos podessem dar a victoria, mas

muito cedo para ainda a não julgarmos perdida.—Chamei uma duzia dos meus antigos companheiros, os mais ligeiros e mais bravos, e deixando o major Peixoto encarregado dos restantes, tomei com este punhado de valentes, uma forte posição no cimo d'uma collina fortificada por muitas arvores.—D'ahi fizemos frente ao inimigo, que conheceu que ainda não era totalmente vencedor, e servimos de ponto de apoio aquelles dos nossos que não tinham perdido completamente a coragem.—O coronel veio para o nosso lado com alguns cavallos depois de ter obrado milagres de coragem.—O resto de infantaria uni-se-nos então e a defeza começou terrivel e mortifera.

Fortes na nossa posição e no numero de setenta e tres lutamos com vantagem. O inimigo tendo falta de infantaria e pouco habituado a combater contra esta arma dava cargas inutilmente: quinhentos homens de excellente cavallaria, brilhante e orgulhosa pela victoria cançaram-se inutilmente diante de um punhado de homens sem alcançar vantagem alguma. Comtudo apesar d'esta vantagem momentanea era necessario não dar ao inimigo tempo de reunir as suas forças, de que a metade estava ainda empregada a perseguir os nossos fugitivos, e sobre tudo era necessario procurar um refugio mais seguro do que aquelle em que nos achavamos.—Uma floresta se nos apresentava á vista na distancia de quasi uma milha; começámos então a nossa retirada dirigindo-nos para ella.—Em vão o inimigo tentava romper o nosso quadrado, em vão nos dava repetidas cargas, quando o terreno o permittia, tudo foi inutil.

Foi para nós uma grande fortuna, o estarem os officiaes armados de clavinas, e como todos eramos homens aguerridos, conservamo-nos unidos fazendo face ao inimigo por qualquer lado que se apresentava e recuando em excellente ordem, fazendo um fogo terrivel e bem dirigido, ganhámos o nosso refugio onde o inimigo não se atreveu a penetrar. Uma vez na floresta encontrámos um claro e sempre unidos e de fuzil na mão, esperámos pela noute.

O inimigo gritava-nos a todos os momentos—*Rendam-se*, mas nós só lhe respondiamos com o silencio.

XXIX

A RETIRADA

Chegada a noute preparámo-nos para partir, sendo o nosso disignio o tomar novamente o caminho das Lages. A maior difficuldade que tinhamos a vencer, era o transportar os feridos. O major Peixoto não nos podia coadjuvar, porque tinha um pé atravessado por uma balla.

Pelas dez horas da noute, estando os feridos accommodados o melhor possivel, começámos a nossa marcha, abandonando o crado e seguindo a linha da floresta, que sendo a maior que existe talvez no mundo, se estende do rio Prata aos Amazonas, coroando os cumes da serra Espinasso, sobre uma extensão de trinta graus de latitude: não conheço a sua extensão em longitude, mas deve ser immensa.

As tres provincias de Cima da Serra, Vaccaria e Lages, são segundo julgo ter já dito situadas no crados d'esta floresta. Coritibani, especie de colonia, estabelecida pelos habitantes de Coritiba situada no districto das Lages, provincia de Santa Catharina era o theatro do episodio que estou contando: costeavamos pois o nosso bosque isolado, para nos aproximarmos o mais possivel da floresta, tratando de nos juntarmos á divisão de Aranha, que se havia infelizmente separado de nós.

Á sahida do bosque aconteceu-nos um d'esses successos que provam como o homem é filho das circumstancias e o poder que tem um terror panico ainda sobre os mais corajosos. Marchavamos em silencio, como convinha á nossa situação dispostos a combater o inimigo se se oppozesse á nossa retirada. Um cavallo que se

achava na durela da floresta sentindo a pouca bulha que fazíamos tomou medo e fugiu.

Ouviu-se então gritar uma voz:

—É o inimigo!

No mesmo momento os setenta e tres homens que tinham resistido a quinhentos com tanta coragem que se podia dizer que haviam sido os vencedores, tomáram medo e começaram a fugir dispersando-se de tal modo que foi uma felicidade o não ter algum dos nossos acordado o inimigo dando-lhe o signal de alarme.

Conseguí com muito trabalho reunir alguns d'elles ao qual pouco a pouco se foi juntando o resto, de modo que ao raiar da aurora estávamos na aurela da floresta dirigindo-nos para as Lages.

O inimigo que não havia dado pela nossa fuga, procurou-nos inutilmente no dia seguinte.

No dia do combate o perigo tinha sido grande, a fadiga enorme, a fome imperiosa, a sede ardente, mas era necessario combater, combater pela vida e esta idéa dominava todas. Mas uma vez na floresta tudo mudou. Faltavam todas as coisas e a miseria não tendo a distracção do perigo fez-se sentir terrivel, cruel, insupportavel. A falta de viveres, o abatimento de todos, as feridas de alguns, e a carencia dos meios de as tratar, lançaram-nos na desanimação.

Ficámos quatro dias sem encontrar senão raizes e julgo desnecessario descrever a fadiga que tivemos para achar n'esta floresta um caminho onde não existia o mais pequeno atalho e onde a natureza mui fecunda faz a cada passo encontrar barrancos enormes.

Alguns dos meus homens desertaram desesperados e tivemos grande trabalho para os juntarmos e impor-lhes respeito. Não existia senão um unico recurso para dissipar esta desanimação e fui eu que o encontrei. Disse a todos que lhe dava a liberdade de se retirarem para onde quizessem, ou de continuarem a marchar unidos e em corpo, protegendo os feridos e defendendo-se mutuamente. O remedio foi efficaz. Desde que cada um foi livre de

fazer o que quizesse ninguém pensou mais em desertar e a confiança voltou a todos.

Cinco dias depois do combate encontrámos uma *picada*, atalho de largura d'um homem, e raras vezes de dois que nos conduziu a uma casa onde nos refrescámos matando dois bois.

Continuámos o nosso caminho para as Lages onde chegámos n'um dia de perfeito inverno.

XXX

ESTADA NAS LAGES E NOS ARRABALDES

Este bom paiz das Lages que nos tinha festejado tanto, quando eramos victoriosos, havia quando recebeu a noticia da nossa derrota mudado de opinião, e alguns dos mais resolutos tinham restabelecido o poder imperial. Estes fugiram á nossa aproximação, e como a maior parte d'elles eram negociantes, tinham deixado os seus armazens providos de muitos objectos. Foi uma providencia, por que julgámos poder sem remorsos aproveitar-nos das mercadorias dos nossos inimigos, e graças á variedade do commercio que exerciam melhorar muito a nossa posição.

Entretanto Teixeira escreveu a Aranha ordenando-lhe que se nos unisse, tendo por este tempo a noticia da chegada do coronel Portinko que tinha sido enviado por Bento Manoel para seguir esse mesmo corpo de Mello, encontrado desgraçadamente por nós em Coritibani.

Tinha servido sinceramente na America a causa dos povos, e havia lá sido como na Europa o adversario do absolutismo. Tenho algumas vezes admirado os homens, muitas lamentado, mas nunca odeado. Quando os tenho encontrado egoistas e tratantes, tenho posto o seu egoismo e trantantisse de parte, mettendo-o na conta da nossa desgraçada natureza. Como estou afastado duas mil leguas do logar onde estes acontecimentos tiveram logar, e já são passados doze annos póde-se por isso acreditar na minha imparcialidade. Digo-o tanto pelos meus amigos como pelos meus inimigos; eram intrepidos filhos do continente americano.

Era uma audaciosa empreza o defender Lages contra um inimigo dez vezes superior, e além d'isso orgulhoso pela recente victoria.

Separados d'elle pelo rio Canoas, que nós não tínhamos podido guarnecer sufficientemente, esperámos durante muitos dias a junção de Aranha e Portinko, e durante este periodo o inimigo foi sustentado por um punhado de homens, atacando-o logo que nos chegaram os reforços, mas foi elle que se retirou sem acceitar o combate para a provincia visinha de S. Paulo, aonde esperava encontrar um poderoso soccorro.

Foi n'esta circumstancia que eu verifiquei os vicios geralmente imputados ao exercito republicano, que se compunha de homens cheios de patriotismo e coragem, mas que não ficam juntos ás bandeiras, senão quando o inimigo os ameaça, abandonando-as quando este se affasta. Este costume foi quasi a nossa ruina, e poderia causar a nossa perda n'estas circumstancias, porque se o inimigo tivesse mais paciencia, teria podido destruir-nos totalmente.

Os serraminos foram os primeiros a abandonar as fileiras. Os soldados de Portinko em breve os seguiram. Note-se bem que os desertores não só levavam os seus cavallos, mas os da divisão. Em poucos dias as nossas forças se separaram com tanta rapidez que fomos obrigados a abandonar Lages, retirando-nos para a provincia do Rio Grande, temendo a presença d'esse inimigo, que tinha sido obrigado a fugir diante de nós, e de que a fuga nos tinha feito vencedores.

Que estes exemplos sirvam aos povos que querem ser livres, e que não é com flores, festas e illuminações que se combatem os soldados aguerridos do despotismo, mas com soldados mais disciplinados e mais aguerridos do que elles, não querendo para generaes os que não são capazes de disciplinar um povo depois de o haver sublevado.

É verdade que tambem ha povos que não merecem a pena de serem sublevados: a gangrena não tem cura.

O resto das nossas forças assim dissimadas—quando estavam privadas das cousas mais necessarias e principalmente de vestidos—privação terrível na aproximação do inverno sombrio e rude n'estas regiões elevadas,—o resto das nossas forças, começou a desmoralisar-se e a pedir para se retirarem para suas casas. Teixeira foi obrigado a ceder a essa exigencia, e ordenou-me de

descer a montanha e de me reunir ao exercito, em quanto se preparava a fazer outro tanto. Esta retirada foi rude por causa da escabrosidade dos caminhos e das hostilidades occultas dos habitantes da floresta, inimigos encarniçados dos republicanos.

Em numero de setenta, pouco mais ou menos, descemos a *Picada di Peloffo*—já disse o que era uma picada—e tivemos que affrontar emboscadas repetidas e imprevistas que nós atravessamos com uma felicidade incrível devida á resolução dos homens que eu commandava, e um pouco á confiança que geralmente inspiro aos que me seguem. O atalho que atravessavamos era tão estreito que unicamente podiam passar dois homens a par, e como o inimigo era nascido no paiz, por isso conhecedor do terreno, emboscava-se nos sitios mais favoraveis, rodeando-nos e dando gritos horriveis, em quanto que um circulo de chammas nos cercava, sem que nós podessemos vêr os atiradores, que felizmente faziam mais barulho do que obra. De resto a união que os meus homens tiveram no perigo foi tal que apenas alguns foram feridos, tendo só um cavallo morto.

Estes acontecimentos fazem recordar as florestas encantadas de Tasso, aonde as arvores viviam.

Chegámos então a *Mala-Casa* aonde se achava Gonçalves, que reunia as funcções de presidente ás de general em chefe.

XXXI

BATALHA DE TAQUARI

O exercito republicano preparava-se para se pôr em marcha. O inimigo depois da derrota de Rio Pardo, tinha-se refeito em Porto Alegre, d'onde tinha sahido debaixo das ordens do velho general Georgio, e havia estabelecido o seu acampamento nas praias de Cahé, aonde esperava a junção do general Calderon, que com um corpo consideravel de cavallaria se lhe devia reunir.

O grande inconveniente da dispersão das tropas republicanas quando não estavam em face do inimigo, dava-lhe facilidade em tudo que elle queriaprehender, de modo que no momento em que o general Netto, que commandava as forças, teve reunido um numero sufficiente de soldados para bater Calderon, este tinha já reunido no Cahe a maior parte do exercito imperial.

Era absolutamente indispensavel ao presidente se queria bater o inimigo, o reunir-se á divisão Netto, e foi por isto que elle levantou o cerco. Esta manobra e a junção que se lhe seguiu, tiveram um feliz resultado e fizeram grande honra á capacidade militar de Bento Gonçalves. Partimos de Mala-Casa com o exercito, tomando a direcção de Leopoldo, passando a duas milhas das forças inimigas, e depois de dous dias e duas noites de marcha continua, nas quaes quasi que não comemos nem bebemos chegámos perto de Taquari onde encontrámos o general Netto que nos procurava.

Disse que haviamos passado quasi sem comer, e disse a verdade. Logo que o inimigo soube da nossa aproximação, marchou resolutamente ao nosso encontro e muitas vezes nos alcançou em quanto descansavamos um momento e estavamos occupados a assar alguma carne, nosso unico alimento. Por dez vezes estando a

comida quasi prompta as sentinellas gritavam ás armas, e era por isso necessario ir combater em logar de jantar ou almoçar. Emfim fizemos alto em Pinheirinho a seis milhas de Taquari, e ahi tomámos todas as disposições para o combate.

O exercito republicano forte de mil homens de infantaria e cinco mil de cavallaria, occupava as alturas do Pinheirinho, montanha coberta de pinhos, como indica o seu nome, pouco elevada, mas dominando as montanhas visinhas. A infantaria estava no centro commandada pelo velho coronel Crezungio. A ala direita obedecia ao general Netto e a ala esquerda a Canavarro. As duas alas eram compostas unicamente de cavallaria que sem exaggeração era a melhor do mundo. A infantaria era tambem excellente, e o desejo de começar o combate era geral.

O coronel Santo Antonio formava a reserva com um corpo de cavallaria.

O inimigo do seu lado tinha quatro mil homens de infantaria, tres mil de cavallaria e algumas peças. Estava do outro lado da pequena torrente que nos separava e a sua apparencia era longe de ser miseravel. O exercito compunha-se das melhores tropas do imperio commandadas por um general velho e experimentado.

O general inimigo tinha até então marchado ardentemente em nossa perseguição, e havia tomado todas as posições para um ataque em quanto as suas peças metralhavam a nossa cavallaria. Os nossos valentes da primeira brigada ás ordens de Netto, tinham tirado os sabres da bainha e não esperavam senão pelo signal para se lançarem aos dous batalhões que tinham atravessado a corrente. Estes bravos estavam convencidos que ficavam victoriosos porque nunca nem elles nem Netto tinham sido batidos. A infantaria collocada em divisões no alto da colina, e coberta pelas curvas do terreno, estava anciosa pelo momento do combate.

Os terriveis lanceiros de Canavarro tinham já feito um movimento envolvendo o flanco direito do inimigo, obrigando-o por isso a mudar de posição, mudança que se tinha feito em desordem.

Este corpo de lanceiros composto na sua maioria de negros libertos da republica, e escolhidos entre os melhores domadores de cavallos de provincia, tinha unicamente os officiaes superiores

brancos, e nunca o inimigo tinha visto as costas d'estes filhos da liberdade. As suas lanças que eram maiores do que o ordinario, os seus rostos pretos como azeviche, os seus robustos membros e a sua perfeita disciplina tornava-os o terror dos inimigos.

A voz animadora do chefe já havia feito tremer todos aquelles corações. «Que todos combatam como se tivessem quatro corpos para defender a patria e quatro almas para a amar, havia dito esse valente, que tinha todas as qualidades de um grande capitão menos a felicidade.

Quanto a nós sentiamos, por assim dizer, as palpitações da batalha, e tínhamos a certeza de ganhar a victoria. Nunca em minha vida tinha visto um mais bello, mais magnifico espectáculo. Collocado no centro da nossa infantaria, no alto da collina descobria todo o campo de batalha. As planicies sobre as quaes iam ficar tantos cadaveres, estavam semeadas de plantas baixas e raras, não fazendo pois nenhum obstaculo nem aos movimentos estrategicos nem ao olhar que os seguia, e podia dizer que aos meus pés em poucos momentos seriam resolvidos os destinos da maior parte do continente americano.

Esses corpos tão compactos, tão unidos uns aos outros vão ser dispersos e derrotados? Todos esses homens serão em um momento cadaveres? Toda essa bella e vigorosa mocidade verá destruidas as suas mais bellas esperanças? Vamos! Tocaé fanfarras, troaé canhões, e que tudo seja decidido como em Zama, Pharsale e Actium.

Mas não era ainda n'esta planicie que devia ter logar o combate. O general inimigo intimidado pela forte posição que occupavamos e pela nossa firmeza, hesitou e fez repassar o rio aos dois batalhões, tomando a defensiva em logar da offensiva. O general Caldeira tinha sido morto no começo do combate e d'ahi provinha, talvez, a hesitação de Georgio. No momento em que elle não nos atacava, não deviamos nós atacal-o? Tal era a opinião da maioria. Seriamos bem succedidos? Travando-se o combate nas condições primitivas e conservando a nossa excellente posição todas as probabilidades eram por nós, mas abandonando-as para seguir um inimigo que nos

era quatro vezes superior em infantaria, era necessario dar a batalha no outro lado da corrente.

Era escabroso, ainda que tentador.

Passámos todo o dia em frente do inimigo, fazendo conjecturas e disparando alguns tiros.

Tinham-se-nos acabado os comestiveis, e a infantaria principalmente soffria muito com essa falta. A agua tambem se nos tinha acabado, e a sua falta era-nos mais sensivel que a dos viveres. Á nossa vista existia uma grande quantidade d'agua, mas que infelizmente se achava em poder do inimigo. Por fortuna os nossos soldados estavam habituados a soffrer toda a sorte de privações, e por isso uma só queixa sahia dos seus labios—era a demora em começar o combate.

Ó italianos, italianos, no dia em que sejaes unidos e sobrios, no dia em que possaes soffrer todas as privações como os habitantes do continente americano, o estrangeiro, estae certo, não escravizará a vossa patria, nem enxovalhará os vossos lares. N'esse dia a Italia terá retomado o seu logar não só no meio; mas á frente das nações do universo.

Durante a noite o velho general Georgio tinha desaparecido, e ao raiar da aurora foi em vão que o procurámos; só ás dez horas, quando se dissipou o forte nevoeiro, foi que o avistámos nas posições de Taquari.

Pouco tempo depois fomos avisados de que a sua cavallaria atravessava o rio. Os imperiaes estavam pois em completa retirada, era necessario ataca-los e o nosso general não hesitou.

A cavallaria inimiga havia atravessado o rio, protegida por alguns dos navios imperiaes, mas a infantaria tinha ficado na margem esquerda, protegida por esses mesmos navios e pela floresta, sendo por isso a sua posição a mais vantajosa possivel. A nossa segunda brigada de infantaria, composta do terceiro e vigessimo batalhão, era a destinada a começar o combate, effectuando-o com a sua costumada bravura. Mas o inimigo era tão superior em numero que estes bravos, depois de terem praticado prodigios de valor, foram obrigados a retirarem-se, sustentados pela segunda

brigada e primeiro batalhão de artilharia—sem canhões—e de marinha. O combate foi terrível, especialmente na floresta onde o estrondo da fuzilaria e arvores despedaçadas, no meio d'um espesso fumo, parecia o d'uma infernal tempestade.

De cada lado não contámos menos de quinhentos mortos e feridos. Os cadáveres dos nossos valentes republicanos foram até encontrados na ribanceira do rio, para onde elles tinham arrojado o inimigo. Infelizmente estas perdas foram sem resultado relativamente á sua importancia, porque logo que começou a retirada da segunda brigada a batalha finalisou.

Tendo chegado a noite o inimigo pôde tranquillamente acabar de passar o rio.

No meio das brilhantes qualidades, das quaes julgo ter já fallado, citarei alguns dos deffeitos do general Bento Gonçalves: o mais deploravel d'entre elles era uma certa hesitação, razão provavel dos resultados funestos das suas operações. Teria sido melhor que em logar de lançar esses quinhentos homens tão inferiores em numero aos que elles atacavam, tivessem enviado não só toda a infantaria, mas tambem a sua cavallaria, a pé, visto que a difficuldade do terreno não lhe permittia combater a cavallo: uma tal manobra teria certamente dado em resultado uma esplendida victoria, e fazendo perder pé ao inimigo nós conseguiríamos lançal-o no rio; mas infelizmente o general teve receios de aventurar toda a sua infantaria, a unica que elle teve, e que teve a republica.

Em todo o caso o resultado foi para nós pessimo, porque não sabiamos como reparar as faltas que havia soffrido a infantaria, arma em que o inimigo nos era mui superior, e se achava todos os dias recebendo novos reforços.

O inimigo ficou na margem direita de Taquari, e por isso senhor de todo o campo. Nós tomámos então o caminho de *Mala-Casa*.

Todas estas falsas manobras peioraram a situação da republica. Voltámos a S. Leopoldo e a Settembrina e depois ao nosso antigo acampamento de *Mala-Casa*, que foi abandonado em alguns dias pelo da *Bella-Vista*.

Uma operação concebida n'este tempo pelo general, teria podido pôr-nos em excellente posição, se a fortuna tivesse, como devia, secundado os esforços d'este homem tão superior e tão desgraçado.

XXXII

ASSALTO A S. JOSÉ DO NORTE

O inimigo, para poder fazer as suas correrias pelos campos, havia sido obrigado a desguarnecer de infantaria as suas praças fortes. Principalmente S. José do Norte tinha um pequeno numero de soldados.

Esta praça, situada na margem septentrional da embocadura da lagôa dos Patos, era uma das chaves da provincia, não só commercialmente, mas politicamente; a sua posse teria mudado completamente a nossa posição, que n'esta occasião era bem aterradora; a sua tomada tornava-se, pois, mais que util, era necessaria. A cidade encerrava objectos de toda a qualidade, indispensaveis para o vestuario dos soldados, que do nosso lado estavam no mais deploravel estado. Não só por esta razão, mas tambem por dominar o unico porto da provincia, S. José do Norte, merecia que fizéssemos todos os esforços para nos apoderarmos d'ella, mas tambem porque só d'este lado se encontrava a *atalaia*, isto é, o mastro dos signaes dos navios, que servia para lhe indicar a profundura das aguas na embocadura.

N'esta expedição succedeu infelizmente o mesmo que tinha acontecido em Taquari. Preparada com admiravel sciencia e profundo segredo, perdeu-se todo o trabalho por se ter hesitado em dar o ultimo golpe.

Uma marcha forçada de oito dias, a vinte e cinco milhas por dia, nos conduziu defronte dos muros da praça.

Era uma d'essas noites de inverno, durante as quaes um abrigo e um bom fogo são um beneficio da Providencia, e os nossos pobres soldados da liberdade, esfaimados, vestidos de pedaços,

tolhidos pelo frio e gelados pela chuva d'uma horrivel tempestade, avançavam silenciosos contra os fortes e trincheiras guarnecidas de soldados.

A pouca distancia das muralhas os cavallos dos chefes foram confiados á guarda d'um esquadrão de cavallaria commandado pelo coronel Amaral, e todos nos preparámos para o combate.

O *quem vive* da sentinella foi o signal do assalto, e a resistencia foi pequena e de pouca duração sobre as muralhas. Á hora e meia da manhã démos o assalto, e as duas horas estavamos senhores das trincheiras e de tres ou quatro fortes que as guarneciam, e que foram tomados á bayoneta.

Senhores das trincheiras e dos fortes, tendo entrado na cidade parecia impossivel que ella nos escapasse. Entretanto ainda esta vez o que parecia impossivel nos estava reservado.—Uma vez dentro dos muros, uma vez nas ruas de S. José, os nossos soldados julgaram que tudo estava acabado, e a maior parte se dispersou, arrastada pelo appetite da pilhagem. Durante este tempo os imperiaes voltando a si da sua surpresa reuniram-se n'um bairro que se achava fortificado. Ahi os fomos atacar, mas repelliram-nos. Os chefes procuravam por todos os lados os soldados para continuar no ataque, mas era inutil, porque se se encontravam alguns, eram carregados dos despojos, ou bebados, ou tendo quebrado os fuzis á força de despedaçar as portas das casas.

O inimigo do seu lado não perdia o tempo: muitos navios de guerra que se achavam no porto tomaram posição, varrendo com o fogo dos seus canhões as ruas onde nos achavamos. Pediu-se soccorro a Rio Grande do Sul, cidade situada na margem opposta da embocadura dos Patos, enquanto um unico forte que haviamos desprezado servia de refugio ao inimigo. O primeiro d'estes fortes, o do imperador, do qual a tomada nos tinha custado um glorioso e mortifero assalto, foi destruido por uma explosão terrivel de polvora, que nos matou bom numero de soldados.—Emfim o mais glorioso dos triumphos estava mudado, ao meio dia, na mais vergonhosa retirada, e os verdadeiros amigos da liberdade choravam de desesperação.

A nossa perda, comparativamente á nossa situação, foi enorme.

Desde este momento a nossa infantaria não foi senão um esqueleto; enquanto á pouca cavallaria que tinha vindo na expedição serviu para proteger a retirada.

A divisão entrou nos seus quarteis da Bella-Vista, e eu fiquei em S. Simão com a marinha.

Todos os meus soldados estavam reduzidos a quarenta homens, contando tambem os officiaes.

XXXIII

ANNITA

O motivo da minha partida para S. Simão teve por fim, o mandar fazer algumas d'essas canôas, construídas d'um só tronco d'arvore, com a ajuda das quaes eu queria abrir communicações com a outra parte do lago. Mas durante os mezes que eu ahi fiquei, as arvores promettidas não chegaram, e o nosso projecto por consequencia não se pôde realisar. Como eu tinha um grande horror pela ociosidade, não podendo construir barcos, dediquei-me a ensinar cavallos. Em S. Simão havia uma grande quantidade de poltros que me serviram para fazer cavalleiros dos meus marinheiros.

S. Simão era uma bella e espaçosa herdade, que se achava então abandonada. Pertencia ao conde de S. Simão, antigamente exilado, e de quem os herdeiros estavam tambem exilados como inimigos da republica. Eu não sei se elle era ainda parente do famoso conde de S. Simão, fundador d'essa religião de que os adeptos me tinham iniciado na paternidade universal; mas n'esta occasião, como a familia de S. Simão era considerada por nós como inimiga, tratámos a sua herdade como uma conquista; isto é, apoderámo-nos das casas para ahi habitar, e dos animaes domesticos que ahi havia para fazermos o nosso sustento.

Os nossos unicos divertimentos eram ensinar os nossos poltros, ou, para melhor dizer, os poltros dos S. Simonnianos.

Foi n'esta occasião que a minha chara Annita deu á luz o primeiro filho. Em logar de lhe dar o nome d'um santo, dei-lhe o nome d'um martyr.

Chamou-se Menoti.

Nasceu a 16 de setembro de 1840, exactamente no mesmo dia em que fazia nove mezes que tinha tido lugar o combate de Santa Victoria. A sua appareição n'este mundo sem accidente, era um verdadeiro milagre depois das privações e dos perigos soffridos por sua mãe. Essas privações e esses soffrimentos de que eu ainda não fallei, afim de não interromper a minha narração, devem aqui achar lugar, e é do meu dever fazer conhecer se não ao mundo, ao menos a alguns amigos que lerem este jornal a admiravel creatura que perdi.^[8]

Annita, como sempre, tinha querido seguir-me e havia-me acompanhado na campanha que acabavamos de fazer, e que acabo de contar.

O leitor deve lembrar-se que reunidos aos serraminhos, commandados pelo coronel Aranha, nós batemos em Santa Victoria o brigadeiro Cunha, e de tal modo que a divisão inimiga foi completamente destruida. Durante o combate Annita, a cavallo no meio do fogo, era espectadora da victoria e derrota dos imperiaes. Foi ella n'esse dia o anjo providencial dos nossos feridos, porque não tendo nós nem cirurgiaão nem ambulancia, eram curados, sabe Deus como, por nós mesmos. Esta victoria submetteu de novo, pelo menos momentaneamente, as tres provincias, Lages, Vaccaria e de Cima da Serra á authoridade da republica, e já contei como no fim d'alguns dias entrámos triumphantes em Lages. O exito do combate de Coritibani longe esteve de ser igual.

Já disse a maneira por que, apesar da bravura de Teixeira, a nossa cavallaria foi rota, e como com os meus sessenta e tres infantes me vi cercado por mais de quinhentos homens de cavallaria inimiga. Annita devia n'este dia assistir ás mais terriveis peripecias da guerra. A muito custo submettendo-se ao papel de simples espectadora do combate, Annita apressava a marcha das munições receiosa de que os cartuxos faltassem aos combatentes: com effeito o fogo que nos viamos obrigados a fazer era tão violento que dava margem a suppor-se, com toda a razão, que se as nossas munições não fossem renovadas bem depressa, não teriamos um unico cartuxo; com este fito aproximava-se do lugar onde o combate era mais renhido, quando um esquadrão de vinte cavallos inimigos

perseguido alguns dos nossos que fugiam, caíram de improviso sobre os soldados que conduziam a bagagem.

Excelente cavalleira, e montando um admiravel cavallo, bem poderia Annita ter fugido; mas dentro d'esse peito de mulher batia o coração d'um heroe: em lugar de fugir animava os nossos soldados a defenderem-se, e n'um momento se viu cercada pelos imperiaes.

Annita enterrou as esporas no ventre do cavallo, e d'um salto passou pelo meio do inimigo, não tendo recebido mais do que uma unica balla que lhe atravessou o chapeo e levou parte dos cabellos, sem lhe tocar no craneo. Talvez ella podesse fugir se o cavallo não caísse ferido mortalmente por outra balla, e sendo obrigada a render-se foi apresentada ao coronel inimigo. Sublime de coragem no perigo, Annita maior vulto tomava ainda, se é possível, na adversidade; de sorte que na presença d'esse estado maior maravilhado do seu arrojo, mas que não teve o bom gosto de occultar diante de uma mulher o orgulho da victoria. Annita repelliu com uma rude e desdenhosa altivez algumas palavras que lhe fizeram antever um tal ou qual desprezo pelos republicanos, e tão vigorosamente combateu com a palavra como já o fizera com as armas. Annita julgava que eu tinha morrido. N'esta persuasão pediu e obteve licença de ir ao campo de batalha procurar o meu corpo no meio dos cadaveres. Qual a ventesima infernal passeando sobre campina ensanguentada, Annita errou só e por muito tempo procurando aquelle que ella receiava de encontrar, voltando os mortos que tinham caído de rosto para a terra, e nos quaes pelo fato ou pela altura ella imaginava terem alguma semelhança comigo.

Foram inuteis as suas pesquisas, era a mim pelo contrario que sorte reservava a dôr suprema de banhar com as minhas lagrimas suas faces gelidas, e quando esse momento de angustia chegou impossivel me foi de lançar um punhado de terra, uma flor, ao menos sobre a cova onde jazia a mãe de meus filhos.

Desde que Annita esteve segura de que eu existia, não teve senão um pensamento, o de fugir, e a occasião não tardou a apresentar-se-lhe. Aproveitando-se do delirio do inimigo victorioso, passou para uma casa perto d'aquella onde a tinham prisioneira, e ahi, sem ser reconhecida, uma mulher a recebeu e protegeu. O meu

capote, que eu havia abandonado para ter os movimentos mais livres, e que tinha caído em poder de um soldado inimigo, foi por ella trocado pelo seu, que era de grande valor. Quando chegou a noute Annita lançou-se na floresta e desapareceu. Era necessario possuir um coração de leão para assim se arriscar. Só quem já viu as immensas florestas que cobrem os cimos de Espinasso, com os seus pinheiros seculares que parecem destinados a sustentar o ceo, e que são as columnas d'esse esplendido templo da natureza, as gigantescas kannas que povoam os intervallos e que estão cheias de animaes ferozes e de reptis de que a mordedura é venenosa, poderá fazer uma idea dos perigos que ella correu, e das difficuldades que teve a vencer. Felizmente Annita ignorava o que era medo. De Caritibani a Lages são vinte legoas. Como ella atravessou esses bosques impenetraveis, só, e sem alimentos, só Deus o sabe.

Os poucos habitantes d'esta parte da provincia que ella tinha a atravessar eram hostis aos republicanos, e logo que souberam da nossa derrota armaram-se e fizeram emboscadas sobre muitos pontos, e principalmente nas *picadas* que os fugitivos tinham a atravessar de Caritibani ás Lages.

Nos *cabeceas*, isto é, nos sitios quasi impraticaveis destes atalhos, teve logar uma horrivel carnagem nos nossos desgraçados companheiros. Annita atravessou de noite estes sitios perigosos, e ou fosse a sua boa estrella ou a admiravel resolução com que os atravessou, o seu aspecto fez sempre fugir os assassinos, que fugiam, diziam elles, perseguidos por um ser mysterioso!

Na realidade era estranho ver esta valente mulher, montada n'um ardente cavallo, pedido e obtido n'uma casa onde havia recebido a hospitalidade durante uma noite de tempestade, galopando por cima dos rochedos á claridade dos relampagos. Quatro cavalleiros collocados na passagem do rio Canoas, fugiram á vista d'esta visão, escondendo-se atraz das moitas que guarnecem o rio. Durante este tempo Annita chegara á margem do rio, tornado mui tempestuoso por causa das muitas cheias, e atravessou-o, não como o tinha feito dias antes, n'um excellentes barco, mas sim a váu, animando com a voz o seu magnifico cavallo.

As ondas precipitavam-se furiosas, não n'um estreito espaço, mas n'uma extensão de quinhentos passos, e apesar d'isso Annita chegou sã e salva á outra margem.

Uma chavena de café foi o unico alimento que a intrepida viajanta tomou durante os quatro dias que gastou em alcançar na Vaccaria a tropa do coronel Aranha.

Foi ahi que nos encontramos, Annita e eu, depois de uma separação de oito dias e de nos julgarmos mortos.

Que alegria não foi a nossa! Maior foi ainda a que senti no dia em que Annita, na península que fecha a lagoa dos Patos do lado do Atlantico, deu á luz n'uma casa que nos dava hospitalidade o meu querido Menotti, que veio ao mundo com uma cicatriz na cabeça procedida pela queda do cavallo que tinha dado sua mãe.

Renovo aqui mais uma vez os meus agradecimentos ás excellentes pessoas que nos deram esta hospitalidade, assegurando-lhe um reconhecimento eterno. No campo onde nos faltavam todas as cousas mais necessarias, e onde eu não lhe teria podido dar um unico lenço, Annita não teria podido triumphar n'este momento supremo onde a mulher tem tanta necessidade de forças e cuidados.

Decidi-me então a fazer uma viagem a Settembrina para ahi comprar muitas cousas de maior urgencia que faltavam aos meus entes queridos. Tinha ali bons amigos, e entre elles um excellente homem chamado Blingini. Comecei então a minha viagem atravez os campos inundados, onde eu tinha a agua até ao ventre do cavallo; passei por meio d'um campo antigamente cultivado chamado *Rocha velha*, onde encontrei o capitão de lanceiros Maximo, que me recebeu perfeitamente. Acceitei a sua hospitalidade durante dois dias, por causa do pessimo tempo não me deixar continuar a jornada.

No fim d'elles quiz partir, apesar de todos os esforços que fez o bom capitão para me conservar na sua companhia.

Mas o fim para que tinha partido era para mim mui sagrado para que me demorasse mais, e não obstante as observações d'este bom amigo, puz-me a caminho por essas planicies que pareciam um

vasto lago. Na distancia de algumas milhas, ouvi do lado que acabava de deixar o estrondo da fuzilaria, concebi então algumas suspeitas cheias de angustias, mas não podia voltar atraz.

Cheguei a Settembrina onde comprei os objectos de que tinha necessidade, e sempre inquieto por essa fuzilaria que tinha ouvido, puz-me logo a caminho para São Simão. Descançamos em Rocha Velha, onde soube a causa d'esse estrondo que tinha ouvido e o triste acontecimento que tinha tido logar no mesmo dia da minha partida.

Morinque—o mesmo que me havia surprehendido em Camacua e que eu e os meus quatorze homens tínhamos obrigado a fugir com um braço quebrado, tinha surprehendido o capitão Maximo, todos os seus soldados feitos prisioneiros, e a maior parte das seus cavallos tambem tomados, e os mais mortos.

Morinque havia effectuado esta surpresa com alguns navios de guerra e infantaria. Embarcou depois a infantaria, e dirigiu-se com a cavallaria para o Rio Grande do Norte, espantando pelo caminho todas as pequenas guerrilhas republicanas, que julgando-se em segurança se haviam espalhado pelo territorio; entre elles achavam-se os meus marinheiros que foram obrigados a refugiar-se na floresta.

O meu primeiro grito foi como se deve julgar: «Annita! onde está Annita?»

Annita doze dias depois de ter tido o seu feliz successo, tinha sido obrigada a montar a cavallo, e meio nua, com o seu pobre filho nos braços, tinha sido obrigada a refugiar-se na floresta.

Não encontrei pois no *rancho* nem Annita, nem os nossos hospedeiros, mas alcancei-os na ourela d'um bosque onde elles se conservavam não sabendo onde se achava o inimigo, nem se ainda tinham alguma cousa a receiar d'elles.

Voltamos a São Simão, e ahi nos demoramos algum tempo, depois mudamos o nosso acampamento, estabelecendo-nos na margem esquerda do Capivari, isto é, no mesmo sitio onde um anno antes tínhamos transportado os nossos lanchões em carros para a expedição de Santa Catharina, expedição que tão mau exito teve.

N'essa ocasião tinha sentido bastantes esperanças que infelizmente haviam desaparecido.

O Capivari é formado de differentes riachos que tem a sua nascente nos lagos numerosos que guarnecem a parte septentrional da provincia do Rio Grande, sobre as costas do mar e sobre a vertente oriental da cadea de Espinasso. Toma este nome da *capinara*, especie de canniços muito communs na America meridional e que nas Colonias se chamam *capineiros*.

De Capivari e de Sangrador d'Abreu canal que serve de communicação entre um charco e um lago onde tinhamos reunidas com muito trabalho algumas canôas, fizemos algumas viagens á costa occidental do lago, estabelecendo communicações entre as duas margens e transportando os passageiros.

XXXIV

LEVANTA-SE O CERCO.—ROSSETTI

Comtudo a situação do exercito republicano piorava de dia para dia; as suas necessidades augmentavam e os seus recursos diminuiam. Os dois combates de Taquari e S. José do Norte tinham dizimado a infantaria que apesar de ser pouco numerosa era um poderoso recurso para as operações de cerco. As grandes necessidades animavam as deserções, as populações como succede n'estas guerras mui prolongadas cançavam, e foram atacadas de uma suprema indifferença, começando nós então a conhecer que estava proximo o momento de tudo se acabar.

N'este estado de cousas os imperiaes fizeram propostas que, ainda que vantajosas para os republicanos foram por estes recusadas. Esta recusa augmentou o descontentamento dos mais desgraçados, e por consequente da parte mais fatigada do exercito e do povo, sendo decidido que o cerco seria abandonado e que todos se retirariam.

A divisão Canavarro de que faziam parte os marinheiros foi designada para começar o movimento e abrir as passagens da serra, occupadas pelo general Labattue, francez ao serviço do imperador. Bento Gonçalves com o resto do exercito formaria a retaguarda.

A guarnição republicana de Settembrina devia seguir-nos, mas não pôde executar este movimento, porque surprehendida pelo famoso Morinque a cidade foi tomada.

Foi ahi que morreu o meu caro Rossetti.

Tendo caído do cavallo, depois de ter praticado prodígios de valor, ferido perigosamente, e intimado para se render, preferiu antes que o matassem do que entregar a sua espada.

Ainda uma outra ferida para o meu coração. Já fallei muitas vezes de Rossetti, sabe-se pois como o amava, seja-me pois permittido dizer á Italia o que já tenho dito tantas vezes: Oh! Italia, minha mãe, acabamos de perder, eu um dos meus irmãos mais caros, e tu um dos teus filhos mais generosos.

Era natural de Genova. Havia sido, por paes que conheciam pouco o seu character, destinado á vida ecclesiastica, quando era um dos mais ardentes patriotas italianos que tenho conhecido. Inclinado á vida aventureira e não podendo respirar na Italia, partiu para o Rio de Janeiro onde foi negociante e corretor; mas não tendo Rossetti nascido negociante, era uma planta exotica dando-se mal na terra do agio e calculo, não porque elle não fosse dotado de uma intelligencia fina e apta a enriquecer-se de todos os conhecimentos, mas porque Rossetti era o mais italiano de todos os italianos, isto é, o mais generoso e prodigo dos homens, e com taes *vícios* não se faz fortuna, mas antes se caminha a grandes passos para a ruina.

Foi o que aconteceu com Rossetti.

Bom para com todos, a sua casa achava-se franca para toda a gente, e especialmente para os italianos desgraçados. Não esperava que os proscriptos o fossem procurar, era elle que os ia encontrar, esgotando assim em pouco tempo os seus recursos. Bem desgraçado, esse coração do anjo não podia ver soffrer um italiano. Se o não podia soccorrer immediatamente, fazia-o esperar na sua pobre cabana, e corria as ruas da cidade, e não entrava em sua casa senão quando trazia algum soccorro para aquelle ou aquelles que o esperavam. É verdade que a sua bondade, a sua franqueza e a sua lealdade o tinham tornado estimado de todos, e por isso quando se achava n'estes piedosos embarços, todos o coadjuvavam com prazer.

A batalha de Tarifa teve logar, e os republicanos foram batidos pelos imperiaes; Bento Gonçalves e os principaes chefes feitos prisioneiros, e conduzidos ao Rio de Janeiro. Entre elles achava-se o nosso capitão Zambecarri, com quem travamos relações, segundo

já disse, nas prisões de Santa Cruz. Fallou-se de nos fazermos corsarios, e desde esse momento Rossetti e eu não tivemos um minuto de descanso em quanto não nos lançamos no Occeano com a bandeira republicana. Rossetti encarregou-se de tudo e alcançou o fim que pertendíamos.

Os leitores sabem o resto, porque desde esse momento não nos perdemos de vista.

Infelizmente não ha um canto da terra onde não descansem os ossos de um italiano generoso, devendo por isso a Italia cobrir-se de luto e não encher-se de gloria. Pobre Italia, tu sentirás verdadeiramente a sua falta no dia em que tentares arrancar o teu cadaver aos corvos que o devoram.

XXXV

A PICADA DAS ANTAS

Esta retirada emprehendida na estação invernosa, por um paiz montanhoso e debaixo de uma chuva incessante foi a mais terrivel e mais desastrosa que tenho visto.

Conduziamos por precaução algumas vaccas, sabendo perfeitamente que no caminho que tinhamos a atravessar não encontraríamos comestiveis alguns.

Retirando-nos, seguiamos a divisão do general Labattue, mas infelizmente sem a podermos alcançar. Só os selvagens manifestavam as suas sympathias por nós, atacando-lhe a guarda avançada. Tivemos occasião de vêr de perto esses homens da natureza que não nos foram hostis.

Annita durante esta retirada de tres mezes soffreu toda a casta de privações e incommodos com um stoicismo e uma coragem admiravel.

É necessario ter algum conhecimento das florestas d'esta parte do Brazil para fazer idéa das privações soffridas por uma porção de homens sem meios de transporte, e tendo unicamente por recurso o *laço*, arma mui util nas planicies cobertas de animaes, mas perfeitamente inutil n'essas expessas florestas abundantes em tigres e leões.

Para a nossa desgraça ser ainda maior, os rios muito proximos uns dos outros n'estas florestas virgens engrossavam cada vez mais. A horrivél chuva que nos perseguia não cessava de cair, acontecendo muitas vezes que uma parte dos nossos soldados se achavam entre duas correntes de agua e ahi ficavam privados de todo o alimento, morrendo muitos de fome, e principalmente as

mulheres e crianças que não podiam supportar tanto as privações. Era uma carnagem mais horrivel do que a de uma sanguinolenta batalha.

A nossa pobre infantaria principalmente soffria muito mais, porque não tinha como a cavallaria o recurso de matar os cavallos. Poucas mulheres e menos crianças saíram vivas da floresta. As poucas que escaparam foram salvas pelos cavalleiros que tendo a felicidade de conservar os cavallos, tiveram dó d'aquelles pequenos entes, abandonados por suas mães mortas de fome, frio e fadiga.

Annita tremia com a idéa de perder o nosso Menoti, que foi salvo unicamente por milagre. Nos sitios mais perigosos, e na passagem dos rios, conduzia o nosso pobre filho, de tres annos de idade, suspenso ao meu pescoço por um lenço, podendo aquecel-o d'este modo com o meu alento. De doze mulas e cavallos com que tinha entrado na floresta, e que eram destinadas ao meu serviço, não tinha podido salvar mais que duas mulas e dois cavallos, as demais tinham morrido de fome ou de fadiga. Para completar a nossa desgraça, os guias tinham-se perdido no caminho, o que foi a causa principal dos nossos sofrimentos na temivel floresta das Antas.

Quanto mais andavamos, menos viamos chegar o fim d'esta picada maldita. Fiquei muito longe dos meus companheiros, com duas mulas horivelmente fatigadas, e que eu esperava salvar, fazendo-as caminhar mui devagar e sustentando-as com folhas de taquaras a que Taquari deve o seu nome. Durante este tempo enviei Annita adiante com um criado e meu filho, afim de que elle procurasse o fim d'esta interminavel floresta e algum alimento.

Os dois cavallos que eu havia deixado a Annita e que ella montava simultaneamente, foi quem nos salvaram. Ella achou o fim da floresta e ahi encontrou um piquete dos meus bravos soldados assentados a um bello fogo, o que não era commum pelo tempo que fazia.

Os meus companheiros que por felicidade tinham conservado alguns vestidos de lã, embrulharam n'elles a criança, aquecendo-a e chamando-a por este modo á vida, quando já a pobre mãe começava a perder todas as esperanças. Mas ainda não é tudo: estes excellentes rapazes começaram então a procurar com uma

grande sollicitudde alguns alimentos, que elles não tinham procurado para si, mas que agora procuravam por minha causa.

O que d'entre todos prestou a minha esposa e filho os primeiros e mais efficazes soccorros foi Mangio: que o seu nome seja abençoado.

Tinha tido grande difficuldade em salvar os meus dois cavallo, e por fim vi-me na necessidade de abandonar os dois pobres animaes esfalfados e aguados, sendo obrigado, apesar do estado miseravel em que me achava, a atravessar o resto da floresta a pé.

No mesmo dia encontrei minha mulher e filho e soube então o que os meus companheiros tinham feito por causa d'ella.

Nove dias depois da nossa entrada na floresta conseguimos sair! Poucos officiaes tinham conseguido salvar os seus cavallo. O inimigo que nos precedia, fugindo diante de nós, tinha deixado duas peças de artilheria na picada; mas de que nos serviriam ellas? Faltavam todos os meios de transporte e póde ser que ellas ainda estejam no mesmo lugar em que as vi.

As tempestades pareciam conscriptas na floresta. Apenas saímos d'ella e nos aproximamos de Cima da Serra e de Vaccaria que o bom tempo começou, caindo então em nosso poder alguns bois, que indemnizando-nos do nosso longo jejum nos fizeram esquecer a fadiga, a fome e a chuva.

Ficámos na Vaccaria alguns dias, esperando pela divisão de Bento Gonçalves, que se nos uniu em completa desordem, e com menos um terço dos soldados.

O infatigavel Morinque sabendo da retirada d'esta divisão, tinha começado a perseguil-a, sem descanso, atacando-a em todas as occasiões, alliando-se para esta obra de destruição aos montanhezes, sempre hostis aos republicanos. Todos estes successos deram tempo a Labattue a fazer a sua retirada, e depois a sua junção com o exercito imperial, tendo apenas, apesar d'isto, algumas centenas de homens á sua disposição. Então as mesmas difficuldades que haviam existido para nós, appareceram para elles que tiveram além d'isso a vencer um obstaculo imprevisto, e que eu noto por causa da sua raridade.

O general Labattue tendo que atravessar no seu caminho dois bosques chamados de Mattos, ahi encontrou algumas d'essas tribus indigenas chamadas de *Bragis*, que são as mais selvagens que se conhecem no Brazil. Estas tribus sabendo da passagem dos imperiaes, armaram-lhe tres ou quatro emboscadas, fazendo-lhe grande mal. Em quanto a nós não nos causaram a mais pequena inquietação e ainda que houvesse no caminho muitos d'esses alçapãos, que os indios collocam na passagem dos seus inimigos, todos se achavam descobertos em lugar de estarem disfarçados com ramos de arvores, segundo o costume.

Durante a curta paragem que fizemos na ourela de um d'esses bosques gigantescos, appareceu-nos uma mulher, que na sua mocidade tinha sido roubada pelos selvagens, e que havia aproveitado a nossa presença para fugir.

A pobre mulher achava-se n'um deploravel estado.

Como não tínhamos então nenhum inimigo a atacar ou de quem fugissemos, continuamos a nossa marcha mui vagarosamente, porque não possuíamos cavallos, e era necessario ir domando os poltros.

O corpo de lanceiros republicanos, tendo ficado completamente desmontado, foi tambem obrigado a lançar mão dos poltros.

Era na verdade um esplendido espectaculo, sempre novo, ainda que repetido todos os dias, o vêr esses jovens e robustos negros que mereciam o epitheto de domadores de cavallos que Virgilio dá a Pelops. Era necessario vêl-os saltar sobre esses selvagens filhos do deserto, que não conheciam nem freio, nem selim, agarrando-se ás crinas, e correndo pelas planicies, até que cedendo ao homem o quadrupede se confessava vencido. Mas a lucta era longa, e o animal não se rendia senão depois de ter exgotado todas as forças em se desembaraçar do seu tyranno, que do seu lado admiravel de agilidade e coragem, o apertava entre os joelhos, como entre duas tenazes, não o deixando senão depois de o ter domado.

Tres dias são sufficientes a um bom domador de cavallos para que o animal o mais rebelde possa sofrer o freio.

Raramente, contudo os poltros são bem domesticados pelos soldados, sobretudo nas marchas onde os muitos afazeres impedem os domadores de lhe prestar todos os cuidados necessários.

Tendo passado os *Mattos* atravessámos a provincia das Missões, dirigindo-nos para Cruz Alta, capital d'esta pequena provincia, depois de Cruz Alta dirigimo-nos a S. Gabriel onde se estabeleceu o quartel general, e edificaram barracas para o acampamento do exercito.

Seis annos d'esta vida de aventuras e perigos não me tinham fatigado em quanto era só, mas actualmente que tinha uma pequena familia, a separação de todos os meus antigos conhecimentos, a ignorancia completa em que me achava ha tantos annos sobre o estado da minha familia, fizeram nascer o desejo de me aproximar de um ponto onde pudesse receber noticias de meu pae e minha mãe, porque se tinha por um momento esquecido essas ternas affeições, ellas appareciam de novo. Tambem não tinha noticias da minha outra mãe, da Italia!

Decidi então ir a Montevideo; ao menos temporariamente. Pedi pois licença ao presidente, assim como para levar alguns bois, de que a venda devia servir para me sustentar durante a jornada.

XXXVI

CONDUCTOR DE BOIS

Eis-me pois *truppiere*, isto é conductor de bois.

Em consequencia n'uma estancia chamada o *Casal das Pedras*, com a authorisação do ministro da fazenda, consegui reunir em vinte dias e com grande difficuldade novecentos bois, quasi todos selvagens. Maiores difficuldades me esperavam ainda durante o caminho onde encontrei obstaculos quasi invenciveis. O maior de todos foi o Rio-Negro, onde tive quasi perdido todo o meu capital. Da passagem do rio, da minha inexperiencia no meu novo mister, e sobre tudo da rapina de certos *capatazes*, mercenarios que tinha alugado como conductores, salvei com muito custo quinhentos bois, que visto o mau sustento e o pessimo caminho foram julgados incapazes de chegar ao seu destino.

Resolvi em consequencia matal-os e tirar-lhe as peles, que vendi, ficando-me livres de toda a despeza uns trezentos escudos que serviram para fazer face ás primeiras necessidades da minha familia.

É aqui que devo mencionar um encontro que me deu um dos meus mais charos e melhores amigos.

Aproximando-me de S. Gabriel, na retirada que acabavamos de fazer, tinha ouvido fallar de um official italiano, dotado de grande valor e intelligencia, que, exilado como carbonario se tinha batido em França no dia 5 de junho de 1832, e depois no Porto durante o cerco que ahi houve por causa da guerra entre os dois irmãos D. Pedro e D. Miguel, vindo depois offerecer-se ao serviço das jovens republicas da America do Sul.

Contavam-se a seu respeito cousas tão extraordinarias que muitas vezes disse:

—Quando encontrar esse homem, ha-de ser meu amigo.

Chamava-se Anzani.

Chegando á America, tinha-se apresentado com uma carta de recommendação a dois dos seus compatriotas MM.*** negociantes em S. Gabriel, que tinham feito d'elle o seu *factotum*.

Anzani exercia todos os empregos, caixeiro, guarda-livros, homem de confiança, emfim era o bom genio d'esta casa.

Como todos os homens fortes e corajosos, Anzani era socegado e dotado de um excellente genio.

A casa commercial de que elle se tinha tornado director era uma d'essas casas como se acham unicamente na America do Sul, isto é vendendo tudo o que é possível imaginar.

A villa onde residiam os nossos dois compatriotas era infelizmente proxima da floresta que servia de refugio a essas tribus de indios de que já dissemos algumas palavras no capitulo precedente.

Um dos chefes d'estes indios tinha-se tornado o terror d'esta pequena villa, á qual vinha duas vezes por anno, com a sua tribu, roubando quanto queria sem encontrar a menor resistencia.

Primeiramente veio acompanhado por duzentos ou trezentos homens, depois com cem, depois com cincoenta, segundo elle tinha visto augmentar o terror estabelecendo o seu poder, e depois sentindo-se o senhor tinha vindo só, e dava as suas ordens que eram obedecidas, como se por detraz de si tivesse a sua tribu prompta a assassinar aquelle que lhe recusasse obedecer.

Anzani tinha ouvido fallar d'este homem e tinha escutado tudo o que se dizia a seu respeito, sem manifestar a sua opinião sobre a audacia d'este chefe selvagem e sobre o terror que inspirava a sua ferocidade.

Este terror era tamanho que quando se ouvia dizer o *chefe dos Mattos* todas as janellas se fechavam, e todas as portas se trancavam como se na villa andassem alguns cães damnados.

O indio estava habituado a estes signaes de terror, que lisongeavam o seu orgulho, escolhia a porta que queria vêr aberta, batia—abrindo-se logo com a rapidez do relampago—e roubava tudo sem encontrar a menor resistencia.

Havia justamente dois mezes que Anzani dirigia a casa de commercio nos seus maiores como menores detalhes, quando se ouviu o grito terrivel:

—O chefe dos Mattos!

Como o costume, portas e janellas fecharam-se precipitadamente.

Anzani estava só em casa arranizando as contas da semana, e não julgando que o estrondoso annuncio que acabavam de fazer valesse a pena de se incomodar ficou assentado á sua mesa, com as janellas e portas abertas.

O indio parou espantado diante d'essa casa que no meio do terror geral que causava a sua chegada, se conservava indifferente á sua apparição.

Entrou e viu encostado ao balcão um homem que socegradamente fazia as suas contas. Parou diante d'elle de braços cruzados e olhando-o com espanto.

Anzani levantou a cabeça.

Anzani era a politica em pessoa.

—Que quer meu amigo? perguntou elle ao indio.

—Como! que quero?! disse este.

—Sem duvida, disse Anzani, quando se entra n'um armazem é que se quer comprar alguma cousa.

O indio começou a rir.

—Pelo que vejo não me conheces? perguntou ele a Anzani.

—Como queres que te conheça, se é a primeira vez que te vejo!

—Sou o chefe dos Mattos, replicou o indio, mostrando no seu cinto um arsenal composto de quatro pistollas e um punhal.

—Então que queres?

—Beber.

—O que?

—Um copo de agua-ardente.

—Não ha nada mais facil; paga primeiro e depois tens a agua-ardente que quizeres.

O indio começou a rir de novo.

Anzani franziu as sobrancelhas.

—Em logar de me responder, tornas de novo a rir. Não acho isso mui politico. Previno-te, pois, que se isso succede outra vez ponho-te fóra da porta.

Anzani tinha pronunciado estas palavras com tal firmeza, que outro qualquer homem que não fosse o indio teria comprehendido com quem tinha a tratar.

Talvez o selvagem houvesse comprehendido, mas não o deu a conhecer.

—Já te disse que me desses um copo de agua-ardente, repetiu elle batendo com o punho no balcão.

—E eu já te disse que o pagasses primeiro, disse Anzani, quando não, não a bebes.

O indio deitou um olhar colerico a Anzani, mas o olhar d'este encontrou o seu,—o relampago havia encontrado o relampago.

Anzani dizia muitas vezes:

—A unica força que existe é a moral. Olhae fixa e obstinadamente o homem que vos encarar, se elle abaixar os olhos, estaes senhor d'elle, mas se pelo contrario sois vós que os abaixaes estaes perdido.

O olhar de Anzani tinha um irresistivel poder. Foi o indio que foi vencido, e conhecendo a sua inferioridade, e furioso d'este poder desconhecido, quiz ganhar animo bebendo.

—Está bem, disse elle, ahi tens meia piastra, da-me de beber.

—É obrigação minha servir quem me paga, disse tranquilamente Anzani.

E deu ao indio um copo de agua-ardente.

O indio bebeu.

—Outro, disse elle.

Anzani deu-lhe outro copo.

O indio bebeu-o como o primeiro.

—Ainda outro, disse elle.

Em quanto Anzani teve dinheiro suficiente para se pagar da despesa do indio, não lhe fez nenhuma observação, mas quando o bebedor já não tinha dinheiro para pagar, cessou de encher-lhe o copo.

—Então? perguntou o selvagem.

Anzani fez-lhe a sua conta.

—Depois? insistiu o selvagem.

—Depois?... Como não tem dinheiro, não bebe mais agua-ardente, respondeu Anzani.

O indio tinha formado bem o seu calculo. Os cinco ou seis copos de agua-ardente que havia bebido, tinham-lhe dado a coragem que havia perdido com o olhar de Anzani.

—Agua-ardente, disse elle levando a mão a uma das pistollas, agua-ardente, ou morres.

Anzani que já previa o final d'esta scena, estava preparado. Tinha cinco pés e nove pollegadas, e era dotado de uma força e agilidade pasmosa. Apoiou a mão no balcão e saltando para o outro lado deixou-se cair sobre o indio, agarrando-lhe o punho direito.

O selvagem não poudé aguentar o choque e caiu; Anzani não o largou e poz-lhe o pé no peito.

Então agarrando com a mão esquerda a mão direita do indio, tornando-lhe por isso inoffensiva a arma, Anzani tirou-lhe do cinto as pistollas e punhal, que espalhou pelo armazem, e arrancando-lhe a pistolla da mão, quebrou-lhe o cano na cabeça e na cara, e julgando que o selvagem já se achava bem castigado foi empurrando-o aos pontapés até á porta deitando-o no meio de um grande lamaçal.

O indio levantou-se com muita difficuldade e fugiu, mas em tal estado que nunca mais tornou a apparecer em S. Gabriel.

Anzani havia feito debaixo do nome de Ferrari a guerra de Portugal. Com este nome tinha-se conduzido admiravelmente, ganhou a patente de capitão e recebido duas graves feridas: uma na testa, outra no peito, e tão graves que no fim de dezeseis annos morreu por causa d'ellas.

A ferida da cabeça era um golpe de sabre que lhe tinha aberto o craneo.

A do peito foi uma balla que lhe tinha ficado no pulmão, e de que mais tarde lhe nasceu uma phtisica pulmonar.

Quando se lhe fallava dos prodigios de coragem que tinha praticado debaixo do nome de Ferrari, sorria-se e dizia que elle e Ferrari eram dois entes differentes.

Infelizmente não podia, ao mesmo tempo que attribuia os seus prodigios de valor a um ente imaginario, trespassar-lhe as duas feridas.

Tal era o homem de quem me haviam fallado, e a quem eu desejava conhecer e ter por amigo.

Em S. Gabriel soube que tinha ido tratar de alguns negocios a sessenta milhas de distancia. Montei então a cavallo para o procurar.

No caminho, na margem de um pequeno rio, encontrei um homem, com o peito nú lavando uma camisa—vi que era este o homem que procurava.

Dirigi-me a elle, estendi-lhe a mão e disse-lhe quem era.

Desde este momento fomos irmãos.

Já não estava na casa de commercio, e como eu havia entrado ao serviço da republica do Rio Grande. Era commandante de infantaria da divisão de João Antonio, um chefe republicano dos mais conhecidos. Como eu deixava o serviço e dirigia-se aos *saltos*.

Depois de um dia passado juntos, demos os nossos *addresses* respectivos e combinámos que não emprehenderíamos movimento algum importante sem o participarmos mutuamente.

Seja-me permittido narrar um facto que dá bem a conhecer a nossa miseria e a nossa fraternidade.

Achava-me tão pobre como Anzani em camisas, em quanto que elle tinha mais um par de calças.

Dormimos no mesmo quarto, mas Anzani partiu antes de romper o dia e sem se despedir.

Quando acordei encontrei sobre o meu leito o melhor dos seus dois pares de calças.

Conhecia apenas Anzani, mas era um d'esses homens que se apreciam á primeira vista, e tanto que quando entrei ao serviço da republica de Montevideo e fui encarregado de organizar a legião italiana, o meu primeiro cuidado foi escrever-lhe convidando-o a vir acompanhar-me.

Veu com effeito e desde esse dia não nos deixamos mais, até que elle tocando na terra de Italia morreu entre os meus braços.

XXXVII

PROFESSOR DE MATHEMATICA E CORRETOR DE COMMERCIO

Em Montevideo dirigi-me a casa de um dos meus amigos chamado Napoleão Castellini. Ao seu excellente coração sou devedor de muito, para jámais me esquecer, assim como a G. D. Cunes,—amigo de toda a minha vida,—e aos irmãos Antoninho e Giovanni Risso.

Gastos os poucos escudos que me tinham produzido as minhas pelles de bois, e para não ficar com minha mulher e filho ás sopas dos meus amigos, emprehendi duas industrias que, devo confessal-o, chegavam apenas para satisfazer as minhas necessidades.

A primeira era corretor de fazendas. A segunda era a de professor de mathematica, na casa do estimavel Paulo Semidei.

Este modo de vida durou até á minha entrada na legião oriental.

Os negocios do Rio Grande começavam a estabelecer-se e a arranjar-se, não tendo eu pois nada a esperar d'este lado. A republica oriental—é assim que se chamava a republica de Montevideo—sabendo que me achava livre não tardou em me offerecer uma occupação mais em harmonia com os meus meios e com o meu character, do que a de professor de mathematica e corretor.

Offereceram-me e acceitei o commando da corveta—*Constituição*.

A esquadra oriental achava-se debaixo das ordens do coronel Cosse, e a de Buenos-Ayres ás ordens do general Brown.

Lith. de Castro, Poço Novo N.º 33.

FRANCISCO 2.º

MONTEVIDEO

Quando o viajante chega da Europa n'um d'esses navios, que os primeiros habitantes do paiz tomavam por casas volantes, o que vê —logo que o marinheiro de vigia grita: «Terra» são duas montanhas.

Uma que é a cathedral, e a outra ornada de um pharol, que é a montanha do *Cerro*.

À medida que o viajante se aproxima das torres da cathedral, de que os ornatos de porcellana brilham ao sol, o viajante vê os *mirantes* sem numero e de fórmias variadas que ornam todas as casas, depois essas mesmas casas, encarnadas ou brancas, com os seus terraços, depois ao pé do Cerro, as *salgadoras*, vastos edificios onde se salgam as carnes; e emfim ao fundo da bacia, á borda do mar as encantadoras *quintas*, delicia e orgulho dos habitantes onde elles vão passar todos os domingos e dias de festa.

Então se deitaes a ancora, entre o Cerro e a cidade, dominada, por qualquer ponto de vista que a olheis, pela sua gigantesca cathedral, se a canôa vos leva para a praia, puchada por seis valentes remadores, se de dia encontraes pelas estradas grupos de encantadoras mulheres vestidas de amazonas, se de tarde atravez as janellas abertas, deitando para a rua torrentes de luz e harmonia, ouvis os sons do piano e de outros instrumentos, é que estaes em Montevideo, a vice-rainha d'esse rio de prata, de que Buenos-Ayres pretende ser a rainha, e que se lança no Occeano por uma embocadura de oitenta leguas.

Foi João Dias o que no principio de 1516 descobriu as praias da Prata. A primeira cousa que o marinheiro de quarto avistou foi o Cerro, e cheio de alegria exclamou em latim:

—*Montem video!*

Sendo este o nome que ficou á republica, de que vamos rapidamente escrever a historia.

João Dias, já com bastante orgulho de haver no anno passado descoberto o Rio de Janeiro, não gosou por muito tempo da sua gloria.

Tendo deixado na bahia dois dos seus navios, e havendo subido o rio Prata com o terceiro, confiando nos signaes de amizade que lhe fizeram os indios, caiu n'uma emboscada sendo morto, despadaçado e devorado na margem do rio, que em memoria d'este triste acontecimento tem o nome de *Solis*.

Estes indios anthropóphagos pertenciam á tribu dos Charruas que era senhora do paiz, como na extremidade opposta do grande continente o eram os Hures e os Sioux.

Os hespanhoes foram pois obrigados a edificar Montevideo no meio de combates, que se renovavam todos os dias e todas as noites, contando por isso Montevideo apenas cem annos, apesar de ter sido descoberto em 1516.

Pelo fim do ultimo seculo, appareceu um homem que promoveu aos senhores primitivos da costa uma guerra de exterminação, em que foram aniquilados.

Tres ultimos combates—em que collocaram entre si suas mulheres e filhos, e caíam sem recuar um passo—viram desaparecer os seus ultimos restos, e monumentos d'esta derrota suprema; o viajante póde ainda vêr ao pé da montanha *Augua* os ossos dos ultimos Charruas.

Este novo Mario era Jorge Pacheco, pae do general Pacheco e Obes de quem, como já dissemos, tivemos todos estes promenores.

Mas os selvagens destruidos deixaram a Pacheco inimigos mais ferozes, mais perigosos, e mais inexterminaveis que os indios, visto que aquelles eram sustentados, não por uma crença religiosa, que todos os dias ia enfraquecendo, mas, pelo contrario, por um interesse material que ia augmentando sensivelmente. Estes inimigos eram os contrabandistas do Brazil.

O systema prohibitivo era a base do commercio hespanhol. Havia pois uma guerra encarniçada entre o exercito e os

contrabandistas, que ou pela estratégia ou pela força tentavam introduzir no territorio de Montevideo as suas sedas e tabaco.

A lucta foi longa, encarniçada e mortal. D. Jorge Pacheco dotado de uma força herculea, de um talhe gigantesco, e de uma grande finura, tinha alcançado—pelo menos assim o julgava—não a aniquillar os contrabandistas, como havia feito aos Charruas, mas a affastal-os da cidade, quando repentinamente tornaram a apparecer mais atrevidos, mais activos, e reunidos como nunca em roda de uma vontade unica, tão poderosa, tão corajosa, e tão intelligente como podia ser a do general Pacheco.

Pacheco mandou espiões por toda a parte a informarem-se do motivo d'esta reaparição.

Todos voltaram pronunciando um unico nome:

—Artigas!

Quem era este Artigas?

Um mancebo de vinte a vinte e cinco annos, bravo como um velho hespanhol, esperto como um Charrua, e agil como um *gaucho*: tinha tres raças senão no sangue ao menos no espirito. Começou então uma lucta admiravel de esperteza e força entre o general e o contrabandista, mas um era moço e todos os dias a sua força augmentava, o outro não era velho, mas estava já cansado.

Durante quatro ou cinco annos Pacheco perseguiu Artigas, batendo-o por toda a parte por onde apparecia; mas Artigas derrotado não era nem morto, nem feito prisioneiro, e no dia seguinte começava de novo a lucta. Pacheco cansou primeiro e como um d'esses romanos da antiga republica, que sacrificavam o seu orgulho ao bem do paiz, disse ao governo que resignava os seus poderes com a condição que Artigas seria nomeado general em seu logar, porque só Artigas podia acabar a destruição dos contrabandistas.

O governo acceitou, e como esses bandidos romanos que se submettem ao poder do papa e passeam venerados na cidade de que foram o terror, Artigas fez a sua entrada triumphal em Montevideo, e começou a obra de destruição para que havia sido chamado.

Estes factos tiveram logar cincoenta e oito ou sessenta annos antes dos acontecimentos em que Garibaldi vae tomar parte, mas como nós somos author dramatico e não podemos deixar de começar um drama por um prologo, vamos dar a conhecer aos leitores, homens e terras que lhe são bem desconhecidos.

Artigas tinha então vinte e sete ou vinte e oito annos, tendo na época em que o general Pacheco me deu estes detalhes noventa e tres annos, vivendo ignorado n'uma pequena quinta pertencente ao presidente do Paraguay. Hoje provavelmente já tem morrido.

Era um mancebo bello e bravo, e que representava um dos tres poderes que reinaram em Montevideo.

Jorge Pacheco era o typo do valor cavalheiresco do velho mundo, que atravessou os mares com Colombo, Pizarro e Fernando Cortez. Artigas era o homem do campo, e podia representar, o que chamavam o partido nacional, collocado entre os portuguezes e hespanhoes, isto é entre os estrangeiros que se tinham tornado portuguezes e hespanhoes, pela sua habitação nas cidades onde tudo fazia lembrar os costumes portuguezes e hespanhoes.

Ainda havia um terceiro typo e mesmo uma terceira potencia que foi o flagello de todos e de que é necessario dizer duas palavras.

Este terceiro typo é o gaucho, a quem Garibaldi chama o centauro do novo mundo.

Na França chamamos gaucho a tudo quanto vive n'estas vastas planicies, mas commettemos um erro: o capitão Head da marinha ingleza, foi o primeiro a pôr em moda esta mania de confundir o gaucho com o habitante do campo, que na sua soberba repelle não só a semelhança, mas até a comparação.

O gaucho é o bohemio do novo mundo. Sem terras, sem casa, sem familia, possui por toda a fortuna um casaco, um cavallo, uma faca e o laço.

A faca é a sua arma, o laço a sua industria.

A nomeação de Artigas foi recebida com satisfação por todos, excepto pelos contrabandistas, e ainda se achava occupando este alto cargo quando rebentou a revolução de 1810, revolução que

tinha por fim, e que obteve, destruir o dominio hespanhol no novo mundo.

Esta revolução começou em 1810 em Buenos-Ayres e acabou em Bolivia na batalha de Ayacuncho em 1824.

O chefe das forças independentes era então o general Antonio José de Soure, e tinha cinco mil homens ás suas ordens.

O general em chefe das tropas hespanholas era D. José de Laserna, o ultimo vice-rei do Peru, e commandava onze mil homens.

Os patriotas não possuíam senão uma unica peça, eram um contra dois, e achavam-se completamente desprovidos de munições, e de provisões de boca. Não tinham remedio senão esperar, assim o fizeram, e quando foram atacados ficaram vencedores.

Foi o general patriota Aleixo Cordova que começou o combate. Commandava mil e quinhentos homens. Poz a bandeira na ponta da espada e gritou:

—Ávante!

—A marche marche, ou no passo ordinario? perguntou um official.

—No passo da victoria, respondeu elle.

N'essa mesma tarde todo o exercito hespanhol tinha capitulado, e achava-se prisioneiro d'aquelles que o tinham sido seus.

Artigas havia sido um dos primeiros a festejar a revolução. Tinha-se posto á testa do movimento, e por sua vez offereceu a Pacheco o commando, como annos antes elle o havia feito.

Esta troca ia-se talvez operar quando Pacheco foi surpreendido na Casa branca, no Uruguay, por marinheiros hespanhoes, e ficou seu prisioneiro.

Artigas continuou a sua tarefa libertadora. Em pouco tempo expulsou os hespanhoes do campo de que se havia tornado rei, reduzindo-os a serem senhores unicamente de Montevideo, que podia apresentar uma séria resistencia, visto ser a segunda cidade fortificada da America.

A primeira era S. João de Ulloa.

Em Montevideo achavam-se refugiados todos os partidarios dos hespanhoes, protegidos por um exercito de quatro mil homens. Artigas sustentado pela alliança de Buenos-Ayres começou o cerco da cidade, mas um exercito portuguez veio em auxilio dos hespanhoes e Artigas teve de retirar-se. Em 1812 Montevideo soffreu novo cerco. O general Rondeau commandava as forças de Buenos-Ayres e Artigas as dos patriotas, e foram estes que de novo cercaram a cidade.

O cerco durou vinte e tres mezes, tendo logar no fim d'este tempo uma capitulação que entregou a capital da futura republica oriental aos sitiantes, commandados então pelo general Alvear.

Porque razão era então general em chefe Alvear e não Artigas? Vamos dizel-o.

É que no fim de vinte mezes de cerco, depois de tres annos de contacto entre os homens de Buenos-Ayres e os de Montevideo, as differenças de habitos, de costumes, e direi mesmo de raças, que tinham sido causa de simples desintelligencias, haviam-se tornado em motivos de odios mortaes.

Artigas, como Achilles havia-se retirado desaparecendo pelos campos tão seus conhecidos no tempo da sua mocidade em que exercia o mister de contrabandista.

O general Alvear tinha-o substituido, sendo general em chefe dos *Portenos*, na occasião em que Montevideo se entregou.

Portenos é o nome que dão aos naturaes de Buenos-Ayres, e *Orientaes* aos de Montevideo.

Tentaremos explicar as differenças que ha entre os *Portenos* e os *Orientaes*.

O habitante de Buenos-Ayres fixado no paiz ha trezentos annos na pessoa de seus avós, perdeu desde o fim do primeiro seculo da sua existencia na America, todas as tradições da mãe patria, isto é da Hespanha. Os habitantes de Buenos-Ayres são hoje tão americanos, como o eram antigamente os indios que d'ali expulsaram.

O habitante de Montevideo, ao contrario, existindo apenas ha um seculo no paiz,—sempre na pessoa de seus avós, bem entendido—

não teve o tempo de esquecer que é de raça hespanhola. Tem o sentimento da sua nova nacionalidade, mas sem ter esquecido as tradições da velha Europa, em quanto que o de Buenos-Ayres, se affasta todos os dias da Europa para entrar na barbaria.

O paiz não deixa de ter sua influencia, sobre este movimento retrogrado de um lado, progressivo do outro.

A população de Buenos-Ayres, espalhada em areas immensos, com habitações muito affastadas umas das outras, em sitios completamente desprovidos de agua, e de todos os objectos necessarios, e habitando cabanas mal construidas, ganha um caracter sombrio, insociavel e bulhento. As suas tendencias dirigem-se para os indios selvagens das fronteiras, com os quaes elles negoceiam em todos os objectos que trazem dos sitios onde a civilisação ainda não penetrou, e são completamente desconhecidos aos europeus, dos quaes recebem em troca agua-ardente e tabaco que levam para as grandes planicies dos pampas, de que tomaram o nome, ou a quem póde ser deram o seu.

A população de Montevideo, pelo contrario, possui um bello paiz, cortado por muitos rios. Não possui vastos bosques, não tem grandes florestas, como a America do Norte, mas as margens dos seus rios são ornadas de bellas e magestosas arvores. Possui além d'isso bellos edificios, e a terra produz todo o necessario para o seu sustento. As suas casas, quintas e herdades são proximas umas das outras, e o seu caracter franco e hospitaleiro, é inclinado a essa civilisação de que a aproximação do mar lhe conduz continuamente.

Para a população de Buenos-Ayres o typo da perfeição é o indio a cavallo.

Para a de Montevideo é o europeu apertado na sua casaca, na sua gravata e nas botas de polimento.

Os naturaes de Buenos-Ayres tem a pertença de serem os primeiros da America em elegancia. Teem mais imaginação que os de Montevideo, e os primeiros poetas que a America conheceu, nasceram em Buenos-Ayres. Varela e Lafinur. Domingos e Marmol são poetas portenos.

O habitante de Montevideo é menos poetico, mas mais socegado e mais firme nas suas resoluções e nos seus projectos. Se o seu rival tem a pertença de ser o primeiro em elegancia, elle tem a de o ser na coragem. Entre os seus poetas figuram de Hidalgo, de Berro, de Figueira, e João Carlos Gomes.

As mulheres de Buenos-Ayres tambem teem a pretensão de serem as mais bellas da America meridional desde Lemairé até ao Amazonas.

Póde ser que na realidade o rosto das mulheres de Montevideo seja menos formoso que o das suas visinhas, mas as suas fórmãs são maravilhosas.

Ha pois entre os dois paizes;

Rivalidade de coragem e elegancia, entre os homens;

Rivalidade de belleza e elegancia, entre as mulheres;

Rivalidade de talento entre os poetas, esses hermaphroditas da sociedade, colericos como os homens, caprichosos como as mulheres e simples muitas vezes como as creanças mais innocentes.

Havia pois, como se vê por tudo que acabamos de dizer, motivos sufficientes para as relações serem interrompidas entre Montevideo e Buenos-Ayres, entre Artigas e Alvear.

Não foi unicamente uma separação, que teve logar, mas sim uma guerra.

Todos os elementos de antipathia foram dirigidos contra os homens de Buenos-Ayres pelo antigo chefe de contrabandistas. Pouco lhe importavam então os meios, de que tinha a servir-se, com tanto que alcançasse o seu fim que era expulsar do paiz os Portenos.

Foi então que Artigas reunindo todos os recursos que lhe offerecia o paiz, se poz á testa d'esses bohemios da America que se chamam gauchos.

A guerra que fazia Artigas tinha alguma cousa de santa; assim nada lhe podia resistir, nem o exercito de Buenos-Ayres, nem o

partido hespanhol, que sabia perfeitamente que a entrada de Artigas em Montevideo, era a substituição da força brutal á intelligencia.

Os que tinham previsto esta volta á barbaria não se haviam enganado. Pela primeira vez homens vagabundos, por civilisar, e sem organização, viam-se formando um exercito e com um general. Durante a dictadura de Artigas teve logar um periodo que tem alguma analogia com o nosso de 1793. Montevideo viu o reinado do homem dos pés nús, dos *casoncillos* fluctuantes, da *chiripa* escosseza, do *puncho* despedaçado, e com o chapéu deitado sobre a orelha seguro pelo *barlipo*.

Então Montevideo foi testemunha de scenas inauditas grotescas, e algumas vezes terriveis. Muitas vezes as primeiras classes da sociedade foram reduzidas á impotencia, Artigas tendo de menos a crueldade e de mais a coragem, tornou-se então o que mais tarde devia ser Rosas.

A dictadura de Artigas teve não obstante muitas cousas de brilhante e nacional. Uma foi a lucta de Montevideo contra Buenos-Ayres, em que Artigas derrotou sempre as forças d'este paiz e de que fez cessar a influencia e a resistencia ao exercito portuguez que invadiu o paiz em 1815.

O pretexto d'esta invasão foi a desordem da administração de Artigas e a necessidade de salvar os povos visinhos de desordens eguaes, que podia fazer nascer entre elles o contagio do exemplo. Estas desordens tinham no mesmo paiz, dobrado a opposição que fazia o partido da civilisação. As classes elevadas sobre tudo desejavam do coração uma victoria que substituisse o dominio portuguez a esse dominio nacional que trazia a brutal tyrannia da força material. Comtudo não obstante os ataques portenos e dos portuguezes, Artigas resistiu quatro annos, dando tres batalhas, e vencido retirou-se para Entre rios, isto é para o outro lado do Uruguay. Ahi, apezar de se achar fugitivo, Artigas representava ainda, se não pelas suas forças, ao menos pelo seu nome, um poder respeitavel, quando Ramiro seu tenente se revoltou, contra elle, collocando-se á frente da terça parte das suas forças, e derrotando-o de modo que lhe tirou toda a esperanza de reconquistar a sua posição perdida, obrigando-o a sair d'este paiz

aonde como Anteo, parecia ganhar novas forças todas as vezes que ahi tocava.

Foi então que, igual a uma d'essas trombas que se evaporam, depois de ter deixado a desolação e as ruínas na sua passagem, Artigas desapareceu retirando-se para o Paraguay, onde, como já dissemos, em 1848 na época em que Garibaldi defendia Montevideo, vivia ainda tendo noventa e tres ou noventa e quatro annos, gosando de todas as suas faculdades intellectuaes e de quasi todas as suas forças.

Artigas vencido não fez opposição ao dominio portuguez que se estabeleceu no paiz, e o barão de Laguna francez de origem foi seu representante em 1825. N'este anno Montevideo como todas as possessões portuguezas da America foram cedidas ao Brazil.

Montevideo foi então occupado por um exercito de oito mil homens e tudo parecia assegurar ao imperador a sua pacifica posse.

Foi então que um natural de Montevideo, proscripto, residente em Buenos-Ayres, reuniu trinta e dois companheiros proscriptos como elle, e decidiram que dariam a liberdade á patria ou que morreriam.

Este punhado de patriotas embarcou em duas canoas e desembarcou no Grande Areal.

O chefe chamava-se João Antonio Lavalleja.

Lavalleja havia de antecipaçaõ tido relações com um proprietario do paiz que devia no momento do seu desembarque, ter os cavallos promptos. Assim logo que desembarcou enviou-lhe um mensageiro, que lhe trouxe em resposta que tudo estava descoberto, que os cavallos haviam sido roubados e que Lavalleja e os seus companheiros não tinham outro partido a tomar senão embarcarem de novo e o mais depressa possivel, devendo dirigir-se para Buenos-Ayres.

Mas Lavalleja respondeu que não partia, pois não podia, nem queria recuar, e ordenando aos remadores de voltarem para Buenos-Ayres sem elle, tomou posse, no dia 19 de abril, de Montevideo em nome da liberdade.

No dia seguinte os trinta valentes que tinham apanhado alguns cavallos, com o consentimento de seus donos, pozeram-se em marcha para a capital, mas foram encontrados por um destacamento de cavalleiros, de que quarenta eram brasileiros e cento e sessenta orientaes.

Eram commandados por um antigo irmão de armas de Lavalleya, o coronel Jurien. Lavalleya podia evitar o combate, mas não o quiz e marchou direito aos duzentos cavalleiros, e pediu uma entrevista ao coronel antes de entrar em combate.

—Que quer e que vem aqui fazer? perguntou Jurien a Lavalleya.

—Venho libertar Montevideo do dominio estrangeiro, respondeu Lavalleya, se tem as minhas idéas acompanhe-me, se não, entregue-me as suas armas, ou prepare-se para o combate.

—Não comprehendo o que querem dizer essas palavras=*entregue-me as suas armas*, respondeu o coronel, e espero que ninguem m'as ha-de explicar.

—Então tome o commando dos seus soldados, e vamos vêr por quem é Deus.

—Veremos, disse Jurien.

E partiu a galope a unir-se aos seus soldados.

Mas no mesmo momento Lavalleya desenrolou a bandeira nacional, azul, branca e encarnada e immediatamente os cento e sessenta orientaes passaram para o seu lado.

Os quarenta brasileiros foram feitos prisioneiros.

A marcha de Lavalleya para Montevideo foi uma verdadeira marcha triumphal, de que o resultado foi que a republica oriental, proclamada pela vontade e entusiasmo de um povo inteiro, tomou logar entre as nações.

ROSAS

Durante estes acontecimentos engrandecia-se um nome que mais tarde devia ser o terror da federação argentina.

Pouco depois da revolução de 1810 um mancebo de quinze a dezaseis annos saía de Buenos-Ayres, abandonando a cidade e dirigindo-se para o campo. Ia muito perturbado e caminhava apressadamente.

Este mancebo chamava-se João Manoel Rosas.

Porque esta creança, este fugitivo abandonava a casa onde havia nascido? Porque ia pedir um asylo aos habitantes dos montes? É porque acabava de insultar sua mãe, como mais tarde devia insultar a sua patria; ia perseguido pela maldição paterna.

Este successo, sem nenhuma importancia para os acontecimentos d'aquelle paiz, esqueceu bem depressa no meio de factos mais serios que então tiveram logar, e em quanto todos os antigos companheiros do fugitivo se reuniam debaixo do estandarte da independencia para combater os hespanhoes, Rosas, andava pelos *pampas* entregando-se á vida dos gauchos, adoptando o seu vestuario e costumes, tornando-se um dos melhores cavalleiros e um dos homens mais habéis d'essas immensas planicies, no manejo do laço e da bola, de sorte que vendo-o tão habil n'estes exercicios selvagens, quem não o conhecesse não o tomaria por um habitante da cidade, nem por um *pueblera* fugitivo, mas por um verdadeiro gaucho.

Rosas entrou primeiramente como *peon*, isto é jornaleiro, em uma estancia, depois foi *capataz*,—Garibaldi já nos explicou o que era um *capataz*—chegando depois a *mayordomo*.

N'esta qualidade governava os bens da poderosa familia Anchorena. É d'ahi que começa a sua fortuna como proprietario.

Sendo o nosso designio fazer conhecer Rosas debaixo de todos os aspectos; vamos dizer qual era a situação do seu espirito no meio dos acontecimentos que então tinham lugar.

Rosas tinha estado em Buenos-Ayres durante os prodigios praticados pela revolução contra a Hespanha. Então quem tinha coragem procurava a celebridade no campo da batalha, quem tinha instrucção procurava-a nos conselhos. Rosas era ambicioso de celebridade, mas qual era a que elle poderia esperar? Que nome poderia adquirir, elle que não tinha nem coragem para se apresentar no campo da batalha, nem instrucção alguma para adquirir um nome entre os homens da sciencia? A todos os momentos ouvia proferir a seu lado alguns nomes que se haviam tornado celebres. Eram como ministros, Rivadaria, de Pasos, de Aguerro, como guerreiros, Saint-Martin, de Baléarés, de Rodrigues, e de Las Heras.

E todos estes nomes de que o ruido, vindo da cidade, ia achar éco nas solidões dos campos, todos estes nomes avivavam o seu odio contra essa cidade que tendo triumphos para todos, não tinha para elle senão o exilio.

Já n'esta época Rosas pensava no futuro e preparava-o. Errando pelos pampas, confundido com os gauchos, fazia-se o companheiro da miseria do povo, elogiando os prejuizos do homem das planicies, excitando-o contra os cidadãos, demonstrando-lhe a superioridade do numero e diligenciando fazer-lhe comprehender que quando quizessem os habitantes do campo, seriam senhores da cidade.

Os annos foram passando, até que chegamos a 1820.

Foi então que Rosas começou a apparecer, apoiado na influencia que havia adquirido nos habitantes das planicies.

Já vimos o que se passou em Montevideo. Vejamos agora o que se passou em Buenos-Ayres.

A milicia de Buenos-Ayres rebellou-se contra o governador Rodrigues. Então um regimento das milicias do campo, *los colorados de las Conchas* entraram na cidade, em 5 de outubro de 1820, tendo á sua frente um coronel, que era conhecido em Buenos-Ayres, e que conhecia Buenos Ayres.

Este coronel era Rosas.

No dia seguinte as milicias do campo, e as milicias da cidade vieram ás mãos, mas n'esse dia o coronel não estava á frente do regimento.

Uma violenta dôr de dentes, que Rosas deixou de soffrer assim que finalisou o combate, affastava-o, com grande pezar, do campo da batalha. E porque não teria elle razão? Octavio tambem teve um grande ataque de febre no dia da batalha de Actium.

Rosas parecia-se muito com Octavio; mas mais tarde Octavio foi Augusto, o que segundo todas as probabilidades nunca será Rosas.

Esta entrada em Buenos-Ayres foi a unica expedição guerreira em que Rosas tomou parte durante toda a sua vida politica.

Foi então que Rivadavia, já mui conhecido, foi nomeado ministro do reino, tomando a direcção de todos os negocios.

Rivadavia era um d'esses homens de genio, como apparecem no meio das revoluções durante os dias de tormenta. Havia viajado muito na Europa, possuindo uma instrucção universal, e parecendo animado do mais ardente e puro patriotismo. Infelizmente a vista da civilisação europea, que tinha estudado em Paris e Londres havia-lhe feito nascer falsas idéas da sua applicação a um povo que não tendo por detraz de si dez seculos de luctas sociaes, não as podia admittir.

Rivadavia queria dobrar a marcha do tempo e fazer o mesmo pela America que Pedro o Grande havia feito pela Russia; mas não tendo á sua disposição os meios de Pedro foi obrigado a desistir das suas intenções.

Póde ser que com mais alguma esperteza Rivadavia as tivesse alcançado, mas censurava os homens pelos seus habitos e certos habitos são uma nacionalidade e outros um orgulho. Escarnecia os trajes americanos, manifestando a sua repugnancia pela *jaqueta*, o seu desprezo pela *chiripa*, o vestuario do homem dos campos, e como ao mesmo tempo não occultava a sua preferencia pela casaca e bota de polimento, despopularisou-se pouco a pouco, e sentiu o poder prestes a escapar-lhe.

E não obstante que de beneficios não fez ao seu paiz em troca d'esses vestidos ridiculos que lhe queria tirar? A sua administração

foi a mais prospera que Buenos-Ayres teve. Foi elle que fundou a universidade, os liceos, e que introduziu nas escolas o ensino mutuo. Durante a sua administração, muitos sabios foram chamados da Europa, as artes foram protegidas, desenvolvendo-se muito, enfim Buenos-Ayres era chamada a Athenas da America do Sul.

Já fallámos da guerra de Buenos-Ayres em 1826. Para sustentar esta guerra, Buenos-Ayres fez sacrificios enormes, exgotando as suas finanças, e enfraquecendo por esse motivo muito as molas da sua administração.

Exgotadas as finanças, enfraquecido o governo, as revoluções começaram.

Já dissemos que em Buenos-Ayres como em Montevideo, o campo e a cidade nunca estavam em harmonias de opiniões, como nunca o estavam em harmonias de interesse.

Buenos-Ayres fez uma revolução.

Immediatamente o campo fez uma revolução, e dirigindo-se sobre Buenos-Ayres, invadiu a cidade e fez o seu chefe governador.

Este chefe era Rosas.

Vamos fechar o parenthesis, aberto algumas paginas atraz.

Em 1830 Rosas foi eleito governador pela influencia dos habitantes do campo, não obstante a opposição da cidade, que elle encontrou meia policiada pela administração de Rivadavia.

Então Rosas, o gaúcho, tentou reconciliar-se com a civilização, parecendo querer esquecer os costumes selvagens adoptados por elle até então: a serpente queria mudar de pelle.

Mas a cidade resistiu ás suas tentativas, e a civilização recusou receber o transfuga que se havia passado para o campo da barbaria. Rosas mostrava-se revestido de um uniforme, e immediatamente os militares perguntavam em que campo de batalha havia elle ganho aquellas dragonas. Fallava n'uma reunião, e logo os homens intelligentes perguntavam entre si onde tinha elle ido aprender aquelle estylo; quando apparecia n'um passeio, as mulheres designando-o com o dedo diziam: «Ahi vae o gaúcho disfarçado!»

Os tres annos do seu governo passaram-se n'esta lucta mortal para o seu orgulho, e póde ser que a estas torturas moraes que lhe fizeram soffrer n'este periodo, seja devida a sua ferocidade. D'esta maneira quando resignou o poder e desceu a escada do palacio, com a alma cheia de odio, e o coração de fel, sabendo que desde então não havia alliança possivel com a cidade, foi ter de novo com os seus fieis gauchos, e as suas estancias de que era o senhor, com a intenção de um dia entrar de novo em Buenos-Ayres, como Scylla, que elle não conhecia e de quem provavelmente nunca havia ouvido fallar, havia entrado em Roma, com a espada n'uma mão e uma tocha m outra.

Para alcançar este fim vejamos o que elle fez. Pedia ao governo que lhe concedesse um commando qualquer no exercito que ia combater os indios selvagens. O governo que o temia julgou affastal-o concedendo-lhe este favor, e deu-lhe todas as tropas de que podia dispôr, esquecendo que se enfraquecia mettendo todo o poder nas mãos de Rosas.

Este logo que se achou á frente do exercito fez uma revolução em Buenos-Ayres, fez-se chamar ao poder que não acceitou senão com grandes condições, porque tinha ás suas ordens todo o exercito, e entrou em Buenos-Ayres com a dictadura mais absoluta de que se tem conhecimento, isto é *com toda la suma del poder publico*—com toda a extensão do poder publico.

O governador que elle fez cair, ou antes que elle precipitou era o general João Romão Baleace, um dos homens que tinha mais trabalhado na guerra da independencia, e um dos chefes do partido federal de que Rosas se dizia o sustentaculo. Baleace era um nobre coração e a sua fidelidade á patria era proverbial. Havia acreditado em Rosas e tinha trabalhado muito para a sua elevação. Baleace foi o primeiro sacrificado por Rosas, morrendo proscripto e quando o seu cadaver repassou a fronteira, protegido pela morte, Rosas recusou á sua familia, não as honras funebres que eram devidas a um ex-governador, mas as simples ceremonias a quem todo o cidadão tem direito.

Em 1833 foi que começou o verdadeiro poder de Rosas. No seu primeiro governo, cheio de dissimulação, não tinha apresentado os

seus instintos de crueldade, que fizeram depois d'elle uma celebridade de sangue. Este primeiro periodo não tinha sido marcado senão pelo fuzilamento do major Monteiro e dos prisioneiros de S. Nicolau. Comtudo não devemos esquecer que foi n'esta época que tiveram logar muitas mortes sombrias e subitas, d'essas mortes de que a historia inscreve a data com tinta encarnada no livro das nações.

D'esta maneira desapareceram dois chefes de que a influencia poderia fazer alguma sombra a Rosas. As mortes de Arbolito e de Molina tiveram logar n'esta época. O mesmo aconteceu, segundo nos parece, aos dois consules que acompanharam Octavio na sua primeira batalha contra Antonio.

Daremos mais alguns detalhes de Rosas que ainda não nos appareceu senão como dictador, mas tendo já alcançado um poder como poucos homens tem exercido n'uma nação.

Em 1833, Rosas contava trinta e nove annos. Tinha o aspecto europeu, cabellos louros, olhos azues, e uma presença soffrivel. Não usava nem de barbas, nem de bigodes. O seu olhar seria bello se se podesse examinar, mas Rosas havia-se habituado a não olhar de frente, nem os seus amigos nem os seus inimigos, porque sabia que n'um amigo existe quasi sempre um inimigo disfarçado. A sua voz era doce, e, quando tinha necessidade de agradar a sua conversação tinha muito de attrahente. A sua reputação de cobarde é proverbial, e a de esperto é universal. Adorava as mystificações, sendo esta a sua grande occupação antes de se entregar aos negocios serios. Uma vez chegado ao poder, não foi senão uma distracção, que eram brutaes como a sua natureza.

Citemos um ou dois exemplos:

Uma tarde que devia jantar na companhia de um dos seus amigos, occultou o vinho destinado a beber-se e deixou unicamente no bofete uma garrafa do famoso licor de Leroy, que para ser completamente celebre só lhe falta ser descoberto no tempo de Moliere. O amigo procurando o vinho só achou a garrafa de Leroy e encontrando-lhe um gosto mui agradável, bebeu-a toda. Rosas não bebeu se não agua, e partiu logo que acabou o jantar para a sua estancia.

Durante a noite o amigo de Rosas soffreu dores infernaes. Rosas riu muito d'este seu innocente brinquedo, se elle tivesse morrido, Rosas teria, sem duvida, rido muito mais.

Quando recebia algum cidadão em uma das suas estancias, fazia-o montar em cavallos muito fogosos e a sua alegria era conforme a gravidade da queda que o cavalleiro dava.

No palacio do governo achava-se sempre rodeado de loucos e de imbecis, e no meio dos negocios mais serios conservava este singular cortejo. Quando sitiava Buenos-Ayres, em 1829, tinha a seu lado quatro d'estes pobres diabos, que havia feito monges, tornando-se em virtude do seu poder, seu prior. Chamavam-se frei Biqua, frei Chaja, frei Lechuza, e frei Biscacha. Rosas gostava muito de confeitos, tendo-os sempre de todas as qualidades na sua tenda.

Os monges que tambem gostavam muito de confeitos, roubavam alguns de quando em quando. Rosas então chamava-os a todos e os monges que sabiam o que lhe custaria a mentir, confessavam o crime.

Immediatamente o culpado era despojado dos vestidos e fustigado pelos seus tres companheiros.

Todos conheciam em Buenos-Ayres o seu mulato Eusebio, e para isso muito concorreu Rosas que em um dia de recepção publica, teve a idéa de fazer o mesmo que a condessa Dubarry fazia com o preto Zamora.

Eusebio vestido de governador recebeu os cumprimentos das authoridades, em lugar do seu *senhor*.

Não obstante a amizade que Rosas tinha a Eusebio, teve um dia a lembrança de lhe fazer uma *brincadeira*, como costumavam ser todas as que esta boa alma inventava. Fingiu que acabava de ser descoberta uma conspiração, contra elle, de que o chefe era Eusebio. O fim d'esta conspiração era matar Rosas. Eusebio foi preso apezar dos seus protestos de innocencia. Rosas dominava os juizes a tal ponto que elles não se importavam se o accusado era ou não innocente. Rosas accusava, e elles julgaram e condemnaram Eusebio á morte.

Eusebio soffreu todos os preparativos do supplicio. Confessou-se, e sendo depois conduzido ao lugar do supplicio, ahi encontrou o carrasco e seus ajudantes, e quando este *brinquedo* estava quasi a terminar tragicamente, appareceu Rosas que disse a Eusebio estar sua filha Manuelita apaixonada por elle, e que por isso lhe perdoava, com a condição de a desposar.

É inutil dizer que Eusebio não morrendo do supplicio esteve quasi a morrer de medo.

Vamos agora dizer aos nossos leitores quem era como mulher esta Manuelita que a Providencia tinha collocado ao pé de seu pae como um bom anjo, de que a principal occupação, durante toda a sua vida, foi repetir todos os dias a palavra *perdão*, alcançando-o muitas vezes.

Manuelita é hoje uma mulher de quarenta annos que por dedicação por seu pae, e póde ser, que talvez pela missão que recebeu do ceu, se tem conservado solteira, pelo menos até 1850, época em que a perdemos de vista.

Manuelita não era precisamente uma mulher encantadora, mas era bella, com uma figura distincta, dotada de um tacto profundo, coquette como uma parisiense, e muito preocupada, sobre tudo do effeito que produzia nos estrangeiros.

Manuelita foi muito calumniada, o que era muito natural por ser filha de Rosas, isto é, do homem sobre o qual convergiam todos os odios. Era accusada de ter herdado os sentimentos crueis de seu pae, e de ter, como a filha do papa Borgia, esquecido o amor filial por outro mais terno e menos christão.

Tudo isto é falso. Manuelita ficou solteira por duas razões: a primeira porque Rosas sentia muitas vezes a necessidade de ser amado, e sabia que o unico amor real, dedicado, infinito, sobre que podia contar era o de sua filha. Manuelita ficou solteira porque, talvez, nos seus sonhos de realleza, Rosas, hoje simples particular, vivendo num canto da Inglaterra, via no futuro brilhar para Manuelita alguma alliança mais aristocratica do que aquellas a que poderia então aspirar.

Tanto a historia deve ser severa para com Rosas, tanto, a menos de ser injusta, deve ser cheia de indulgencia para com Manuelita, a quem todos que a conhecem fazem justiça, reconhecendo o que dizemos como uma verdade. Manuelita foi o dique eterno, que fazia parar a colera de seu pae. Quando creança tinha um meio muito extravagante para obter d'elle a graça que pedia.

Fazia despir completamente o mulato Eusebio, arreiando-o como um cavallo, e calçava uns lindos sapatos com esporas. Eusebio punha as mãos no chão, e Manuelita montava-se-lhe nas costas, fazendo caracolar o seu bucephalo humano diante de seu pae que ria muito d'este singular brinquedo, concedendo a Manuelita o perdão que implorava.

Mais tarde quando ella comprehendeu que não podia empregar este meio, apesar de ser tão efficaz, começou a pôr em pratica a obra de Mecena ao pé de Augusto, quando elle lhe lançava as suas tabuas nas quaes estava escripto: *Surge, carnifex!* Mas Manuelita procedia de outra maneira, porque conhecendo seu pae perfeitamente, sabia as vaidades secretas que era necessario fazer vibrar, e por isso muitas vezes alcançava o que pedia.

Manuelita era ao mesmo tempo a rainha e escrava de seu pae. Administrava a casa, cuidava de Rosas, e encarregada de todas as relações diplomaticas era o verdadeiro ministro dos negocios estrangeiros de Buenos-Ayres.

Assim como Rosas era um ente á parte, que não se confundia com pessoa alguma na sociedade, Manuelita era tambem uma creatura não só estranha no meio de todas, mas mesmo estranha a todas, e que viveu n'este mundo solitaria, longe do amor dos homens e da sympathia das mulheres.

Rosas tambem tinha um filho chamado João, mas que nunca seguiu a politica de seu pae, e uma filha que ainda creança casou, sendo hoje uma casta esposa e mãe feliz, tendo um nome, o de seu marido, honrado e respeitado por todos.

Tendo alcançado o poder, o grande trabalho de Rosas, foi anniquilar a federação.

Lopes o seu fundador, cahiu doente. Rosas mandou-o vir para Buenos-Ayres e tornou-se seu enfermeiro.

Lopes morreu envenenado.

Quiroga, o chefe da federação, que havia escapado são e salvo de vinte batalhas, e de quem a coragem e lealdade era proverbial, morreu assassinado.

Cullen, o conselheiro da federação, foi nomeado governador de Santa Fé. Rosas improvisou uma revolução, e Cullen foi entregue a Rosas pelo governador de São Thiago.

Cullen foi fuzillado.

Todos os homens notaveis no partido federal tiveram a mesma sorte que tinham tido na Italia os homens de consideração durante o dominio dos Borgias. Pouco a pouco, Rosas, empregando os mesmos meios que Alexandre VI e seu filho Cesar, conseguiu reinar na republica argentina, que apesar de reduzida a uma perfeita unidade, conserva ainda o nome pomposo de federação, e vae talvez, ser inimiga dos *unitarios*.

Diremos algumas palavras dos homens que acabamos de nomear, fazendo reviver algum tempo os seus spectros accusadores, o que dará alguma idéa da scena de Shakespeare no *Ricardo 3.º*, antes do combate.

Havia n'esses homens uma especie de selvajaria politica que é digna de ser conhecida.

Fallemos primeiramente do general Lopes. Uma unica anedocta, dará não sómente idéa d'este chefe, mas fará conhecidos os homens com quem elle tinha a tratar.

Lopes era governador da Santa Fé, e tinha em Entre Rios um inimigo pessoal, o coronel Ovando, que em seguida a uma revolta foi conduzido prisioneiro ao general Lopes.

O general almoçava. Recebeu perfeitamente Ovando e convidou-o a almoçar. A conversação travou-se entre elles como entre dois convivas, aos quaes uma egualdade de condições tivesse ordenado a mais perfeita cortezia.

Comtudo no meio da conversação, Lopes exclamou:

—Coronel, se eu tivesse cahido nas suas mãos, como cahiu nas minhas e isto no momento em que almoçasse, que faria?

—Convidal-o-ia para almoçar, como v. ex.^a acaba de fazer.

—E depois?

—Mandava-o fuzillar.

—Estimo muito que pense do mesmo modo que eu. Acabando de almoçar será fuzillado.

—Se não se quer demorar muito, póde ser já.

—Não, não, acabe de comer descansado, não tenho muita pressa.

E continuaram a almoçar com todo o descanso, e tendo concluído:

—Julgo ser tempo, disse Ovando.

—Agradeço-lhe o não haver esperado que eu o lembrasse, respondeu Lopes.

Depois chamando o seu camarada.

—O piquete está pronto? perguntou elle.

—Sim, meu general, respondeu o soldado.

Então voltando-se para Ovando:

—Adeus, coronel, disse Lopes.

—Adeus, não; mas sim até á vista, porque não se vive muito tempo quando se fazem guerras como as nossas.

E cumprimentando Lopes sahiu. Cinco minutos depois, o estrondo de uma descarga annunciou a Lopes que o coronel Ovando havia entregue a alma a Deos.

Passemos a Quiroga.

QUIROGA

Este é mais nosso conhecido. A sua reputação atravessando os mares, fez echo em Paris, e a moda apoderou-se d'elle: de 1820 a 1823 todos tinham capotes á Quiroga e chapéus á Bolivar. É provavel que nem um nem outro tivessem usado dos capotes e chapéus que os seus admiradores adoptaram a duas mil leguas de distancia.

Quiroga, como Rosas, era tambem camponez e havia servido, na sua mocidade, como sargento no exercito de linha contra os hespanhoes.

Retirado ao seu paiz natal, a Rioja, entrou nos partidos internos, e tornado-se senhor do paiz, lançou-se na lucta das differentes facções da republica, e foi n'estas luctas que se mostrou pela primeira vez á America.

No fim de um anno, Quiroga era a espada do partido federal, e é talvez o unico homem que tenha obtido semelhantes resultados pela simples applicação do seu valor pessoal. O seu nome tinha alcançado um tal prestigio que só elle valia muitos exercitos.

A sua grande tactica no meio dos combates, era chamar para o pé de si o maior numero de perigos, e quando repentinamente dava o grito de guerra brandindo na mão essa longa lança que era a sua arma predilecta, os mais bravos faziam conhecimento com o medo.

Quiroga era cruel, ou antes feroz, mas na sua ferocidade havia sempre alguma cousa de grande e generoso. Era a ferocidade do leão e não a do tigre.

Quando o coronel Pringles, um dos seus maiores inimigos, foi feito prisioneiro e assassinado, o seu assassino apresentou-se a Quiroga, seu chefe, julgando ter ganho uma boa recompensa.

Quiroga deixou-lhe contar o seu crime, e mandou-o fuzillar.

Uma outra vez dois officiaes pertencentes ao partido inimigo foram feitos prisioneiros pelos soldados de Quiroga que lembrando-se do castigo do seu camarada, os conduziram sãos e salvos á presença do seu chefe.

Quiroga offereceu-lhe abandonar as suas bandeiras, servindo debaixo das suas ordens.

Um acceitou, outro recusou.

—Está bem, disse elle ao que havia acceitado, montemos a cavallo e vamos vêr fuzillar o seu camarada.

Aquelle sem fazer a menor observação, apressou-se a obedecer, e conversou todo o caminho alegremente com Quiroga de quem se julgava já ajudante de campo, em quanto o seu camarada cercado por um piquete, com as armas carregadas, marchava tranquillamente para a morte.

Chegado ao lugar destinado para a execução, Quiroga mandou ajoelhar o official que tinha recusado trahir o seu partido, e disse-lhe que se preparasse para morrer, e quando o viu prompto:

—Vamos, disse Quiroga, ao pobre official que se julgava já morto, és um bravo.—Monta no cavallo do teu camarada e parte.

E designava o cavallo do renegado.

—E eu? perguntou este.

—Tu, respondeu Quiroga, não precisas cavallo porque vaes morrer.

E apesar das supplicas que lhe fez em favor do seu camarada, aquelle a quem acabava de dar a vida, mandou-o fuzillar.

Quiroga só foi vencido uma vez, e essa pelo general Paz, o Fabio americano. Duas vezes destruiu o exercito de Quiroga nas terriveis batalhas de Tablada e Oncativo. Era um bello espectaculo para esses jovens republicanos o vêr a arte, a tactica e a estrategia em lucta contra a coragem indomavel e a vontade de ferro de Quiroga. Mas uma vez o general Paz foi feito prisioneiro, a cem passos do seu exercito, e desde essa época Quiroga foi invencivel.

Terminada a guerra entre o partido unitario e o partido federal, Quiroga empreendeu uma viagem ás provincias interiores sendo na volta, atacado em Barrancallaco por trinta assassinos, que fizeram fogo sobre a carroagem. Quiroga que se achava n'esta occasião doente, estava deitado, na carroagem, tendo-lhe por isso atravessado o peito uma balla. Apesar d'isso Quiroga levantou-se pallido e ensanguentado e abriu a portinhola. Vendo-o em pé, apesar de estar quasi cadaver, os assassinos fugiram; mas Santos Peres, seu chefe, dirigiu-se a Quiroga e dando-lhe um golpe na cabeça acabou de o matar.

Então os assassinos voltaram e acabaram a obra começada. Eram os irmãos Renafé, commandantes em Cordova que de accordo com Rosas dirigiam esta expedição. Mas Rosas tinha tido todo o cuidado de affastar de si todas as suspeitas, de modo que ninguém julgou fosse elle um dos cúmplices em semelhante morte, podendo por isso tomar o partido do que tinha feito assassinar, perseguindo os assassinos que foram presos, julgados, e fuzillados.

Falta Cullen.

Cullen, que tinha nascido em Hespanha, havia-se estabelecido na cidade de Santa Fé, onde se tinha ligado com Lopes, sendo depois seu ministro e director na politica. A immensa influencia que Lopes teve na republica argentina, desde 1820 até á sua morte em 1833, fez de Cullen uma personagem muito importante. Quando nos dias de sua desgraça, Rosas proscripto emigrou para Santa Fé, recebeu de Cullen toda a especie de serviços, mas esses serviços não poderam fazer esquecer ao futuro dictador que Cullen era um dos homens que queriam acabar com o reinado da arbitrariedade na republica argentina. Comtudo soube occultar o seu odio a Cullen debaixo das apparencias da maior amizade.

Pela morte de Lopes, Cullen foi nomeado governador da Santa Fé consagrando-se a fazer grandes melhoramentos na provincia, e em lugar de se mostrar inimigo da França, mostrou por esta nação muitas sympathias, considerando que a sua alliança era um grande passo para as suas idéas civilisadoras. Então Rosas promoveu uma revolução, que appoiou publicamente, sendo coadjuvado por alguma tropa. Cullen vencido refugiou-se na provincia de Santiago

del Estero, que governava o seu amigo Ibarra. Rosas, que destruindo a federação tinha já declarado Cullen *selvagem unitario*, entabou negociações com Ibarra afim de lhe entregar Cullen.

Durante muito tempo estas negociações não obtiverão resultado algum, julgando-se Cullen, seguro pela confiança que tinha no seu amigo, mas um dia foi preso pelos soldados de Ibarra e conduzido a Rosas que o mandou assassinar no meio do caminho, porque disse elle n'uma carta dirigida ao governador de Santa Fé que tinha succedido a Cullen, o seu *processo estava feito pelos seus crimes que eram conhecidos por todos*.

Cullen era dotado d'uma conversação agradável e d'um coração generoso. A sua influencia sobre Lopes foi sempre empregada a evitar toda a especie de rigor, e foi em resultado d'esta influencia que o general Lopes, não obstante as supplicas de Rosas, não consentiu em mandar fuzillar um unico dos prisioneiros da campanha de 1831, campanha que poz em seu poder os chefes mais importantes do partido unitario.

Cullen possuia uma instrucção superficial e os seus talentos eram mediocres.

Foi d'esta sorte que Rosas, o unico que talvez não teve nenhuma gloria militar, entre os chefes do partido federal, se desembaraçou dos chefes d'este partido, ficando desde então a pessoa mais importante da republica argentina, e senhor absoluto de Buenos Ayres.

Então Rosas tendo alcançado todo o poder, commeçou a sua vingança contra as classes elevadas que até então o tinham desprezado. No meio das personagens mais aristocratas e mais elegantes mostrava-se sempre vestido de jaqueta, ou sem gravata. Aos seus bailes a que presidia com sua mulher e filha, não eram convidados senão os carreiros, sapateiros, etc. Um dia abriu o baile dançando com uma escrava, e Manuelita com um gaucho.

Mas não foi só d'esta maneira que elle puniu a soberba cidade, porque proclamou o terrivel principio:

«o que não está comigo é contra mim»

E desde então todo o homem que lhe desagradava foi classificado de *selvagem unitario*, e o que uma vez Rosas havia designando por este nome não tinha mais direito nem á vida nem á honra.

Então para por em pratica as theorias de Rosas, organisou-se debaixo dos seus auspicios a famosa sociedade MAS-FORCA, isto é, ainda ha forca. Esta sociedade era composta de tudo quanto havia de peor na sociedade.

N'ella se achavam filiados por ordem superior o chefe da policia, os juizes de paz, e todos aquelles que deviam vigiar pela ordem publica. Por este meio quando os membros d'esta sociedade entravam em casa de qualquer cidadão, para a roubar ou assassinar o seu proprietario, era escusado chamar em seu auxilio a policia, porque ninguem corria a soccorrer a desgraçada victima. Estas excursões tinham logar quasi sempre de dia, tanto era o receio dos criminosos.

E quer o leitor alguns exemplos? Vamos dal-os, por que não é costume nosso fazer uma accusação sem a provar.

Os elegantes de Buenos-Ayres tinham n'esta época o habito de trazer os bigodes de modo que pareciam formar um U, e isto era sufficiente para a sociedade dos MAS-FORCA, debaixo do pretexto de que o U queria dizer unitario, se apoderar do desgraçado, rapando-lhe a cara com navalhas mal afiadas, de modo que a carne vinha juntamente aos pedaços com os cabellos. Depois de praticarem esta barbaridade, abandonavam a victima aos caprichos da populaça, que muitas vezes continuava esta brincadeira até dar a morte áquelle desgraçado.

As mulheres do povo começavam a usar nos cabellos a fita encarnada chamada *mono*. Um dia a Mas-forca collocada ás portas das principaes egrejas, marcou com um ferro em brasa todas as mulheres que entravam ou sahiam sem ter a tal fita.

Tambem não era uma cousa extraordinaria o ver uma mulher despojada dos seus vestidos e açoitada no meio da rua, e isto porque ella trazia um lenço, um vestido um enfeite qualquer, no qual havia a cor azul ou verde. O mesmo succedia com os homens da mais elevada posição, sendo apenas necessario para elles correrem

os maiores perigos que se apresentassem em publico de casaca ou com uma gravata.

Ao mesmo tempo que as pessoas, sem duvida designadas á muito, e que pertenciam ás classes superiores da sociedade perseguidas por uma cruel vingança, eram victimas d'estas violencias, centenas de cidadãos eram encarcerados, e isso só porque as suas opiniões não estavam em harmonia com as do dictador. Ninguém conhecia o crime porque era preso, mas isso tambem era desnecessario, visto ser conhecido de Rosas. Do mesmo modo que o crime ficava desconhecido, tambem o julgamento era considerado inutil, e todos os dias as prisões para poderem dar entrada a novas victimas, eram despojadas de algumas d'ellas que erão fuziladas. Estes fuzilamentos tinham logar de noute, sendo a cidade constantemente accordada de sobresalto.

De manhã, cousa horrivel que nem mesmo em França se viu durante os terriveis dias de 1793, os carreiros apanhavam tranquillamente os cadaveres dos assassinados e hiam ás prisões buscar os dos que tinham sido fuzillados, e conduzindo-os a um grande fosso onde eram todos lançados, sem que fosse permittido aos parentes das victimas o vir reconhecel-as e prestar-lhe as ultimas honras funebres.

Ainda não é tudo: os carreiros que conduzião estes restos deploraveis annunciavam a sua chegada por terriveis gracejos que faziam fechar todas as portas e fugir a população. Muitas vezes decepavam a cabeça do tronco, enchendo cestos com ellas, e offerecendo-as depois aos tranzuentes assustados.

Bem depressa o calculo se juntou á barbaridade, o fisco á morte.

Rosas comprehendeu que o meio de se conservar no poder era crear em volta de si interesses inseparaveis dos seus.

Então mostrou a uma parte da sociedade metade da fortuna da outra dizendo-lhe—É tua.

A partir d'este momento a ruina dos antigos proprietarios de Buenos-Ayres foi consumada, começando os amigos de Rosas a obter grandes fortunas.

O que não tinha ousado pensar nenhum tyranno, o que não tinha vindo á idéa de Nero, foi executado por Rosas: depois de haver assassinado o pai prohibiu ao filho o deitar luto. A lei que continha esta prohibição foi proclamada e fixada nas esquinas, e bem necessaria foi, porque quando não, tudo em Buenos Ayres andaria de luto!

Os excessos d'este despotismo admiraram alguns estrangeiros e sobre tudo alguns francezes. Rosas cansou a paciencia de Luiz Felipe, paciencia bem reconhecida, e logo depois teve lugar o primeiro bloqueio pela esquadra franceza.

Entretanto as classes elevadas tão mal tractadas, commeçarão a fugir de Buenos Ayres e para encontrar um asylo refugiaram-se no estado oriental, onde a maioria da cidade proscripta achou hospitalidade.

Foi em vão que a policia de Rosas redobrou de vigilancia, foi em vão que uma lei prohibio de morte a emigração, foi em vão que a essa morte se juntaram os mais crueis detalhes, porque Rosas conheceu bem depressa que a morte só não era sufficiente; o terror e o odio que inspirava Rosas eram mais fortes que os meios inventados por elle, e a emigração augmentava d'uma maneira espantosa a todos os momentos. Para realizar a fuga de toda uma familia, era só necessario encontrar um barco que a pudesse transportar. Encontrado elle, pai, mãe, filhos, irmãos, ahi se lançavam, abandonando casa, bens, fortuna, e todos os dias, se via chegar ao estado oriental, isto é a Montevideo algumas d'essas barcas cheias de passageiros tendo por unica fortuna o fato que levavam em cima de si.

Nenhum d'esses fugitivos teve de se arrepender da confiança que tinham posto na hospitalidade do povo oriental, pois essa hospitalidade foi como o teria sido a d'uma republica antiga; hospitalidade como devia esperar o povo argentino d'amigos, ou antes d'irmãos, que tantas vezes tinham combatido unidos para repellir os inglezes, hespanhoes ou brasileiros,—inimigos communs, inimigos estrangeiros—menos perigosos comtudo do que esse que havia nascido no meio d'elles.

Os argentinos chegavam em grande quantidade, e eram esperados no porto pelos habitantes, que escolhiam em rasão dos seus recursos pecuniarios, ou do tamanho da sua casa os emigrados que podiam recolher. Então viveres, dinheiro, fato, tudo era posto á disposição d'esses desgraçados, até que elles tivessem alcançado alguns recursos, no que todos os coadjuvavam. Elles do seu lado reconhecidos entregavam-se ao trabalho, afim de alliviar o fardo que impunhão aos seus hospedes, dando-lhe assim os meios de receber novos fugitivos. Para poderem praticar tão nobre acção, as pessoas mais habituadas ao luxo trabalhavam nos misteres mais infimos, enobrecendo-se tanto mais a occupação a que se entregavam era em opposição com o seu estado social.

Foi por este modo que os mais bellos nomes da republica argentina figuram na emigração.

Lavallée, a espada mais brilhante do seu exercito, Florencio Varella, o seu mais bello talento, Agüero, um dos seus primeiros homens de estado; Echaverria, o seu Lamartine; La Vega, o Bayardo do exercito das Andes; Gutierrez, o feliz cantor das glorias nacionaes; Alsina o grande advogado e illustre cidadão, pertencem ao numero dos emigrados, assim como apparecem Saenz, Valente, Molino, Torres, Ramos, Megia, grandes proprietarios; como apparecem, Rodrigues, o velho general dos exercitos da independencia, e unitario; Olozabal, um dos mais bravos d'esse exercito das Andes de que dissemos ter sido La Vega o Bayardo. Rosas perseguia igualmente o *unitario* e o *federal*, não se preocupando senão de se desembaraçar de todos os que podiam ser um obstaculo á sua dictadura.

É á hospitalidade concedida aos homens que elle perseguia que deve ser attribuido o odio de Rosas ao Estado oriental.

Na época a que nos referimos a presidencia da republica era exercida pelo general Fructuoso Rivera.

Rivera era camponez, como Rosas, como Quiroga; unicamente os seus instinctos eram humanitarios o que o fazia inimigo de Rosas. Como homem de guerra, a bravura de Rivera não podia ser excedida; como chefe de partido a sua generosidade não podia ser igualada. Durante trinta e cinco annos figurou nas scenas politicas

do seu paiz. Quando a revolução contra a Espanha começou, Rivera sacrificou a sua fortuna, por que não era só generoso, era prodigo.

Do mesmo modo que Rivera era prodigo para com os homens, Deus tinha sido prodigo para com elle. Era um bello cavalheiro, em todo o sentido da palavra hespanhola *caballero*, que comprehende ao mesmo tempo o soldado e o gentleman, de estatura elevada, de olhar prescutador, conversando com graça, e attraíndo todos por um gesto particular que só lhe pertencia, sendo por isso o homem mais popular dos Estados orientaes. Mas se Rivera como homem era mui apreciavel, como administrador nunca houve nenhum que desorganisasse mais os recursos pecuniarios d'uma nação. Assim como havia destruido a sua fortuna particular, destruiu a fortuna publica, não para se enriquecer, mas porque homem publico tinha conservado todos os habitos do homem particular.

Na epocha que descrevemos, essa ruina ainda não se fazia sentir: Rivera, commeçava a sua presidencia, e estava rodeado dos homens mais notaveis do paiz: Obez, Herrero, Vasques, Alvares, Ellauri, Luiz Eduardo Peres, erão verdadeiramente senão seus ministros ao menos seus directores, e com estes homens tudo o que era progresso, liberdade e prosperidade, estava promettido a este bello paiz.

Obez, o primeiro dos amigos de Rivera era um homem d'um character respeitavel. O seu patriotismo, o seu talento eminente, a sua instrucção profunda o collocaram no numero dos grandes homens da America, e para que nada faltasse á sua popularidade, morreu no exilio victima do systema de Rosas no Estado oriental.

Luiz Eduardo Peres, era o Aristides de Montevideo. Republicano severo, patriota exaltado, consagrou a sua longa existencia á virtude, á liberdade, e ao seu paiz.

Vasquez, homem de talento e instrucção, rendeu os primeiros serviços ao seu paiz no cerco de Montevideo, na guerra contra a Hespanha e acabou a sua carreira durante o cerco contra Rosas.

Herrera, Alvares, e Ellauri cunhados de Obez, não ficaram atraz dos que temos nomeado. Foram deffensores dedicados do Estado

oriental, e de toda a causa americana, sendo por isso os seus nomes mui respeitados em todo o territorio americano.

MANUEL ORIBE

A presidencia de Rivera finalisou em 1834. O general Manuel Oribe foi quem lhe succedeu, por influencia do proprio Rivera que contava ter n'elle um amigo e continuador do seu systema. Com effeito Manuel Oribe tinha sido nomeado general por Rivera, e havia feito parte da precedente administração, como ministro da guerra.

Oribe pertencia ás primeiras familias do paiz. O seu espirito era fraco, a sua intelligencia acanhada, explicando-se por isso a sua alliança com Rosas, a quem se entregou totalmente, sem pensar que essa alliança trazia comsigo a perda d'essa mesma independencia pela qual tantas vezes havia combatido.

Como general a sua incapacidade era incompleta. As suas paixões tinham a violencia das organizações nervosas e arrastavam-n'o á crueldade. Como particular era um homem honesto.

Como administrador foi mais economico que Rivera e não se lhe pode censurar o ter augmentado o defficit do thesouro, e comtudo é a elle que cabe toda a responsabilidade da ruina do Estado oriental. Esquecendo que para ser chefe de partido, não é sufficiente só o querer sel-o, recusou o ficar aliado do grande partido nacional de que Rivera era chefe. Querendo formar um partido seu, excitou a desconfiança de todos e espantado pela sua fraqueza lançou-se nos braços de Rosas. Ainda que o tratado tivesse ficado secreto todos conheceram esta alliança pelas hostilidades secretas do governo contra a emigração argentina e como todos detestavão o systema de Rosas, o paiz seguiu Rivera, quando elle em 1836 se collocou á frente d'uma revolução contra Oribe.

Não obstante essa revolução em que tomou parte quasi todo o paiz, Oribe resistiu até 1838.

Oribe deixou a presidencia por renuncia feita oficialmente perante as camaras e sahiu do paiz tendo pedido ás mesmas camaras licença para se retirar.

Rosas, vendo-o abandonar a sua posição, obrigou-o a protestar contra essa renuncia, e reconhece-o como chefe do paiz de que havia sido expulso. Foi o mesmo do que se Luiz Filipe, tivesse em Clermont reconhecido o duque de Bordeos como vice-rei da republica franceza.

Em Montevideo zombaram ao principio d'essa excentricidade do dictador, mas elle preparava-se para mudar esses risos em lagrimas.

A consequencia natural da conducta de Rosas era a guerra entre as duas nações.

Esta guerra foi horrivel.

Oribe, a quem alguns dos nossos jornaes, pagos por Rosas, chamaram o *illustre* e o *virtuoso* Oribe, foi ao mesmo tempo general e carrasco.

Mostremos aos leitores algumas d'essas paginas de sangue publicadas pela *America do Sul*, e nas quaes vem registados dez mil assassinatos.

Tomemos ao acaso alguns dos relatorios feitos a Rosas pelos seus agentes e officiaes.

O general D. Marianno Achaque serve no exercito contrario a Rosas, defende S. João e no dia 22 de agosto de 1841 rende se depois de quarenta e oito horas de resistencia. D. José Ramires official de Rosas transmite então ao governo de S. João o relatorio official d'este successo. Copiaremos estas linhas:

Tudo se acha em nosso poder, mas com perdão e garantia para todos os prisioneiros. Entre elles está um filho de Lamadrid.

Agora leia-se o numero 2067 do *Diario da tarde* de Buenos Ayres, de 22 de outubro de 1841, e em opposição do documento official de José Ramires, que assegura a vida dos prisioneiros, veja o leitor o seguinte:

Desaguedero, 22 de setembro de 1841.

«O selvagem unitario Marianno Acha foi hontem decapitado e a sua cabeça exposta ao publico.

Assignado: *Angelo Pacheco.*»

É necessario não confundir este Pacheco, tenente de Rosas com seu primo Pacheco y Obes um dos seus inimigos mais encarniçados.

O leitor deve lembrar-se que no relatorio de Ramires se acha esta frase.

«Entre os prisioneiros está um filho de Lamadrid.»

Veja-se a *Gazeta Mercantil*, numero 5703, de 20 de abril de 1842 e ahi se encontrará esta carta escripta por Mazario Benavides a D. João Manoel Rosas:

Miraflore 7 de abril de 1842.

«Em um despacho precedente, dei-lhe parte dos motivos porque conservava o selvagem Gyriaco Lamadrid, mas sabendo que elle se tinha dirigido a muitos chefes da provincia para os resolver a tomar a sua defesa, mandei assim que cheguei a Rioja *decapital-o, assim como o salvagem unitario Manoel Julião Frias, natural de Santiago.*

Assignado: *Mazario Benavides.*»

Manoel Oribe á testa dos exercitos de Rosas encarregados de submeter as provincias Argentinas, derrotou, a 15 de abril de 1842, no territorio de Santa-Fé as forças commandadas pelo general João Paulo Lopes.

Entre os prisioneiros encontra-se o general D. João Martins.

Lêde esse fragmento d'uma carta d'Oribe:

«No quartel general de Banancas de Cosonda 17 de abril de 1842.—Trinta e tantos mortos e alguns prisioneiros, entre as quaes se achava *João Martines a quem hontem mandei decepar a cabeça.*

Assignado: *Manoel Oribe.*»

Se ainda tendes em vosso poder a *Gazeta mercantil*, vêde o numero 5903, de 20 de setembro de 1842, e ahi encontrareis um relatorio official de Manuel Antonio Saravia, empregado no exercito de Oribe.

Este relatorio contém uma lista de desasete individuos, de que um era chefe de batalhão e outro capitão, que foram prisioneiros em Numayan, soffrendo ahi o *castigo ordinario da pena de morte*.

Voltemos ao *illustre e virtuoso* Oribe, numero 3007 do *Diario da tarde*, onde vem o seguinte a proposito da batalha de Monte Grande.

«Quartel general no Ceibal 14 de setembro de 1841.

«Entre os prisioneiros foi encontrado o traidor selvagem unitario, ex-coronel Facundo Borda, que *foi executado immediatamente, com outros pertendidos officiaes de cavallaria e infanteria*.

Manoel Oribe.»

Oribe estava feliz; um traidor lhe entregou o governador de Tucuman e os seus officiaes. Eis como elle annuncia esta noticia a Rosas.

«Quartel general de Métau 3 de outubro de 1841.

«Os selvagens unitarios que me entregaram o commandante Sandoval e que são Marion, o pertendido governador general de Tucuman, Avellanieda, o pertendido coronel J. M. Villela, o capitão José Espejo, e o tenente Leonardo de Sousa, *foram immediatamente executados na forma ordinaria*, á excepção de Avellanieda a quem ordenei que cortassem a cabeça, sendo exposta ao publico na praça de Tucuman.

Manoel Oribe.»

Agora passemos a outro carrasco de Rosas.

«Casamarca 29 do mez de Rosas 1841. A S. Excellencia o senhor governador Arredondo.

«Depois de duas horas de fogo a infantaria foi passada á espada, e a cavallaria posta na mais completa desordem.

«O general conseguiu escapar-se pela serra de Ambaste com trinta homens, mas foi perseguido e apanhado e a sua cabeça será bem depressa exposta na praça publica, assim como já o estão as dos perteadidos ministros Gonçalves Dulce e Espeche.

«Viva a federação!

Assignado: *M. Maza.*»

«*Lista dos selvagens unitarios pertendidos chefes e officiaes que foram executados depois da acção de 29:*

«Coronel: Vicente Mercao.

«Commandantes: Modesto, Villafane, João Pedro Ponce, Damasio Arias, Manoel Lopes, Pedro Rodrigues.

«Chefes de batalhão; Manoel Riso, Santiago da Cruz.

«Capitães: João de Deus Ponce, José Salas, Pedro Araujo, Izidoro Ponce, Pedro Barros.

«Ajudantes: Damario Sarmento, Eugenio Novillo, Francisco Quinteros Daniel Rodrigues.

«Tenente: Domingos Dias.

Assignado: *M. Maza.*»

Apresentaremos mais esta carta de Maza, para depois voltarmos a Rosas.

«Casamarca, 4 de novembro de 1841.

«Já lhe disse que pozemos em completa desordem o selvagem unitario Cubas, e que era perseguido, esperando ter em breve em meu poder a cabeça do bandido. Foi com effeito prisioneiro no Cerro das Ambastes, e a sua cabeça está exposta na praça publica da cidade.

«Depois da acção foram feitos prisioneiros dezenove officiaes que seguiam Cubas. *Não dei quartel.* O triumpho foi completo.

M. Maza.»

Vejamos de passagem no *Boletim de Mendonça* n.º 12, esta carta escripta no campo de batalha d'Arroyo Grande e dirigida ao governador Aldao pelo coronel D. Jeronymo Costa.

«Fizemos prisioneiros mais de cento e cincoenta officiaes que foram executados immediatamente.»

Todo o fogo de artificio tem o seu ramalhete, terminaremos pelo seu ramalhete este fogo de artificio de sangue.

Prometti fallar de novo em Rosas, e vou agora cumprir a minha promessa.

O coronel Zelallaran foi morto e a sua cabeça offerecida a Rosas que passou tres horas a dar-lhe pontapés. N'esse momento soube que um outro coronel, irmão d'armas do primeiro, havia sido feito prisioneiro. No primeiro momento teve tenção de o mandar fuzillar, mas depois mudou de resolução, e condemnou-o a ter doze horas por dia, durante tres dias, essa cabeça cortada em cima de uma meza que se devia achar collocada na sua frente.

Rosas mandou fuzillar na praça de S. Nicolau alguns dos prisioneiros do general Paz.

Entre elles estava o coronel Vedela antigo governador de S. Luiz; no meio do supplicio o filho do condemnado lançou-se nos braços de seu pae.

—Fuzillae ambos, disse Rosas.

E o pae e o filho expiraram nos braços um do outro.

Rosas mandou conduzir a uma das praças de Buenos Ayres oitenta prisioneiros indios, e em pleno dia e na presença de todos os mandou matar a estocadas.

Camilla O'Gorman menina de dezoito annos e oriunda d'uma das principaes familias de Buenos-Ayres, foi seduzida por um padre de vinte e quatro, e fugiram ambos de Buenos-Ayres, refugiando-se n'uma pequena villa de Corrientes onde passando por esposos, estabeleceram uma pequena escola. Corrientes cahe em poder de Rosas, e os dous fugitivos reconhecidos por um padre e denunciados por elle a Rosas, são presos e conduzidos a Buenos-Ayres, onde sem julgamento Rosas os mandou fuzillar.

—Mas, diz alguém a Rosas, Camilla está grávida!

—Baptisae o ventre, diz Rosas, que como *excellente christão*, quer salvar a alma do menino.

Esta cerimonia executada, Camilla O'Gorman foi fuzillada.

Tres ballas atravessaram os braços da desgraçada mãe que os havia estendido para proteger seu filho...

Depois d'isto como diremos que a França se pronunciou em favor de Rosas?

E com effeito o tratado de 1840 assignado pelo almirante Mackan, firmou então o poder de Rosas, deixando só a republica oriental engagada na lucta.

Foi então que appareceu Garibaldi na sua volta do Rio Grande.

D'um lado Rosas e Oribe, isto é, a força, a riqueza, o poder combatendo pelo despotismo.

Do outro lado, uma pequena republica, uma cidade arruinada, um thesouro exaustivo, um povo sem recursos, não podendo pagar aos seus defensores, mas combattendo pela liberdade.

Garibaldi não hesitou; e encaminhou-se para os deffensores da liberdade.

Agora abandonamos a penna para lhe deixarmos contar a historia d'esse cerco, que como o de Troia, durou nove annos.

Notas.

[1] Giuseppe La Farina, Storia d'Italia.

[2] Storia Italia.—La Farina.

[3] Estes successos que tinham lugar em um ponto aonde não estava Garibaldi, são aqui referidos unicamente para explicação historica, sendo extrahidos de Angelo Brofferio.

[4] Nome das herdades na America do Sul.

[5] Dono do estabelecimento.

[6] A provincia de Santa Catharina foi dada em dote pelo imperador a sua irmã, quando ella casou com o principe de Joinville.

[7] Quando acabei de lêr este capitulo fiquei admirado de o vêr pouco comprehensivel. Voltei-me para Garibaldi, e disse-lhe:

—Lê isso, acho ahi uma grande falta.

Lêu, e depois de um momento de silencio, disse-me suspirando:

—É necessario que isso fique como está.

Dous dias depois recebi um manuscripto intitulado—*Annita Garibaldi*.

[8] É escusado repetir que estas Memorias tinham sido escriptas por Garibaldi unicamente para serem lidas por alguns amigos.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

ÍNDICE

PROLOGO	5
I MEUS PAES	25
II OS MEUS PRIMEIROS ANNOS	27
III AS MINHAS PRIMEIRAS VIAGENS	29
IV AS MINHAS PRIMEIRAS AVENTURAS	31
V OS ACONTECIMENTOS DE S. JULIÃO	34
VI O DEUS DOS BONS	38
VII ENTRO AO SERVIÇO DA REPUBLICA DO RIO GRANDE	42
VIII CORSARIO	45
IX O RIO DA PRATA	48
X AS PLANICIES ORIENTAES	50
XI A POETISA	52
XII O COMBATE	55
XIII LUIZ CARNIGLIA	57
XIV PRISIONEIRO	58
XV A APOLEAÇÃO	60
XVI VIAGEM NA PROVINCIA DO RIO GRANDE	62
XVII A LAGOA DOS PATOS	65
XVIII ARMAMENTO DE LANCHÕES EM CAMACUA	67

XIX	A ESTANCIA DA BARRA	69
XX	EXPEDIÇÃO A SANTA CATHARINA	75
XXI	PARTIDA E NAUFRAGIO	77
XXII	JOÃO GRIGGS	81
XXIII	SANTA CATHARINA	83
XXIV	UMA MULHER	85
XXV	O CRUZEIRO	87
XXVI	SAQUE DE IMERUI	90
XXVII	NOVOS COMBATES	91
XXVIII	A CAVALLO	94
XXIX	A RETIRADA	98
XXX	ESTADA NAS LAGES E NOS ARRABALDES	100
XXXI	BATALHA DE TAQUARI	103
XXXII	ASSALTO A S. JOSÉ DO NORTE	108
XXXIII	ANNITA	110
XXXIV	LEVANTA-SE O CERCO.—ROSSETTI	116
XXXV	A PICADA DAS ANTAS	118
XXXVI	CONDUCTOR DE BOIS	122
XXXVII	PROFESSOR DE MATHEMATICA E CORRETOR DE COMMERCIO	128
	MONTEVIDEO	130
	ROSAS	139
	QUIROGA	150
	MANUEL ORIBE	158

Nota do Transcritor

Pontuação e hifenização foram normalizados.

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1860. A ortografia original foi mantida com exceção de alguns erros óbvios.

O índice foi adicionado.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK MEMORIAS DE JOSÉ GARIBALDI, VOLUME 1 ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.